

UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ

Doutorado em Educação, Conhecimento e Sociedade

Mariana Sousa Silva Rios Costa

SUICÍDIO E DISCURSO: as diferentes formas da (de)negação

Pouso Alegre

2021

Mariana Sousa Silva Rios Costa

SUICÍDIO E DISCURSO: as diferentes formas da (de)negação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade Vale do Sapucaí como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Educação, Conhecimento e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Atílio Catosso Salles

Linha de Pesquisa: Análise de Discurso

Pouso Alegre

2021

COSTA, Mariana Sousa Silva Rios
SUICÍDIO E DISCURSO: as diferentes formas da
(de)negação – 2021.

132 f.

Tese (Doutorado em Educação, Conhecimento e
Sociedade) – Universidade Vale do Sapucaí, Pouso
Alegre, 2021.

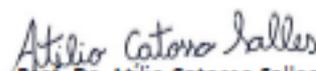
Orientação: Prof. Dr. Atílio Catosso Salles.

1. *Conhecimento.* 2. *Sociedade.* 3. Suicídio.
4. (De)negação. 5. Negação.

CDD: 401.4

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a tese intitulada "SUICÍDIO E DISCURSO: as diferentes formas de (de)negação" foi defendida, em 22 de abril de 2021, por MARIANA SOUSA SILVA RIOS COSTA, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade, nível Doutorado, sob o Registro Acadêmico nº 98010169, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Prof. Dr. Atilio Catosso Salles
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientador



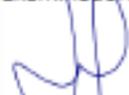
Profa. Dra. Amanda Maria Bicudo de Souza
Instituto Federal de São Paulo - IFSP
Examinadora



Profa. Dra. Carina Adriele Duarte de Melo
Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS
Examinadora



Profa. Dra. Camila Claudiano Quina Pereira
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinadora



Prof. Dr. Diego Henrique Pereira
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinador

Dedico aos meus pais, pelo dom da vida, à minha filha Raquel, que me deu o dom da maternidade e me renova a força de viver a cada dia e ao meu marido Júlio, responsável pelo incentivo constante ao meu crescimento profissional e por sábias lições de vida, além do afago confortante nas horas difíceis. Também dedico ao meu avô Telmo, *in memoriam*, por me dar suporte e confiança no início da minha trajetória acadêmica e por seu exemplo de ser humano que seguirá inspirando a minha jornada e à minha amiga Sara Nobrega, *in memoriam*, pela amizade e pela falta que ela me faz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por não me deixar sucumbir ao cansaço e à falta de esperança, fazendo-me compreender que o tempo Dele é o correto e que nada acontece a não ser por Suas mãos.

À minha família, representada nas pessoas do meu marido Júlio, minha filha Raquel, e meu cão John, pela paciência enquanto laborava neste projeto e pelo aconchego revigorante a cada dia.

À minha querida amiga Fátima Amarante, amizade que começou em uma aula de Inglês.

Aos funcionários da UNIVÁS, em especial ao Guilherme Oliveira, que dedicou atenção especial às minhas dificuldades burocráticas e tecnológicas desde o mestrado, sempre gentil e solícito.

À querida amiga e parceira de profissão Jaqueline Miranda pelo apoio e incentivo.

Ao meu orientador Atilio Catosso Alves pela atenciosa orientação e pela compreensão dos meus limites.

A conclusão deste trabalho resume-se em dedicação que vi ao longo dos anos em cada um dos professores deste curso, a quem agradeço.

*“É muito menos doloroso morrer do que estar vivo
com vontade de morrer.”*

Pedro Chagas Freitas

RESUMO

No cenário contemporâneo houve um aumento dos registros de suicídio no mundo todo. No Brasil, em especial, esse aumento é bem significativo. Ao recortar esse tema para realização de nossa pesquisa, destacamos que o suicídio não possui uma causa única, pelo contrário, pode ser pensado como um elemento multifacetado, cujo “motivo” pode estar atrelado a diversos fatores sociais, políticos e psíquicos. Esse tema tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, tais como a filosofia, a sociologia, a medicina, a psicologia, a teologia, entre outros campos. Muitos estudiosos buscam entender e encontrar uma resposta para a pergunta: “por que a pessoa cometeu suicídio?” Não é essa pergunta que nos comprometemos a investigar aqui. São diversas possibilidades que podem fundamentar o ato suicida. O presente estudo pautou-se em estudar uma regularidade presente no discurso suicida que é o mecanismo de defesa denominado por Freud de (de)negação. No anseio para compreender o funcionamento da (de)negação/negação nos escritos suicidas, foram selecionadas três cartas que se encontram disponíveis na mídia. A (de)negação/negação pode ser entendida como um não afirmativo, em que o sujeito nega algo visando proteger as manifestações do ego. Essa ação ocorre de forma inconsciente e, via de regra, refere-se a um conteúdo aversivo que se assimilado conscientemente pode ocasionar desconforto para o sujeito implicado. As plataformas midiáticas têm sido um potente meio de comunicação entre os jovens e é nesse espaço pessoal e impessoal, concomitantemente, que eles expressam suas emoções e seus sentimentos, atingindo o alcance muitas vezes de milhares de pessoas em suas exposições. Esse cenário nos faz repensar sobre a condição do novo “papel de carta” que pode ser entendido também como a tela branca dos aplicativos sociais. Nesse contexto a presente pesquisa objetivou compreender como a (de)negação comparece em cartas de pessoas que cometeram suicídio e, também, quais são os sentidos produzidos pela (de)negação nesses materiais elegido por nós. A análise das cartas foi realizada à luz da Psicanálise e da Análise de Discurso. Nas cartas, mesmo que de modos diferentes, foi possível notar que a presença da (de)negação produz, enquanto efeito, uma tentativa do indivíduo de elaborar o que pôde ter fundamentado, desencadeado o ato cometido sobre si. Ao negar sentidos outros tomam corpo da/na escrita e tomam o corpo do sujeito.

Palavras-chave: Conhecimento. Sociedade. Suicídio. (De)negação. Negação.

ABSTRACT

In the contemporary scenario, there has been an increase in suicide records worldwide. In Brazil, in particular, this increase is quite significant. When cutting this theme to carry out our research, we highlight that suicide does not have a single cause, on the contrary it can be thought of as a multifaceted element, whose “motive” may be linked to several social, political, psychic factors. This topic has been the subject of study in several areas of knowledge, such as philosophy, sociology, medicine, psychology, theology, among other fields. Many scholars seek to understand and find an answer to the question of many: why did the person commit suicide? It is not this question that we undertake to investigate here. There are several possibilities that can support the suicidal act. The present study was based on studying a regularity present in the suicidal discourse, which is the defense mechanism called by Freud as (de) denial. In the desire to understand the functioning of (de) denial/denial in suicidal writings, three letters were selected and are available in the media. The (de) negation /negation can be understood as a non-affirmative, where the subject denies something in order to protect the ego's manifestations. These occur unconsciously and as a rule refers to an aversive content that, if consciously assimilated, can cause discomfort for the subject involved. Media platforms have been a powerful means of communication among young people and it is in this personal and impersonal space, at the same time, that they express their emotions and feelings, reaching the reach often of thousands of people in their exhibitions. This scenario, makes us rethink about the condition of the new “stationery” that can also be understood as the white screen of social applications. In this context, this research aimed to understand how (de) denial appears in letters from people who have committed suicide, and also, what are the meanings produced by (de) denial in these materials chosen by us. The analysis of the letters was carried out in the light of Psychoanalysis and Discourse Analysis. In the letters, even if in different ways, it was possible to notice that the presence of (de) negation produces, as an effect, an attempt by the individual to elaborate what he could have justified, triggering the act committed on him. When denying, other senses take on the body of/in writing and take on the subject's body.

Keywords: Knowledge. Society. Suicide. (de) negation. Denial.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Taxa de suicídio ao longo dos anos.....	37
Gráfico 2: Número de notificações por lesão.....	40
Gráfico 3: Proporção de notificações por lesão autoprovocada em cada região	41
Gráfico 4: Proporção de notificações de tentativas de suicídio em cada região	42
Gráfico 5: Variação da taxa de mortalidade por suicídio a cada 100 mil habitantes no período de 2011 a 2015	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Taxa de suicídio a cada 100 habitantes	35
Tabela 2: Taxa de suicídio por região a cada 100.000 habitantes	38
Tabela 3: Proporção de óbitos por suicídio e meio utilizado	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do discurso
OECD	Organization for Economic Co-operation and Development
OMS	Organização Mundial da Saúde
SIM	Sistema de Informação sobre Mortalidade
VIVA/Sinan	Vigilância de Violências e Acidentes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação
WHO	World Health Organization

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	HISTORICIDADE DO SUICÍDIO	19
2.1	O suicídio na Idade Média.....	21
2.2	A visão sobre o suicídio na época do Iluminismo rumo à Idade Contemporânea	26
3	O SUICÍDIO EM TEMPOS ATUAIS.....	31
3.1	Epidemiologia do suicídio	34
3.2	Estatística do suicídio no Brasil	39
4	MÍDIA E SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA	46
4.1	Relação entre adolescência e suicídio	46
4.2	A Internet como meio de comunicação.....	50
4.3	As Redes Sociais	52
4.4	Adolescentes e mídias virtuais	54
4.5	Sociologia e suicídio.....	56
5	SUICÍDIO, PSICANÁLISE E ANÁLISE DE DISCURSO.....	60
5.1	Um breve histórico da Psicanálise	60
5.2	Conceitos psicanalíticos e o suicídio	63
5.3	Alguns conceitos que permeiam a (de)negação	66
5.4	Entendendo o conceito de (de)negação.....	68
5.6	Compreendendo a Análise de Discurso	73
6	ANÁLISE DISCURSIVA DAS CARTAS DE SUICIDAS SOBRE A PREMISA DO CONCEITO DE (DE)NEGAÇÃO	80
6.1	Análise das cartas	84
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS.....	113
	ANEXO A – CARTA DE SD1.....	123
	ANEXO B – CARTA DE SD2.....	126
	ANEXO C – CARTA DE SD3.....	132

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho abordou um tema que vem suscitando, cada vez mais, pesquisas em virtude do seu ritmo crescente, trata-se do suicídio e das questões envolventes no discurso do indivíduo que tenta ou comete o ato. O suicídio é um problema social que existe desde o início dos tempos, até mesmo na faixa etária correspondente à adolescência, mas sempre foi abordado de uma forma diferenciada por ser um tabu para muitos.

Entende-se por suicídio como sendo o fato de a pessoa causar lesão a si própria e, para uma melhor compreensão, pode ser classificado em três categorias, porém cabe ressaltar que nem sempre ocorre desta maneira: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. A primeira categoria diz respeito aos pensamentos, vontades e planejamentos de cometer o suicídio. Já a tentativa é a ação de destruição praticada contra si na qual a morte não é o resultado almejado. E o suicídio, propriamente dito, é quando o indivíduo comete um comportamento de autolesão obtendo a morte como resultado (WERLANG; BORGES; FENSTERSEIFER, 2005).

O suicídio não está pautado em um gênero, raça, religião, faixa etária ou nível social, ele está presente na sociedade há séculos e tem crescido no meio dos jovens e adolescentes, e muitos questionam o motivo da tentativa ou do ato consumado. Há o interesse em saber o que os suicidas pensam e o que trazem em seus discursos, no intuito de compreender o motivo de tentar e/ou tirar a própria vida, principalmente quando se trata de jovens e adolescentes.

O suicídio na adolescência é um assunto complexo e multifatorial, podendo ser considerado um problema de saúde pública e também social. A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano caracterizada por modificações físicas e hormonais, assim como mudanças na identidade, na autoconsciência e na flexibilidade cognitiva (MENDONÇA, 2015).

Ainda que, no Brasil, as taxas de suicídio na adolescência sejam baixas, de acordo com Braga e Dell'Aglio (2013), isso não diminui a sua relevância. Trata-se de um problema de saúde pública e está entre as três principais causas de morte entre os indivíduos de 15 a 44 anos e a segunda entre os indivíduos inseridos na faixa etária dos 10 aos 24 anos, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2010. Dados levantados pelo Ministério da Saúde (MS), em 2009, salientam que o

estado do Rio Grande do Sul é o que apresenta o maior índice de suicídio nacional.

De acordo com Escóssia (2017), a taxa de suicídio entre os jovens brasileiros subiu 10% desde 2002. O assunto, ainda muito pouco discutido, cresce de modo vagaroso, porém constante. Entre os jovens de 15 a 29 anos, a taxa aumentou de 5,1 por 100 mil habitantes, em 2002, para 5,6, em 2014; de 1980 a 2014, o crescimento foi de 27,2%. Esses dados são de um estudo oficial do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), do MS. Trata-se de um fenômeno que não é atual e nem isolado. O número absoluto de suicídio entre os jovens entre a faixa etária dos 15 aos 29 anos, em 2014, é 2.898. Contudo, como esse assunto é tratado de modo silenciado, muitos preferem não enxergar que os suicídios são tão alarmantes quanto os homicídios, pois retratam momentos de profundo sofrimento e dor. Para o sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz, coordenador da Área de Estudos da Violência da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, as regiões brasileiras onde os índices são maiores são o Centro-Oeste e o Norte, sendo que esses números são extremamente preocupantes entre os indígenas habitantes dessas regiões (Mato Grosso com 13,6% e Amazonas com 11,9%).

O próprio Waiselfisz (2014) escreveu um livro sobre o assunto, intitulado “Os Jovens do Brasil”, no qual dedicou um capítulo sobre o assunto. Nesse capítulo, o autor coloca que, entre 1980 e 2012, as taxas de suicídio cresceram 62,5%, considerando todas as faixas etárias. Com relação aos jovens, foco do presente trabalho, ressalta-se que o país apresenta uma escassez em relação à cultura ou tradição suicida.

Braga e Dell’Aglia (2013) citam como causas relacionadas ao suicídio, histórico de suicídio familiar, transtornos mentais, experiências estressoras, depressão, exposição à violência, abuso de álcool e drogas, *bullying*, conflitos familiares e outros. Algumas outras possíveis causas relacionadas ao suicídio na adolescência são sentimentos ambivalentes, depressão, histórico de tentativa anterior ou de suicídio na família, abuso de substâncias, relacionamentos problemáticos, solidão, entre outros. Vale ressaltar que além dessas possíveis causas de aspecto individual, também há possíveis causas de caráter social, ou seja, aspectos da sociedade que de uma certa maneira corroboram para uma atitude suicida.

O suicídio é um sério problema de saúde pública, e sua prevenção não é tarefa fácil para os profissionais que precisam lidar com esse problema diariamente. Desde 2006, o Brasil (2017) vem lançando uma estratégia nacional com várias atividades e

em diferentes níveis de modo a melhor qualificar equipes de saúde para que possam, precocemente, detectar o comportamento suicida ou a ideação suicida de modo a estabelecer um tratamento adequado.

Vistas essas questões e a presença do suicídio cada vez mais abrangente em meio a jovens e adolescentes, causou-me o interesse em estudar e pesquisar esse tema, como também, o funcionamento discursivo de suicidas, resgatando discursos de jovens nas redes sociais. É possível notar que diversas cartas deixadas por aqueles que suicidaram, muitas vezes, vêm carregadas de elementos na negativa. Sendo assim, a pesquisa levantada neste trabalho tem como foco compreender como a (de)negação aparece no discurso de pessoas que pensam e cometem o suicídio e quais são os sentidos produzidos por essa (de)negação.

A palavra negação/negativa e (de)negação utilizadas para dimensionar um dos mecanismos de defesa descrito por Freud (2007 [1925]) no seu texto emblemático a negativa. Os dois vocábulos são aceitos e utilizados na psicanálise devido à dificuldade e multiplicidade de possibilidades na tradução da palavra alemã "*Verneinung*" (HANNIS, 1996, p. 315). Ambos os termos remetem a uma dinâmica, cujo movimento produz o efeito de negar elementos inconscientes que, ao ser (de)negado, podem ser evidenciados.

No que tange à produção de sentidos atribuídos à análise, podemos argumentar a não fixação de um sentido a um significado exclusivo, mas à possibilidade contida na atribuição de sentidos outros que podem ser evidenciados por meio da linguagem, seja através do dizer materializado nas cartas, ou através do dizer materializado no corpo em decorrência do suicídio. Para Freud a dinâmica (de) negatória consiste na possibilidade do sujeito de negar uma afirmação. Na análise das cartas, a escrita do sujeito, dimensiona a sua visão de mundo permeada por sua experiência, sua ideologia, suas memórias, suas condições de produção e a sua história, bem como, o olhar interpretativo do analista que também abarca os elementos mencionados e possui um caráter específico do sujeito que singulariza sua visão dos elementos apontados. Dessa forma, o dizer pode significar uma pluralidade de sentidos que ficam viesados por meio do olhar interpretativo de cada leitor.

Para a compreensão dessa questão foram coletadas da internet três cartas de pessoas que cometeram suicídio (as cartas encontram-se nos Anexos A, B e C) e realizada a análise do seu discurso à luz dos conceitos psicanalíticos, materialismo histórico e linguística. O intuito foi de compreender a presença da

(de)negação/negação presente nas cartas, já que essas são o lugar da escrita de si e constituem o discurso do suicida, enquanto as publicações e postagens deixadas na internet constituem um discurso sobre o suicídio. É importante compreender a problemática da linguagem das cartas como algo fortemente aliado à psicanálise, pois nelas se encontram os aspectos denegatórios do suicídio.

Pereira e Botti (2017) comentam que a tecnologia é uma ferramenta integradora e facilitadora dos meios de comunicação. A internet cria espaços virtuais e sociais na vida de todos, oferecendo diferentes perspectivas na vivência de conhecimentos bons e ruins. E, sem dúvida, os jovens são extremamente vulneráveis a esse tipo de comunicação virtual. Porém, pouco sobre esse assunto ainda é estudado.

Também é por meio da internet, via redes sociais, que jovens e adolescentes têm, cada vez mais, se expressado, externalizando, de forma real ou até mesmo uma projeção ideal de suas vivências, seus pensamentos e suas vontades. As redes sociais, para muitas pessoas, tornaram-se um espaço de expressão. Muitos indivíduos com ideação suicida aproveitam suas próprias redes sociais para expor seus pensamentos, seja como forma de desabafo, ou, até mesmo, como alerta de possíveis comportamentos de autodestruição.

Como relata Fedatto (2015a), falar de si não é uma tarefa fácil, pois é um olhar de fora para si mesmo na tentativa de interpretar os próprios gostos, vontades e atitudes, não deixando também de ser a construção de uma imagem voltada para o outro. A autora também menciona que o falar de si sempre esteve presente em diversas situações da vida do ser humano como apresentações profissionais e familiares, conversas, currículos e biografias e, atualmente, o falar de si vem tomando um maior espaço nos perfis das redes sociais.

Fedatto (2015a) traz em seus estudos as considerações de Foucault, que foi um grande colaborador nessa questão sobre o falar de si, assim a autora ressalta as ideias dele sobre a escrita sobre si. A autora traz ainda uma consideração relevante a esse fato ao dizer que a escrita sobre si não é somente sobre os atos, mas também sobre os pensamentos, sendo, portanto, constituído uma prova de verdade sobre o que o indivíduo passou ou pensou.

A Análise de Discurso (AD) realizada nas cartas coletadas foi fundamental para a compreensão do que os sujeitos poderiam pensar antes de vir a cometer o suicídio e como a (de)negação se faz presente em discursos de suicidas, já que apareceu, normalmente, na tentativa de se justificar e de culpar a si mesmo. A AD nos permite ir

além do conteúdo literal presente em um texto ou uma fala; conseguimos, por meio da AD, melhor compreender como se produz e como se apresentam os sentidos do sujeito.

No Brasil, a teoria desenvolvida sobre AD veio por Eni Orlandi, que teve sua base fundamental vinda do filósofo francês Michel Pêcheux. Orlandi (2008) traz a ideia de discurso como produção de sentidos em um contexto histórico, social e subjetivo. Para a autora, o que de fato caracteriza o discurso é o modo como ele funciona, sendo estruturado por um falante, direcionado a um interlocutor com finalidades específicas.

Para uma melhor interpretação do discurso, Orlandi (2009a) estabeleceu dois critérios: reversibilidade e polissemia. A reversibilidade diz respeito à interação entre locutor e receptor e a polissemia é baseada na multiplicidade de significados em torno do discurso. Essas noções foram fundamentais nos estudos de Orlandi para compreender como os discursos funcionam em relação aos seus interlocutores e à forma como são produzidos.

Orlandi (2009b) afirma que o discurso é mais que uma informação, havendo uma relação entre os sujeitos e os sentidos. Para a autora o sujeito é afetado pelo real da língua e da história, não possuindo o controle como essas questões o afetam, funcionando o sujeito discursivo pela interligação do inconsciente e da ideologia.

Orlandi (2009b) esclarece que para a AD o que de fato importa não é somente a organização linguística que o texto traz, mas sim como o texto organiza a relação da língua na história do sujeito em sua relação com o mundo, sendo o texto um fato discursivo. Tomando esse conhecimento sobre a AD podemos entender que é possível entremear aos conhecimentos da Psicanálise que vê o sujeito constituído na relação com o simbólico e na história.

Compreender a base da AD é fundamental para prosseguir na pesquisa deste trabalho que tem como intuito entender como se dá discursivamente o processo de (de)negação que funciona nas cartas de suicidas. Considerando os conceitos psicanalíticos e a teoria de Freud, entendemos que quando algo é negado pelo sujeito é importante entender o que também se pode afirmar em questão. A negação do sujeito pode representar uma dissimulação ou um disfarce de intenções e, muitas vezes, é pela negação que algo pode existir (FEDATTO, 2015a).

Diante de todas essas considerações conceituais, foi feita uma breve pesquisa nos bancos de dissertações e de teses sobre o assunto em questão. Foi possível encontrar estudos sobre os sentidos textualizados nas postagens em redes sociais de

sujeitos suicidas, mas, até a presente data, não foi encontrada nenhuma pesquisa a respeito da análise da (de)negação presente nas cartas de suicidas nas redes sociais; acredito, portanto, ser um assunto novo e que agregará conhecimentos e instigará possíveis intervenções nesta área. Logo, justifica-se este estudo visto o aumento das taxas de suicídio não apenas em âmbito mundial, como também, especificamente a crescente dos índices brasileiros que acomete pessoas das mais diversas faixas etárias e classe social. O suicídio na adolescência é um assunto que precisa ser amplamente debatido como forma de se poder buscar a prevenção e informar, minimizando as ocorrências dessa atitude.

Para a realização da pesquisa desta tese, foi feito um levantamento teórico, o qual foi apresentado no primeiro capítulo, sobre a temática envolvida. No seguinte capítulo, o segundo, foi explorada a historicidade do suicídio, na tentativa de compreender o suicídio desde os primórdios, sua contextualização na Idade Média, na época do Iluminismo até a época da Idade Contemporânea. Como se pôde perceber, o suicídio não é um advento da atualidade.

O terceiro capítulo foi composto por dados e conceitos do suicídio em tempos atuais, e traz em seu conteúdo elementos do suicídio ao longo dos anos. Neste capítulo, é possível encontrar dados numéricos, tabelas e gráficos sobre o suicídio no mundo, como também sua estatística no Brasil. Estudar os dados quantitativos do suicídio é relevante, visto que ele já deve ser tratado como um caso de saúde pública.

O quarto capítulo foi estruturado com conceitos a respeito da adolescência e sua relação com o suicídio e também a influência midiática sobre esses jovens. A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano cercada de mudanças e novidades. Muitas vezes o adolescente se perde em meio a tantas questões, e as redes sociais se tornam o lugar de expressão para esse momento de conflito interno. As mídias sociais, um fenômeno relativamente novo e crescente, também são tidas como um caminho não apenas que leva ao aumento da visibilidade daquele que se sente invisível, como também é nela que, geralmente, o sujeito contemporâneo encontra ambiente para dizer sobre si, expressando suas ideias, suas emoções. Neste estudo, foram analisadas três cartas extraídas da mídia, em veículos de comunicação. Salienta-se que esse tipo de carta não raro é encontrada nas mídias sociais e representam uma forma de os sujeitos endereçarem a alguém um pedido, uma necessidade de escuta, um desabafo, um meio de demonstrarem publicamente as suas angústias e dores.

Continuando com os conceitos relevantes à temática, no quinto capítulo foi elaborada uma relação entre suicídio, Análise do Discurso, Psicanálise e (de)negação, os elementos essenciais desta tese. Para a realização da pesquisa foi de suma importância pesquisar sobre a AD, os princípios da (de)negação e a base dos conceitos psicanalíticos para que a análise das cartas pudesse ser feita nessa fundamentação teórica.

O texto contido nesta tese vem como base para a compreensão da pesquisa realizada. As cartas extraídas da internet foram relatos deixados por suicidas e, mediante a AD, foi possível notar no conteúdo das cartas a presença da (de)negação. Com a pesquisa, foi possível compreender como se dá o funcionamento da (de)negação no discurso de suicidas e seus sentidos produzidos nessas pessoas. Uma alerta para um “não afirmativo”. A (de)negação suicida presente nas cartas lidas e analisadas pode ser claramente compreendida na quantidade de palavras “não”, no modo como os autores das cartas afirmavam que ninguém tinha culpa do que iria acontecer, e até mesmo na própria negação de que o que estaria prestes a acontecer seria um ato suicida, pois já se sentia morto. Exatamente por essa visão, a epígrafe possui especial relação: “como se pode matar algo que já se encontra morto?”

Enfim, a (de)negação é um mecanismo de defesa que busca negar a realidade do que se intenciona fazer ou dizer realmente diante de tanta dor ou sofrimento pelos quais o sujeito está passando ou vem sofrendo ao longo de sua vida. Ao se analisar as três cartas em língua brasileira, encontradas na mídia, o que se diz tem um papel secundário; é preciso atravessar esse véu de palavras que estão sendo usadas unicamente para negar o real sentido da mensagem. Assim, a (de)negação desempenha um papel importante na tomada de decisão. As ferramentas da (de)negação expressam outra coisa: a constatação de fatos reais, a ordem que se dará e que porá fim à vida, ao sofrimento, à dor, ao desespero e à invisibilidade.

2 HISTORICIDADE DO SUICÍDIO

Discutir sobre o tema suicídio nunca deixou de ser complexo, pois relatar sobre o efeito de autonomia que o sujeito tem sobre a vida e a morte sempre gerou tabus perante a sociedade. Entendendo um pouco sobre a etimologia da palavra, temos o conceito de Correa e Barrero (2006), que relatam que a palavra suicídio deriva do latim “*suicidium*”, sendo *sui* (si mesmo) e *caedes* (ação de matar), significando, portanto, matar a si mesmo.

Um assunto tão profundo como o suicídio precisa ser estudado, ainda mais que, diferentemente da morte natural¹ que causa comoção e solidariedade, o comportamento suicida envolve constrangimento e estigmas, tornando-se um assunto sempre proibido (ABASSE et al., 2009).

Isso também é apontado por Dias-Sbeghen e colegas (2015) que afirmam que o suicídio possui múltiplas determinações, cujos índices vêm aumentando, fato que demanda que diferentes profissionais se dediquem a sua melhor compreensão. O suicídio pode estar associado a fatores econômicos, políticos, sociais, culturais, psicológicos e biológicos, não podendo ser visto como um problema individual já que afeta não apenas quem suicidou, como também pelas consequências psicológicas, sociais e econômicas, que afetam a sociedade e a família como um todo.

Sabe-se que o suicídio não está pautado em uma determinada idade, raça, classe econômica e muito menos época. Diante de vários achados históricos, foi possível notar que o suicídio sempre esteve presente no decorrer dos séculos, o que mudou ao longo do tempo foi a visão sobre o fato. O suicídio aponta para a finitude humana enquanto corpo físico, ou seja, sempre existiu, uma vez que o jogo entre vida e morte sempre foi e será uma questão.

Ao falar sobre suicídio, seus riscos, estatísticas e práticas, é de total relevância abordar um conteúdo que envolve a historicidade, com o intuito de entender seu contexto desde os primórdios até atualmente. Segundo diversos estudiosos da área e alguns fatos históricos, pode-se perceber que o suicídio sempre existiu na humanidade. Bertolote (2012) nos traz a importante visão de que muitos livros sagrados, de diversas religiões, como a Bíblia Sagrada, o Alcorão e o Talmude já

¹Morte por uma doença ou por mau funcionamento interno do organismo, não sendo causada por alguma força externa

apresentavam em seu conteúdo relatos de casos de suicídio.

Bertolote (2012) explana brevemente a respeito desses livros, trazendo um pouco a ideia de cada cultura. O autor diz que a Bíblia Sagrada traz diversos casos de suicídio, porém sem nenhuma condenação a eles. Já o Alcorão condena fortemente o suicídio. Para a cultura islâmica, o ato de cometer suicídio é considerado um pecado muito grave, pois está destruindo a vida que foi criada por Alá. No judaísmo o suicídio é condenado por lei, a pessoa que tira a própria vida é enterrada separada dos outros mortos. E, por sua vez, o budismo é contra pôr um fim à própria vida, mas devido ao sentimento de compaixão não condena aqueles que escolheram esse caminho.

Em relação ao livro Bíblia Sagrada, o Antigo Testamento traz, em seu conteúdo, diversas mortes voluntárias, entretanto de uma forma neutra. Sunkey (2016) destaca alguns relatos de suicídio que podem ser encontrados na Bíblia, são eles:

- Abimeleque: “Ora, Gaal, filho de Ebede, tinha saído e estava à porta da cidade quando Abimeleque e seus homens saíram da sua emboscada” (Juízes 9.35);
- Saul: “Então Saul ordenou ao seu escudeiro: ‘Tire sua espada e mate-me com ela, senão sofrerei a vergonha de cair nas mãos desses incircuncisos’. Mas seu escudeiro estava apavorado e não quis fazê-lo. Saul, então, pegou a própria espada e jogou-se sobre ela”. (Samuel 31.4);
- Escudeiro de Saul: “Quando o escudeiro viu que Saul estava morto, jogou-se também sobre sua espada e morreu com ele”. (Samuel 31.5);
- Aitofel: “Vendo Aitofel que o seu conselho não havia sido aceito, selou seu jumento e foi para casa, para a sua cidade natal; pôs seus negócios em ordem, e depois se enforcou. Ele foi sepultado no túmulo de seu pai”.(Samuel 17.23);
- Zinri: “Quando Zinri viu que a cidade tinha sido tomada, entrou na cidadela do palácio real e incendiou o palácio em torno de si, e morreu”. (Reis 16.18) (SUNKEY, 2016).

Esses são alguns de vários relatos possíveis de se encontrar no Antigo Testamento da Bíblia Sagrada (1969). De acordo com esse pensamento, Mendes (2011) declara que essas mortes são consideradas como atos heroicos. Segundo o autor, o quinto mandamento da lei mosaica diz que é proibido matar, mas não deixa

claro que o ato se aplica à própria vida e aos inimigos de guerra. Somente mais tarde, no início da Idade Média é que Santo Agostinho traz uma nova visão sobre a morte voluntária, uma visão de condenação para aquele que pratica tal ato.

Estudar o suicídio, seus motivos e suas práticas simbólicas, é diferente de estudar outros tipos de morte, pois, como diz Minois (2018), a morte por suicídio não tem um significado de ordem demográfica, mas, sim, filosófica, religiosa, moral e cultural. O autor nos remete à ideia de que o suicídio é especificamente humano, pois considera que somente o homem, animal racional, é capaz de refletir sobre sua própria existência e tomar decisões sobre si. Ainda complementa essa visão relatando que “a humanidade existe porque, até o momento, o homem encontrou motivos suficientes para permanecer vivo” (MINOIS, 2018, p.3).

Muitos textos legislativos, canônicos e civis de séculos passados trazem consigo um conteúdo que nos mostra que a morte voluntária sempre existiu e não era mais rara que no século atual, pelo contrário. Minois (2018) descreve que nesses textos havia uma certa ausência de manifestação de surpresa diante dos casos de suicídio, o que nos faz pensar que a morte voluntária ocorria com uma certa frequência, não sendo, portanto, um espanto para a sociedade. No entanto, o autor declara que estudos sociológicos recentes trazem um índice de suicídio constante, independentemente do tipo de sociedade.

2.1 O suicídio na Idade Média

A Idade Média foi um período marcante e longo na história, envolvendo dez séculos, do século V ao século XV. Pensadores humanistas declararam a Idade Média como a Idade das Trevas, pois eles consideravam que foi uma época em que houve um grande retrocesso na Europa que envolvia as áreas artísticas, intelectuais, filosóficas, políticas e econômicas.

O suicídio na Idade Média era visto por dois vieses: eram poupados os nobres e praticamente uma ação exclusiva dos plebeus. Tinha-se uma visão vantajosa sobre o nobre que cometia o suicídio, como relata Minois (2018): o suicídio do nobre era visto como altruísta, quando se sacrifica pelo que defende ou então provocado pelo amor e esses dois casos eram justificáveis, é uma memória que é retomada em muitos discursos. Nota-se que se trata de um suicídio guerreiro ou amoroso, no entanto era visto pela sociedade como um gesto honroso. Já o suicídio do homem rude era visto

como um gesto isolado, de uma pessoa covarde que foge de suas responsabilidades, sendo motivado pelo desespero.

Os membros do clero que tentavam ou cometiam o suicídio tinham um olhar diferenciado. O suicídio de um padre ou um monge era um acontecimento raro, então quando ocorria era disfarçado por acidente ou morte natural, sendo uma maneira de evitar a indignação, vexame e desonra (MINOIS, 2018).

Também havia na Idade Média os casos de suicídio dos judeus e dos hereges. Segundo Minois (2018) o suicídio dos judeus era provocado por perseguições cristãs, principalmente no período das cruzadas. Já o suicídio dos hereges era provocado por perseguições devido às suas práticas e crenças. Como a Igreja tinha um grande poder naquela época, e até hoje, porém de maneira velada, é possível compreender que grandes eram as perseguições em virtude de crenças diferenciadas, visto que a Igreja Católica dominava o cenário religioso e tinha um grande poder econômico e a missão de “proteção espiritual” da sociedade.

Nesse ápice da Igreja, Santo Agostinho, em seu tratado, “A cidade de Deus”, declara uma visão que condena o suicídio. Santo Agostinho dá um enfoque maior no quinto mandamento, para ele, “não matarás” inclui o suicídio, pois em sua visão a vida é um dom sagrado de Deus e só Ele pode dispor dela (MENDES, 2011).

Então, com essa nova visão da Igreja, o que antes era aceito passou a ser abominado e condenado. Mendes (2011) relata que Santo Agostinho e a Igreja impõem uma visão contrária aos donatistas, aqueles que defendiam comportamentos de martírio, e também contra o suicídio coletivo das mulheres romanas que eram desonradas com a morte dos maridos. Era uma época em que o Império passava por crises e esses comportamentos suicidas que surtiam efeito positivo para a Igreja passaram a não ter mais sentido.

Minois (2018) relata em seu livro um trecho a respeito dos dizeres de Santo Agostinho, o qual expõe a doutrina oficial da Igreja:

Nós dizemos, declaramos e confirmamos que ninguém tem o direito de se entregar à morte de maneira espontânea com o pretexto de escapar dos tormentos passageiros, sob pena de mergulhar nos tormentos eternos; ninguém tem o direito de se matar pelo pecado de outrem, isso seria cometer um pecado mais grave, pois a falta de um outro não seria aliviada; ninguém tem o direito de se matar por faltas passadas, pois são sobretudo os que pecaram que têm mais necessidade da vida para nela fazerem sua penitência e curar-se; ninguém tem o direito de se matar na esperança de uma vida melhor imaginada depois da morte, pois os que se revelam culpados da própria morte não terão acesso a essa vida melhor. (MINOIS, 2018, p. 31)

Santo Agostinho precisou enfatizar alguns casos de suicídio relatados pela Bíblia que eram vistos como atos heroicos para que não houvesse contradições a respeito desse assunto. Ele admitiu que suicídios como o de Sansão e de Santa Pelágia (que tirou sua vida para defender sua virgindade) provavelmente deveriam ter recebido um apelo de Deus. Para Santo Agostinho certamente havia uma diferença daqueles que receberam um chamado especial de Deus em oposição à morte de Judas que foi vista como uma morte ruim, por desespero e covardia - a morte da traição e do pecado (MENDES, 2011).

Relatando sobre o início da Idade Média, século V, Botega (2015) diz que o Estado romano proibiu ao indivíduo o ato de tirar a própria vida e, no século VI, a Igreja considerou o suicídio como pecado mortal. Essa visão da Igreja, na época, foi de cunho político, uma medida adotada para ser contra as torturas e os sofrimentos que eram de costume entre as seitas donatistas do norte da África.

A Igreja sempre reunia seus representantes eclesiais e a cada concílio as penas sobre o suicídio se tornavam mais severas. O Concílio de Arles, em 452, concluiu que o suicídio era o resultado da fúria do demônio. Mais tarde, em 693, o Concílio de Toledo decidiu pela excomunhão daqueles que sobreviviam a uma tentativa de matar a si mesmo (BOTEGA, 2015).

Naquela época ainda não considerava a possibilidade de o suicídio estar relacionado ao estado psíquico do indivíduo. Como explana Minois (2018), o suicídio não era visto como estado psíquico, mas sim como pecado decorrente da ação do diabo, a qual julgava ser capaz de convencer o pecador de sua condenação e o fazer duvidar da misericórdia divina. Era uma época em que a Igreja recorria a uma literatura piedosa para convencer a pessoa a mudar de ideia sobre o fato de tirar a própria vida.

Apesar da Igreja ter uma grande dominância naquele momento e impor uma visão condenatória sobre a morte voluntária, diversos casos de suicídio podem ser encontrados em relatos pertinentes à época. Muitos achados históricos da época medieval trazem histórias de guerras entre povos e reinos, destacando, por vezes, contextos de seus reis, suas tropas e seus cavaleiros. Minois (2018) traz relatos de contextos do século XIV, o qual expõe que noventa cavaleiros tinham por preferência morrer no campo de batalha do que recuar. O autor também relata que os regimentos da ordem da cavalaria da Estrela, fundada por João II, proibiam a fuga, sendo assim, muitos preferiam morrer nas Cruzadas.

Também há achados de trechos históricos sobre os cristãos, os quais relatam,

de acordo com Minois (2018), que séculos atrás muitos preferiam se afogar a se entregar aos turcos, ou seja, eles acabavam por optar uma maneira de morrer. Há, também, a história do bispo de Soissons que, não aceitando a derrota, se joga na frente dos turcos para encontrar a morte.

Esses são alguns de inúmeros exemplos que relatam a morte voluntária na época medieval. São considerados como suicídios indiretos do tipo guerreiro. Algumas mortes foram consideradas como direta, sendo, por exemplo, segundo Minois (2018), o caso do arcebispo de Bourges e seus companheiros que, quando derrotados, se trespassaram com a espada. São casos de pessoas que preferiam a morte a sofrer humilhação.

Em conclusão, podemos notar que a Idade Média conheceu práticas de suicídio, todavia classificadas em categorias diferentes pela sociedade. Um exemplo claro dessa afirmação foram os tipos de morte voluntária, Minois (2018) relata esta diferença:

O camponês e o artesão se enforcam para fugir da miséria e do sofrimento; o cavaleiro e o clérigo se matam para escapar da humilhação e privar o infiel de seu triunfo. Suicídio direto no primeiro caso, e de tipo egoísta, de acordo com as categorias sociológicas; suicídio indireto e de tipo altruísta no segundo caso (MINOIS, 2018, p. 13).

Na época medieval, a prática de suicídio não tinha um nome específico, mas por muitas vezes foi visto e considerado como um comportamento heroico ou então de fracasso. Bertolote (2012) diz que naquele tempo muitas vezes o suicídio era cometido por uma divindade em favor do seu povo, como salvação, ou então, para escapar de uma situação sem saída.

E século após século, a cada cultura, o suicídio era visto de uma determinada maneira. Com muitas pesquisas e estudos sobre o assunto, Botega (2015) menciona um dado interessante que foi observado. Segundo o autor, em algumas culturas primitivas, o suicídio estava ligado a um costume tribal. Notou-se que as taxas de suicídio em uma cultura primitiva aumentavam quando ocorria o encontro com a sociedade considerada civilizada. Foi um fato notado entre povos da América espanhola e aborígenes da Tasmânia. Já no Brasil Botega (2015) relata que o suicídio entre os escravos ocorria com mais frequência do que entre os colonizadores. Ocorria entre os escravos no sentido de autopreservação, uma tentativa de pôr fim aos castigos, punições e torturas de uma nação inteira.

Ao se aprofundar em achados históricos da cultura greco-romana, Bertolote (2012) afirma que naquela época o suicídio era muito presente na sociedade. O comportamento suicida na Antiguidade greco-romana era visto como um direito individual e era um comportamento que ganhava a tolerância de muitos.

Naquele momento, já havia uma visão importante do indivíduo perante a coletividade, era um valor social pertencente ao Estado. Sendo assim, o ato de tirar a própria vida deveria ser acordado pelas autoridades. A cidade grega de Atenas tinha, em seus estoques, uma espécie de veneno, que somente as autoridades tinham acesso, para ser oferecido àqueles que tinham por desejo morrer (BOTEGA, 2015).

Como diz Mendes (2011), outro fato marcante da época foi a instauração da confissão pelo Concílio de Latrão em 1215 como prática obrigatória. Era um momento de, além de confessar as transgressões às leis sagradas, também confessar os sentimentos e desejos. Aquele que tinha o desejo da morte podia confessar o seu desespero, mas se suicidava sem acreditar na eficácia da confissão era considerado o mais culpado. Nota-se que já havia naquele tempo uma prática discursiva na tentativa de um alívio, ou até mesmo um refúgio dos medos e aflições daquele que pensa em se voltar às práticas suicidas. O alívio e a fuga são significações recorrentes ao suicídio.

Entre 1266 e 1273, surgem os conceitos de São Tomás de Aquino que, ao escrever sua "Summa Theologica", retoma os pensamentos de Santo Agostinho, condenando o suicídio e proibindo a sepultura de suicidas em terras sagradas. E, ainda, agrega em seu discurso que o homem pertence à sociedade, e ao suicidar-se, prejudica a comunidade, sendo, então, um posicionamento contra o Estado. No século XIII, o suicídio foi interpretado por São Tomás de Aquino como um dos piores pecados, para ele aqueles que se matavam eram considerados "mártires de Satã" (MENDES, 2011).

A prática medieval do suicídio, em certos detalhes, se assemelha aos meios que atualmente as pessoas se recorrem. De acordo com Minois (2018) foi realizada por Jean Claude Schmitt uma pesquisa sobre o suicídio medieval com uma amostra de 54 casos. Foi constatado que os homens se matam três vezes mais que as mulheres, que o meio mais utilizado foi o enforcamento (em 32 casos), logo após o afogamento (12 casos), morte por faca (5 casos) e precipitação (4 casos). Em relação ao mês obteve-se mais suicídios nos meses de março, abril e julho. E também foi observado que o suicídio daquela época ocorria normalmente entre meia-noite e a

alvorada e, na maioria dos casos, em casa. Podemos perceber que esses casos medievais possuem dados semelhantes aos da atualidade, o que nos faz pensar que o que norteia o suicídio não é a época, a classe econômica, a raça ou outros padrões, e sim algo mais profundo, do íntimo do ser humano, da ordem do ser, que sempre se fez presente desde a existência humana em conjunto com o meio em que o sujeito está inserido.

Pode-se notar que os casos de suicídio na época da Idade Média eram vinculados a uma causa precisa. Como diz Mendes (2011), morrer apenas por desgosto, tristeza ou melancolia era visto como loucura. O autor ainda complementa essa visão expondo a ideia de que o suicídio na Idade Média era um paradoxo que só era explicado pela intervenção do diabo ou pela loucura. No primeiro caso, há o auxílio da Igreja por meio da confissão, e se, mesmo assim, a pessoa que se suicida comete um crime contra Deus e contra o Estado, já no segundo caso o indivíduo não é visto com responsável pelo seu ato e, sendo assim, pode ser salvo.

E assim, a visão daqueles que tiravam a própria vida como pecadores mortais durou aproximadamente treze séculos. A visão da Igreja, relatada ao longo deste capítulo, começou a perder força por volta do século XVII quando o termo “suicídio” foi usado pela primeira vez em textos ingleses, substituindo o termo “homicídio de si próprio” (BOTEGA, 2015).

Naquele período ocorreu uma transição de valores e conceitos sobre aquele que tira a própria vida. De acordo com Botega (2015) a visão de possessão demoníaca que a Igreja atribuiu deu lugar à melancolia e ao invés da condenação reconheceu-se a alienação mental, portanto o suicida passou da posição de assassino para a de vítima.

2.2 A visão sobre o suicídio na época do Iluminismo rumo à Idade Contemporânea

Ao findar a Idade Média surgiu, o Renascimento tendo o humanismo como um dos principais valores do referido período. Antes o centro estava voltado para a Igreja e com a nova era o centro passou a ser o homem. A ciência se expandiu e se confrontou com diversos dogmas da Igreja Católica, foi um período de transformações sociais, culturais, políticas e econômicas gerando uma grande influência no meio social.

Logo em seguida veio o período do Iluminismo que surgiu na França entre os séculos XVII e XVIII e ficou conhecido como “Século das Luzes”. Era um movimento intelectual e tinha como principal objetivo defender o uso da razão sobre a fé para entender e solucionar os problemas da sociedade. Os iluministas acreditavam que poderiam reestruturar a sociedade que ainda estava presa ao conhecimento da era medieval.

Segundo Minois (2018), em meados de 1700 uma onda de atos suicidas tomou conta da Inglaterra. Foram muitos os casos, envolvendo escritores, condes, pastores, ministros, burgueses e outros grandes nomes da elite. Foram fatos que causaram uma forte impressão na sociedade, sendo na época declarados como o “mal inglês” e a Inglaterra passou a ser vista por muitos como o país do suicídio.

Então, com a evolução do pensamento e após muitos debates sobre o tema, surgiu na Inglaterra, no século XVII, o termo “suicídio”, palavra utilizada até o momento para se referir a expressões como “matar a si mesmo”, “ser homicida de si mesmo”, “sacrificar-se”, entre outros. Mas foi, no século XVIII, que o termo “suicídio” passou a ser aceito na França e também utilizado em outras línguas como o espanhol, o italiano e o português (MINOIS, 2018).

Grandes nomes da Filosofia, da Ciência e de outros renomados campos surgiram na época do Iluminismo. No final da Idade Média, século XV, já havia se levantado hipóteses de que o suicídio estaria relacionado à loucura, ao delírio e ao desespero, mas foi no século XVIII que os principais psiquiatras europeus começaram a relacionar o suicídio com certos transtornos mentais, à medida que qualquer óbito que não era relacionado a uma causa natural, acidental ou homicida era relacionado à loucura (BERTOLOTE, 2012).

Desde então, a psiquiatria passou a desenvolver muitos estudos acerca do suicídio. Bertolote (2012) expõe importantes estudos de psiquiatras do século XIX. Segundo o autor, o psiquiatra Philippe Pinel afirmou, na época, que lesões no cérebro causavam uma sensação muito dolorosa de existir, podendo então ser um motivo para a ocorrência do suicídio. Jean-Étienne Esquirol considerava os suicidas como mentalmente insanos, e Claude Bourdin afirmava que o suicídio era resultado de uma doença.

Em meados dos séculos XVII e XVIII, a visão de que o suicídio estava ligado a intervenções diabólicas ainda se fazia presente na mentalidade popular e religiosa, no entanto, havia na França um tratado que reafirmava que o diabo manipulava os

pensamentos e sentimentos das pessoas para levá-las ao suicídio (MINOIS, 2018).

Houve diversos tratados, em meados do século XVIII, que eram contra o suicídio. *Les Lettres persanes convaincues d'impiété* [As cartas persas impregnadas de irreligião] memora antigos argumentos ao expressar que se matar é um crime contra Deus, contra a sociedade e contra as leis. Já outro tratado *Les Hommes* [Os homens] trouxe a ideia de que é desonroso ter qualquer semelhança com aqueles que defendem a morte voluntária. Também houve o tratado *L'Honneur considéré en lui-même* [A honra considerada em si mesma], que limitou os suicidas a três características: falsos corajosos, desesperados e hipocondríacos, traz a visão de que devemos ser bons soldados e ocupar nossos postos até o fim, já que Deus colocou em nós o amor pela vida. Complementando esses tratados, também houve o *Lettres critiques ou Analyse et réfutation de divers écrits modernes contre la religion* [Cartas críticas ou Análise e refutação de diversos textos modernos contrários a religião] que mencionou que tolerar o suicídio significa permitir todos os assassinatos (MINOIS, 2018).

Pode-se notar que, por mais que naquela época houvesse uma certa tolerância ao ato suicida, muitos ainda eram contra, como se pôde perceber nos dizeres dos tratados acima citados. Como já exposto no capítulo anterior, os suicídios que ocorriam na nobreza eram vistos de uma maneira diferenciada desde a Idade Média e na era do Iluminismo passou a ser associado à loucura.

Quando o suicídio passou a ser relacionado à loucura e delírios, intensificou-se o sentimento de tolerância perante aos atos suicidas. Minois (2018) descreve que na nobreza os suicídios eram associados à loucura ou acidentes, como, por exemplo, o caso do conde de Bath, que morreu por um tiro de pistola que, segundo relatos, teria disparado sozinha. Foi quando então começaram a desenvolver a tolerância sob diversos casos, tendo em mente que os loucos e os desgraçados deveriam ser perdoados, sendo punido somente os que matavam por tédio vital.

Com muitos estudos, conseguiu-se comprovar por um médico, de acordo com Minois (2018), que havia ligação entre melancolia e loucura. Dizia-se que a melancolia é uma loucura sem febre nem violência, acompanhada de medo e tristeza, deixando os espíritos vitais obscuros, podendo, então, o indivíduo ter reações mórbidas e suicidas.

Ainda no século XIX, diante vários fatos históricos ocorridos e intensas transformações sociais, a sociologia ganhava uma força maior na Europa e com ela

veio um dos grandes nomes da área, Émile Durkheim, trazendo estudos sobre os processos sociais. Durkheim (2000), por meio de seus estudos, traz seu parecer a respeito do suicídio, tirando o foco do indivíduo e passando para a sociedade, ele define o suicídio como um fato social. A visão de Durkheim (2000) é que as instituições tradicionais como família, Estado e religião falham ao estabelecer um forte relacionamento com o indivíduo, sendo assim, o fato de as pessoas cometerem suicídio seria devido aos problemas sociais.

Passando para o século XX, outra vertente veio colaborar com uma nova visão acerca do suicídio: a psicanálise, seguida das teorias de Sigmund Freud. Bertolote (2012) declara que a psicanálise tinha por explicação que o suicídio poderia ser considerado como a vitória do impulso da morte sobre o impulso da vida. O autor também afirma que o interesse de Freud pelo tema suicídio não foi tão aprofundado e que ele interpretou o ato como uma punição do superego dirigida ao ego pelo desejo de matar, não exatamente a si mesmo.

Quando Freud explica o suicídio pela primeira vez, ele declara que, devido à pressão social, a agressividade do ser humano não se direciona contra seu verdadeiro objeto e acaba se voltando contra a própria pessoa. Após alguns anos, Freud explica outra teoria que foi muito contestada: “a de que existe em cada pessoa um instinto de morte, a *destrudo*, que se oporia ao instinto de vida e de reprodução, a *libido*, e que, em alguns casos, poderia assumir o controle se não fosse sublimado por meio de substitutos como o sacrifício pessoal na dedicação aos outros” (MINOIS, 2018, p. 401).

Ao relatar sobre a visão de Freud, Minois (2018) traz um pensamento de Flaubert a Louise Colet que exemplifica a ideia de Freud: “Desejaríamos morrer, já que não podemos fazer que os outros morram, e todo suicídio talvez seja um assassinato reprimido”. Nota-se que essa frase ilustra os pensamentos de Freud, por não poder voltar a agressividade que realmente está lhe ocasionado danos, o indivíduo volta a agressividade para si.

E foi a partir do século XX que começou a descriminalizar o suicídio apesar de muitos países ainda adotarem a prática de punição para o ato. Começou-se a ter um olhar mais voltado ao acolhimento e à compreensão do comportamento suicida. De acordo com Botega (2015) foi realizada uma pesquisa com 192 países e dentre esses, apenas 25 punem legalmente os que tentam o suicídio. A maioria desses países são seguidores de leis islâmicas, no entanto, o autor destaca que na prática as punições

acabam não acontecendo.

Em suma, podemos notar que por vários séculos houve registros sobre o suicídio, o que mudou de tempo em tempo foi a maneira de como a prática suicida é interpretada pela sociedade. Como diz Alves (2017), em alguns países, o suicídio é mais tolerado, em outros é condenado e, em alguns, é aceito sob determinadas circunstâncias, tanto por um olhar social, estatal ou religioso. Assim sendo, a sociedade sempre esteve em busca de uma explicação do porquê tirar a própria vida.

Podemos compreender que o suicídio é um fato social, mediado de significações históricas, sociais, emocionais, não permitindo ser explicado somente por uma vertente, seja ela social, psicológica ou biológica. O próximo capítulo relata essas questões acerca do suicídio de uma maneira mais detalhada, expondo dados estatísticos do comportamento suicida em tempos atuais.

3 O SUICÍDIO EM TEMPOS ATUAIS

No tempo em que vivemos, cercado de afazeres, buscas por crescimento pessoal, dúvidas, por vezes acompanhados de dores e frustrações, falar sobre suicídio é de extrema importância, principalmente perante os jovens e os adolescentes. Por muito tempo, falar sobre suicídio era um tabu e também um assunto que causava constrangimento para familiares que perderam um ente por suicídio, para pessoas com tendências suicidas ou até mesmo pelo fato de ser um tipo de morte que divide opiniões. Hoje, diante de vários dados alarmantes sobre esse tipo de morte em todo o mundo, nota-se o quão é relevante alertar a sociedade sobre tal assunto.

Diversos autores em seus estudos nos relatam que, desde os primórdios, o comportamento suicida sempre existiu. Segundo Werlang, Borges & Fensterseifer (2005), para um melhor esclarecimento, o comportamento suicida é classificado em três categorias: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado.

O suicídio é definido por Abasse e colegas (2009, p. 408) como “todo ato pelo qual um indivíduo causa lesão a si mesmo, qualquer que seja o grau² de intenção letal e de conhecimento do verdadeiro motivo desse ato”. Para uma melhor compreensão do ato de se lesionar convém, primeiramente, entendermos sobre o comportamento autodestrutivo que Cassorla (1991) relata. Para o autor esse comportamento nos traz duas categorias: autodestruição indireta e autodestruição direta.

Cassorla (1991) explica que o comportamento autodestrutivo indireto é o qual coloca a vida da pessoa em risco, acarretando danos, ocorrendo muitas vezes inconscientemente sem que o indivíduo tenha a intenção de morrer, na verdade, a grande maioria dos suicidas querem acabar com seu sofrimento. Já o comportamento autodestrutivo direto é aquele em que a pessoa tem a intenção de morrer, enxergando a morte como a única solução, independentemente do nível de consciência.

Um ato que se enquadra no comportamento autodestrutivo indireto é a automutilação, uma tentativa de se ferir para se curar. Esse comportamento é o ato de lesionar o próprio corpo com cortes indo desde uma lesão leve até uma grave, como corte permanente de membro, porém sem intenção de morte física. Há três categorias consideradas por Favazza (1998) em relação à automutilação, são elas:

2 O suicídio é, em resumo [...], uma questão de grau¹ (STERN, apud ALVAREZ, 1999, p. 87). Os graus do suicídio são: primeiro grau: fantasias suicidas; segundo grau: tentativas de suicídio; terceiro grau: suicídios exitosos. Esses graus ligam a vida à morte (BASTOS, 2006, p. 25).

- Automutilação grave: cegar-se ou autoamputar membros;
- Automutilação estereotipada: bater a cabeça, morder-se, bater-se, cortar-se, arrancar o cabelo;
- Automutilação superficial: cortar-se levemente, arranhar-se ou queimar a pele.

Diante desse esclarecimento sobre as categorias da automutilação, é válido esclarecer que a pessoa que se automutila não quer acabar com a própria vida, mas usam desse meio para aliviar alguma dor emocional ou desconforto.

Já o comportamento autodestrutivo direto pode ser dividido em três categorias como já citado acima na visão de Werlang, Borges e Fensterseifer (2005):

- Ideação suicida: pensamento, planejamento e desejo de tirar a própria vida;
- Tentativa de suicídio: ato de autodestruição em que a morte não é o resultado;
- Suicídio: morte por lesão a si mesmo.

Diante desses conceitos, podemos entender que o suicídio consumado ocupa a parte derradeira do comportamento autodestrutivo. Observando de um modo mais profundo, o suicídio vai desde pensamentos de autodestruição, comportamentos de autoviolência e autoferimentos até o suicídio consumado. No entanto, cabe a observação de que o fato de o indivíduo ter uma ideação suicida não implica que ele necessariamente terá uma tentativa de suicídio ou chegará ao suicídio consumado.

Muitos são os fatores que levam o sujeito a um comportamento suicida. Moreira e Bastos (2015) trazem, em sua pesquisa, que os principais fatores associados ao suicídio são: tentativas anteriores de suicídio, doenças mentais (principalmente depressão e abuso/dependência de álcool e drogas), ausência de apoio social, histórico de suicídio na família, forte intenção suicida, eventos estressantes e algumas características sociais como pobreza, desemprego e baixo nível educacional.

Essa visão também é complementada por Guilhardi (2001) que relata que situações como fins de relacionamentos afetivos, casos de suicídio em família ou entre os amigos, comportamento quieto e retraído, tristeza, sentimentos de desespero, pressão ou fracasso sobre seu desempenho, algumas falas como “estou acabado” ou “não vale a pena viver”, entre outros, também são algumas das características de atitudes suicidas.

Diante dessas várias situações que colaboram para a ocorrência de um

comportamento suicida, podemos notar que esse é um ato que pode atingir diversas faixas etárias, independente do gênero, raça e classe social. Segundo Holmes (2001) as mulheres são mais propensas a tentarem o suicídio do que os homens, porém estes conseguem ser mais eficazes em suas tentativas. Acredita-se que ocorra essa diferença devido ao fato de as mulheres serem mais propensas a sofrerem depressão. Estudos apontam para uma diferença tanto em aspectos biológicos como em aspectos psicossociais entre homens e mulheres. Justo e Calil (2006) afirmam que as diferenças biológicas estão associadas ao funcionamento hormonal e suas consequências³. E as diferenças psicossociais estão relacionadas ao modo de como homens e mulheres estabelecem suas relações nas diversas culturas. Já os homens são mais eficazes em seus atos suicidas, porque recorrem a meios mais violentos em suas tentativas (revólveres, saltos de prédios) enquanto elas normalmente recorrem a meios menos violentos (corte dos pulsos, ingestão de remédios).

São três as características do estado suicida (BRASIL, s.d.):

- Ambivalência: atitude interna característica das pessoas que pensam ou que tentam o suicídio. Há uma luta interna entre o desejo de viver e o de morrer e de acabar com a dor psíquica.
- Impulsividade: o impulso pode ser transitório e desencadeado por eventos negativos cotidianos.
- Rigidez ou constrição: a consciência, os pensamentos, os sentimentos e as ações da pessoa que planeja um suicídio funcionam de maneira dicotômica: ou tudo ou nada. A pessoa apresenta um estreitamento de opções.

Em geral, as pessoas que apresentam intenção suicida comunicam suas ideias ou dão sinais. Elas fazem isso como um pedido de ajuda. Algumas frases de alerta tais como “*Eu preferia estar morto*”, “*Eu não posso fazer nada*”, “*Eu não aguento mais*” ou apresentação de sentimentos como depressão, desesperança, desamparo e desespero também podem ser notados (BRASIL, s.d.).

Portanto, verificar a presença da ideação suicida é de extrema importância, já que essa antecede um possível ato suicida. Como explana Borges & Werlang (2006),

3 Os autores mencionam que estudos apontam para o fato do estrogênio, que é sintetizado no ovário, placenta, tecido adiposo e também no cérebro, afetar o humor e a cognição, atuando não só no hipotálamo, mas também no hipocampo e no cerebelo.

a ideação, a tentativa e o ato suicida são vistos como um alívio de sofrimento diante das dificuldades adaptativas em que se encontra. No entanto, estudos apontam, segundo Araújo, Vieira & Coutinho (2010), que aproximadamente 60% das pessoas que se suicidam idealizaram esse ato previamente, ou seja, passaram pela fase da ideação suicida.

Em tempos atuais, noticiam-se muitos casos de suicídio advindos de vários fatores externos como: economia abalada ocasionando desemprego e dificuldade financeira, subdesenvolvimento e caos. No atual momento, estamos convivendo, mundialmente, com uma pandemia de um vírus, o SARS-CoV-2, denominado COVID-19, uma síndrome respiratória aguda grave. Na ausência de uma possível cura e vacina, como medida de combate ao vírus, foi adotado o isolamento social, com isso a economia dos países teve uma queda brusca, muitas pessoas perderam seus empregos ou continuaram trabalhando em tempo reduzido. Os números de casos e óbitos ainda crescem, abalando o sistema de saúde, e o medo, a incerteza e as dúvidas tomaram conta da rotina de muitas pessoas. Com todos esses acontecimentos, apesar de pouco divulgado, já foram notificados casos de suicídio em adolescentes, profissionais da saúde e artistas que não suportaram a pressão interna.

Veremos a seguir, de uma forma mais detalhada, as taxas de suicídio e suas características no mundo e em nosso país, bem como os meios mais utilizados para tal ato.

3.1 Epidemiologia do suicídio

Entende-se por epidemiologia como sendo a ciência que estuda, de forma quantitativa, a distribuição, frequência e determinantes dos problemas de saúde em uma população, sendo a principal ciência de informação de saúde. Para uma melhor compreensão do tema, é relevante abordar dados estatísticos para ter um amplo olhar de como os dados acerca do suicídio se distribuem no Brasil e no mundo. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), o suicídio está entre as três principais causas de morte de pessoas entre 15 a 44 anos de idade. Contabilizam-se que aproximadamente 800 mil pessoas cometem suicídio todos os anos, porém, vale ressaltar que há chances desse índice ser maior, pois nem todos os casos de

suicídio conseguem ser notificados, devido ao grande tabu que esse assunto enfrenta perante a sociedade (WHO, 2014).

As tentativas de suicídio são de 10 a 20 vezes maior que o ato consumado e a cada 45 segundos alguém comete suicídio em nosso planeta, acarretando aproximadamente um índice de 1920 suicídios por dia. Nota-se que o suicídio é responsável por mais mortes do que os assassinatos e guerras que ocorrem no período de um ano é o que nos mostra os dados da OMS (WHO, 2014).

Dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD, sigla em inglês) nos alerta com índices de dados coletados nos países membros dessa organização no ano de 2016, fazendo uma comparação de número de suicídios a cada 100.000 habitantes. O suicídio é visto como uma causa significativa de morte em muitos países que compõe a OECD, sendo responsável por mais de 152.000 mortes em 2016, representando cerca de 12 suicídios por 100.000 pessoas (OECD, 2019).

Pode-se ver na Tabela 1, a tabela de taxa de suicídio nos países da OECD, com dados de taxa para homens, para mulheres e todos. Os dados que compõem esta tabela foram extraídos de dados da OECD (2019).

Tabela 1: Taxa de suicídio a cada 100 habitantes

País	Homens	Mulheres	Todos
Lituânia	51	8	27
Coreia	41	15	26
Rússia	38	7	19
Eslovênia	32	8	18
Letônia	35	7	18
Japão	26	10	17
Hungria	28	8	16
Bélgica	25	10	16
Estônia	27	5	14
Estados Unidos	23	7	13
Polônia	26	5	13
França	23	7	12
Finlândia	23	7	12
Austrália	21	7	12
Suíça	21	7	12
Áustria	22	7	12
Islândia	23	4	12
Nova Zelândia	19	7	12
República Tcheca	21	6	12
Suécia	17	7	11
Noruega	17	7	11

Luxemburgo	18	7	11
Canadá	18	6	11
Chile	20	5	11
Irlanda	19	5	11
Alemanha	18	6	11
Holanda	16	7	11
Portugal	18	6	10
Eslováquia	20	4	10
Dinamarca	15	7	9
Reino Unido	13	5	8
Espanha	12	5	7
Itália	11	4	6
Costa Rica	11	3	6
Brasil	11	4	6
México	11	3	6
Israel	9	3	5
Colômbia	11	3	5
Grécia	9	3	4
Turquia	5	2	2
África do Sul	3	1	2

Fonte: OECD, 2019.

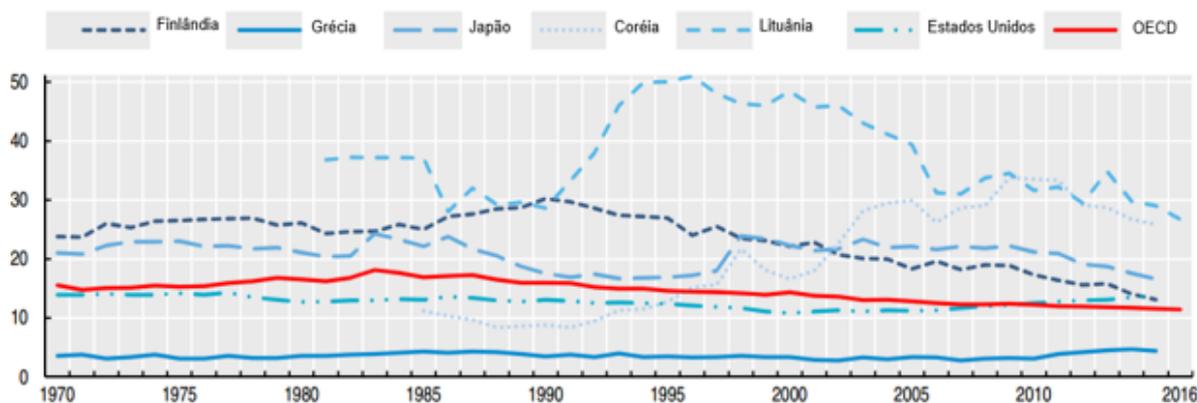
Nota-se que, em 2016, a Lituânia, Coreia, Rússia, Eslovênia e Letônia estiveram no topo de classificação com mais de 17 mortes por 100.000 habitantes causadas por suicídio. Já países como Turquia, Grécia, Israel e África do Sul apresentaram cinco ou menos mortes por 100.000 habitantes. Podemos observar que há uma diferença de treze vezes entre Turquia e Lituânia, os dois países com, respectivamente, menores e maiores índices.

Também é possível perceber por meio da Tabela 1 que as taxas de mortalidade por suicídio são, em média, três a quatro vezes maiores para homens do que para mulheres nos países da OECD. Na Islândia e na Polônia os homens têm, pelo menos, de cinco a sete vezes mais chances de cometer suicídio do que as mulheres. Já na Holanda, Noruega e Suécia, a diferença de gênero é menor, estando as taxas de suicídio masculino pelo menos duas vezes mais altas que as taxas de suicídio feminino. E, por fim, podemos notar que o Brasil está entre os países da OECD que apresentam taxas mais baixas, até mesmo por ser um país populoso, tendo uma proporção de aproximadamente três vezes mais nas taxas de suicídio masculino para o suicídio feminino.

Países da Europa Oriental e da Ásia são tidos como os países com os maiores índices de suicídio, estando o Brasil com taxas menores, ao ser comparado a esses.

Porém, em relação à adolescência, assim como nos outros países, as taxas de suicídio vêm aumentando ao longo do tempo. As taxas de suicídio em alguns países da OECD ao longo dos anos podem ser vistas no Gráfico 1.

Gráfico 1: Taxa de suicídio ao longo dos anos



Fonte: OECD, 2019

De acordo com o Gráfico 1, extraído de OECD (2019), podemos notar que as taxas de suicídio aumentaram nos anos 70 e atingiram o pico no início dos anos 80. Já nos meados de 1980, as taxas de suicídio caíram cerca de um terço nos países da OCDE, como podemos ver na Coreia, por exemplo. Ao mesmo tempo, as taxas de suicídio aumentaram em países como Japão e Lituânia. Já no final da década de 1990, houve um aumento acentuado na Lituânia, Japão e Coreia, coincidindo com a crise financeira asiática, mas as taxas começaram a declinar em mais de dez anos.

Também se pode perceber nos dados apresentados no Gráfico 1 que, em outros países, as taxas de suicídio aumentaram na última década. Por exemplo, nos Estados Unidos, as taxas aumentaram de 11,2 por 100.000 habitantes em 2000 para 13,8 em 2015. Uma situação semelhante é observada no México e Portugal. Já a Finlândia demonstra um exemplo de país que alcançou reduções significativas, nos últimos anos, após a implementação de campanhas de prevenção ao suicídio, embora as taxas de suicídio ainda permaneçam altas em comparação com outros países nórdicos (OECD, 2019).

De acordo com os dados da Tabela 1 e da Figura 1, podemos notar que o suicídio não ocorre somente em países ricos, pelo contrário, é um fato que ocorre em todas as regiões do mundo. Em 2016 cerca de 79% dos suicídios ocorreram em países de baixa e média renda (OPAS, 2018).

Em relação à faixa etária das pessoas que se suicidam, os dados da WHO

(2014) revelam que jovens entre 15 a 29 anos representam um grupo com o maior risco de suicídio, tanto em países ricos como em países em desenvolvimento, passando o índice de décadas atrás, meados de 1950, em que as taxas maiores de suicídio eram para adultos acima de 45 anos.

Já entre homens e mulheres sempre houve um diferencial nos dados estatísticos a respeito do suicídio. A WHO (2014) nos mostra dados que revelam essa diferença entre os gêneros, havendo maior número de mortes masculinas, com uma variância em cada região do mundo, como se pode ver na Tabela 2.

Tabela 2: Taxa de suicídio por região a cada 100.000 habitantes

Regiões	Ambos os sexos	Feminino	Masculino
África	7,4	4,8	9,9
América	9,8	4,6	15,1
Mediterrâneo Oriental	3,9	2,7	5,1
Europa	15,4	6,6	24,7
Sudeste Asiático	13,2	11,6	14,8
Pacífico Ocidental	10,2	9,4	10,9
Média Global	10,6	7,7	13,5

Fonte: OECD, 2019.

Pode-se notar nos dados apresentados na Tabela 2 que a região com mais mortes por suicídio a cada 100.000 habitantes é a Europa com uma taxa de 15,4 sendo quase quatro vezes mais alta do que a região do Mediterrâneo Oriental que é a região identificada com menos mortes por suicídio, com uma taxa de 3,9. Já a região que possui mais suicídios femininos é o sudeste asiático com uma taxa de 11,6 sendo quase três vezes mais alta que a região da América a qual foi identificada como a região com menos mortes por suicídio feminino, 4,6. Em relação ao suicídio masculino, podemos observar que a região com mais suicídios é a Europa com uma taxa de 24,7 sendo quase cinco vezes mais alta que a região do Mediterrâneo Oriental, que apresenta uma taxa de 5,1. Por fim, a média global que os dados da WHO (2014) apresentam é que há uma taxa de 10,6 mortes por suicídio a cada 100.000 habitantes; em uma escala feminina é uma taxa de 7,7 e em uma escala masculina a taxa identificada é de 13,5.

Os meios que as pessoas procuram para cometer o suicídio também sofrem uma variância segundo a WHO (2014). O enforcamento encontra-se entre o principal método utilizado nos países de alto poder aquisitivo representando 50% dos casos, em seguida o uso de arma de fogo em 18%. Já nas zonas rurais e em países de baixa renda o destaque no método para cometer o suicídio encontra-se nos pesticidas,

sendo utilizados em 30% dos casos (WHO, 2014).

3.2 Estatística do suicídio no Brasil

Conforme explanado acima, podemos notar que, em cada região do mundo, as taxas de suicídio apresentam um índice, o Brasil, segundo a WHO (2014), apresenta taxas baixas de morte por suicídio e tentativas de suicídio. Sua taxa de suicídio é de 5,8 a cada 100.000 habitantes, sendo 2,5 de taxa feminina e 9,4 de taxa masculina. Porém há regiões específicas do país, como o extremo norte e extremo sul, com taxas elevadas equiparando-se ao leste europeu.

Nos anos de 1980 a 1994, as taxas de mortalidade por suicídio permaneceram estáveis, com pouca oscilação, apresentando uma taxa de 4,5 mortes a cada 100.000 habitantes. A partir de 1995 houve um aumento considerável, a taxa subiu para 5,4, mantendo essa representatividade até o ano de 2006. Nota-se, então, que houve em nosso país um acréscimo de 29,5% de 1980 até 2006 (LOVISI et al., 2009). Já, segundo a WHO (2014), do ano 2000 a 2012 a taxa de suicídio no Brasil aumentou 10,4%, superando, então, o coeficiente existente no ano de 2006.

O Brasil é um país vasto, com diversas culturas e tradições, e o tema suicídio também se diversifica em relação às regiões brasileiras. De acordo com Waiselfisz (2014), nos anos de 2002 a 2012, a região norte do nosso país apresentou um alto índice de mortes por suicídio passando de 390 para 693, um aumento bem considerável, praticamente dobrou o número de casos. O autor ainda complementa que o nordeste, centro-oeste e sul também tiveram uma elevação nos índices, assim como a região sudeste, que também apresentou uma alta considerável, em que a elevação maior se deu no estado de Minas Gerais.

Há localidades no Brasil onde as taxas de suicídio são maiores, Marín-León, Oliveira e Botega (2012) nos mostram que alguns grupos indígenas do Norte e lavradores do Rio Grande do Sul apresentam coeficientes altos, podendo estar relacionados a fatores socioculturais e econômicos, bem como à alta frequência de sofrimento mental e uso intenso de bebidas alcoólicas.

Difícilmente se encontram números oficiais sobre tentativas de suicídio, ideação suicida e autoferimento justamente porque são comportamentos difíceis de mensurar. Nem sempre esses casos são atendidos em postos de saúde e hospitais, muitas vezes são tratados como casos isolados, permanecendo o ocorrido em família, sendo

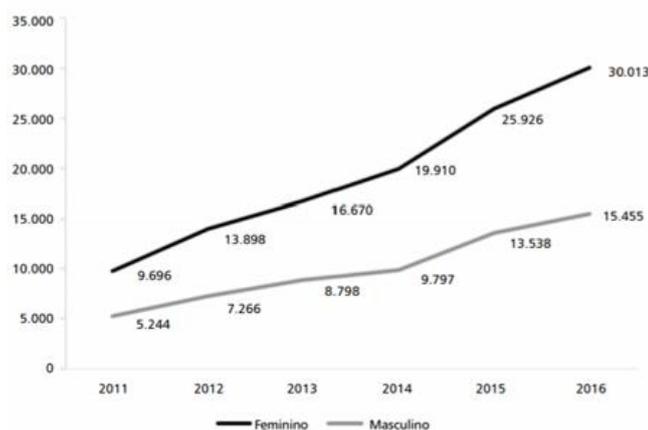
considerado como acidente ou, até mesmo, quadro depressivo.

Brasil (2017) nos traz em seu conteúdo um estudo sobre os dados das lesões autoprovocadas e as tentativas de suicídio coletados pela Vigilância de Violências e Acidentes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (VIVA/Sinan) no período de 2011 a 2016. Foi feita uma análise descritiva das características sociodemográficas dos casos de lesões autoprovocadas como raça, escolaridade, idade e presença de deficiência ou transtorno e, também, as características da ocorrência como o local, violência de repetição e relação com o trabalho. Os dados sobre os óbitos por suicídio foram retirados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), utilizaram-se para o estudo os óbitos com causas como lesão autoprovocada intencionalmente, intoxicação exógena de intenção indeterminada e seqüela de lesões autoprovocadas intencionalmente.

Esse estudo, descrito por Brasil (2017), traz como resultado que no período de 2011 a 2016 foram constatados no Sinan 1.173.418 casos de violências interpessoais ou autoprovocadas. Dentre esses casos, 15% correspondem à prática de lesão autoprovocada sendo 116.113 casos em mulheres e 60.098 casos em homens. Somente nessa ocorrência de lesão autoprovocada foram identificados 48.204 casos de tentativa de suicídio, sendo 33.269 em mulheres e 14.931 em homens. Esses dados confirmam o que já foi descrito anteriormente, que as mulheres tentam suicídio mais vezes do que o homem.

Pelo Gráfico 2, pode-se notar a ocorrência de lesão autoprovocada de 2011 a 2016, no sexo masculino e feminino, nota-se que o número de casos teve um aumento constante ao longo dos anos.

Gráfico 2: Número de notificações por lesão



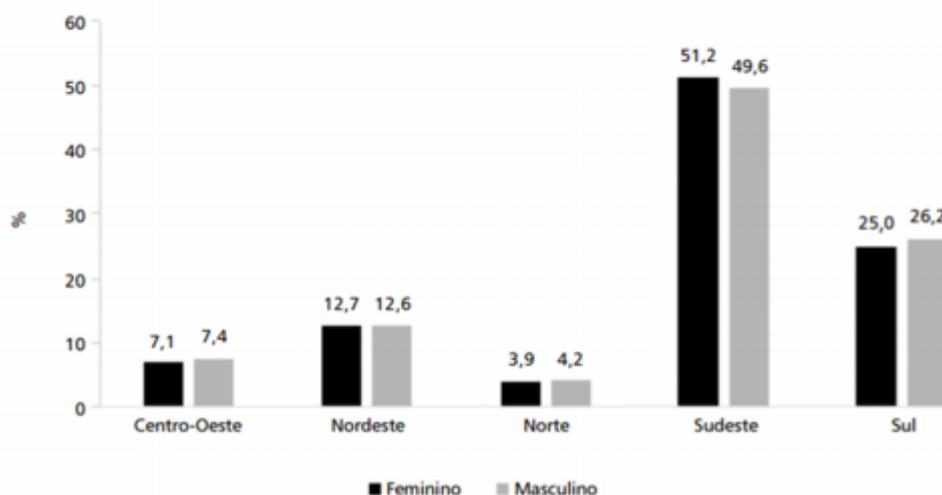
Fonte: Sinan/Ministério da Saúde

Como se pode observar no Gráfico 2, há um alinhamento crescente, de ano em ano, houve um aumento no número de casos notificados por lesão autoprovocada em ambos sexos; em relação ao sexo feminino eram 9.696 casos em 2011 indo para 30.013 casos em 2016 e, no sexo masculino, passou de 5.244 casos em 2011 para 15.455 casos em 2016.

Brasil (2017) nos mostra que, de acordo com o estudo realizado, como resultado das lesões autoprovocadas no sexo feminino, a maioria das mulheres eram brancas, apresentavam ensino fundamental, a grande maioria entre 10 e 39 anos, residentes da zona urbana, com concentração dos casos nas regiões sudeste e sul e com a maioria dos casos ocorridos na residência. Já em relação ao sexo masculino, os dados obtidos foram bem semelhantes aos das mulheres, o diferencial entre eles foi somente o índice. A grande maioria dos homens era branca, apresentava ensino fundamental, grande maioria entre 10 e 39 anos, residentes da zona urbana, com concentração de casos nas regiões sudeste e sul e com maioria dos casos ocorridos na residência.

Outro dado interessante que Brasil (2017) nos traz é a respeito da ocorrência de lesão autoprovocada nas regiões do nosso país de 2011 a 2016, como se pode observar no Gráfico 3.

Gráfico 3: Proporção de notificações por lesão autoprovocada em cada região



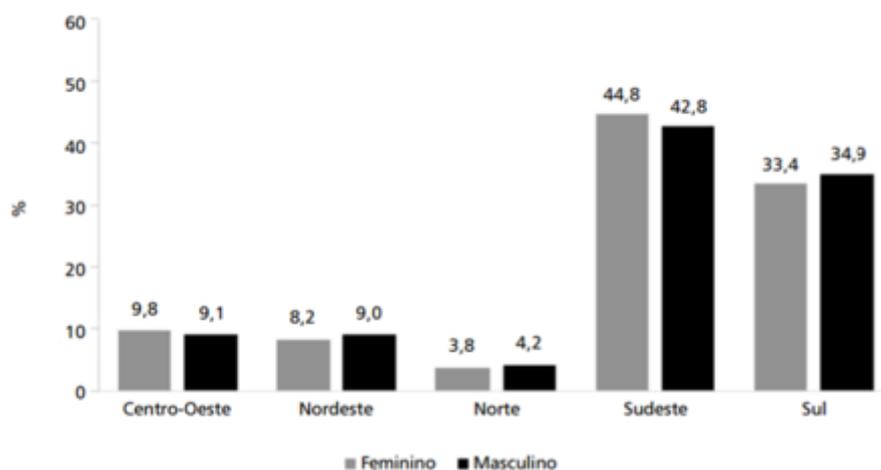
Fonte: Sinan/Ministério da Saúde

Nota-se, no Gráfico 3 que, neste período, a região com maior índice era o Sudeste com 51,2% dos casos em mulheres, a região que apresentou uma maior

proximidade dos dados entre homens e mulheres foi o Nordeste e a região com menor índice foi o Norte com 3,9% dos dados respectivos ao sexo feminino.

Quanto às tentativas de suicídio, no período de 2011 a 2016, os dados podem ser vistos no Gráfico 4 (BRASIL, 2017).

Gráfico 4: Proporção de notificações de tentativas de suicídio em cada região



Fonte: Sinan/Ministério da Saúde

Pode-se perceber, nos dados demonstrados no Gráfico 4 que, novamente, a Região Sudeste foi a região que apresentou o maior índice de tentativa de suicídio sendo 44,8% no sexo feminino. Logo em seguida, foi a região sul com um índice próximo entre os sexos femininos e masculinos. E por último foi a região norte, com o menor índice de tentativa sendo 3,8% no sexo feminino.

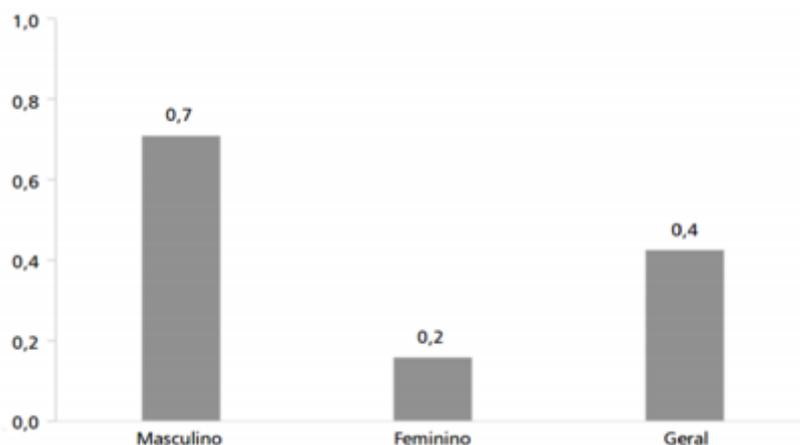
O estudo que Brasil (2017) apresenta em seu conteúdo corrobora com os fatos já descritos anteriormente a respeito de autolesão, ideação suicida e suicídio consumado. Os dados do Sinan mostraram que, em relação à tentativa de suicídio e à lesão autoprovocada, a predominância foi em mulheres de cor branca na fase da adolescência e adultos jovens e residentes da zona urbana.

A respeito dos óbitos por suicídio, Brasil (2017) traz em seu conteúdo os registros do SIM, no período de 2011 a 2015, que apresentaram uma notificação de 55.649 óbitos por suicídio no Brasil, obtendo uma taxa geral de 5,5 a cada 100 mil habitantes, com variância de 5,3 em 2011 a 5,7 em 2015.

Em relação ao gênero, notou-se que houve uma porcentagem de óbitos maior no sexo masculino, como muitos estudos já comprovaram, dados esses que são semelhantes a outros países, como já citado anteriormente. Podem-se ver os dados

comentados no Gráfico 5 (BRASIL, 2017).

Gráfico 5: Variação da taxa de mortalidade por suicídio a cada 100 mil habitantes no período de 2011 a 2015



Fonte: Sinan/Ministério da Saúde

Pode-se verificar no Gráfico 5 que, entre 2011 e 2015, as taxas de suicídio do sexo masculino foram bem maiores que do sexo feminino, a variância neste período correspondeu a 0,7 para os homens e 0,2 para as mulheres, já no âmbito geral a variância foi de 0,4. Brasil (2017) traz em seu conteúdo que os dados, a cada 100 mil habitantes, em 2011 eram 8,4 para o sexo masculino passando para 9,1 em 2015 e 2,3 para o sexo feminino passando para 2,5. Nota-se que o aumento da taxa para as mulheres foi bem menor comparando aos homens, aproximadamente 4 vezes mais.

Esses dados, que podem ser encontrados em Brasil (2017), relatam que as maiores taxas de óbitos por suicídio ocorreram em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, a grande maioria correspondente à faixa etária de 70 anos ou mais entre os homens e 50 a 59 anos entre as mulheres. Já em relação à raça observou-se que 44,8% dos suicídios na população indígena foram cometidos por adolescentes de 10 a 19 anos, um valor oito vezes maior se comparado a brancos e negros nessa mesma faixa etária.

Os dados do SIM informam que os óbitos por suicídio entre os homens têm taxas elevadas a partir dos 15 anos de idade, atingindo um pico entre 20 a 39 anos e começa, desde então, a decrescer, mas ainda apresenta taxas altas até os 70 anos. Já as mulheres também apresentam taxas altas a partir dos 15 anos, com pico entre 30 e 39 anos e começa a decrescer desde então, porém não apresentam números de casos tão elevados quanto aos homens.

Segundo os estudos de Souza, Minayo e Malaquias (2002), as capitais brasileiras com maiores índices de suicídio entre jovens e adolescentes são Porto Alegre e Curitiba, comparadas com outras grandes capitais do país. Esse dado é uma grande alerta, pois as estatísticas sobre suicídio muitas vezes são falhas, principalmente quando se trata de adolescentes. De acordo com Borges & Werlang (2006), como se refere a atos autodestrutivos, muitas vezes eles são negados e escondidos pela família, o que nos faz pensar, portanto, que os índices sobre suicídio são mais altos do que nos é informado.

Brasil (2017) também traz, em seu conteúdo, dados correspondentes aos meios mais utilizados pelos brasileiros para cometer suicídio no período de 2011 a 2015, como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3: Proporção de óbitos por suicídio e meio utilizado

Meio Utilizado	Masculino		Feminino		Total	
	n	%	n	%	n	%
Enforcamento	28676	66,1	5763	47	34446	61,9
Intoxicação Exógena	6024	13,9	3820	31,2	9845	17,7
Arma de fogo	4337	10	486	4	4823	8,7
Outros	4345	10	2189	17,9	6535	11,7

Fonte: Sinan/Ministério da Saúde

Pode-se notar na Tabela 3 que o meio mais utilizado para o suicídio em ambos os sexos foi o enforcamento, correspondendo a 34.446 casos no total o que equivale a 61,9%. Seguidamente foi a intoxicação exógena totalizando 9.845 casos o que corresponde a 17,7%. Já em relação à arma de fogo, houve um diferencial entre o sexo feminino e o masculino; enquanto para homens houve 4.337 casos (10%), para as mulheres foram notificados 486 casos (4%) ocupando a quarta posição do meio mais utilizado e para os homens a arma de fogo é a terceiro meio mais utilizado. E, por fim, a tabela 3 nos mostra o item “outros” que corresponde a 6.535 casos no total o que equivale a 11,7%, sendo esse um índice maior que arma de fogo que corresponde a 8,7%.

Botega (2014) também traz dados semelhantes a respeito dos meios utilizados

para cometer o suicídio e os locais rotineiros em que eles ocorrem. Segundo o autor, no Brasil, a maioria dos suicídios ocorre na própria casa, cerca de 51% dos casos; logo em seguida, estão os hospitais correspondendo a 26% dos casos. Entre os homens o meio mais utilizado é o enforcamento (58%), logo após arma de fogo (17%) e envenenamento por pesticidas (5%). Já entre as mulheres o autor relata que o meio mais utilizado também é o enforcamento (49%), após esse o meio fumaça/fogo (9%), precipitação de altura (6%), arma de fogo (6%) e envenenamento por pesticidas (5%).

Diante dos dados que traz Brasil (2017) e os estudos de alguns autores acima citados, podemos perceber que o suicídio é precedido por ideação, que são os pensamentos suicidas e após eles as tentativas. Alguns dados são divergentes entre os sexos feminino e masculino. As mulheres têm mais pensamentos suicidas e acabam por tentar o ato mais vezes que os homens. Já os homens cometem suicídio mais que as mulheres, pois recorrem a meios mais efetivos.

Desde a adolescência, as mulheres apresentam ideação suicida com mais frequência comparadas aos homens, em uma escala de quatro vezes mais para ideação suicida e três vezes mais para tentativa de suicídio. Isso se deve ao fato de as meninas apresentarem maiores índices de depressão que os meninos (BORGES; WERLANG, 2006).

Veremos a seguir importantes conceitos sobre a adolescência e o suicídio, uma relação que tem crescido nos últimos tempos e muitas vezes vem acompanhada da influência midiática. Jovens, que nos tempos atuais, têm se perdido em um mundo vasto de informações instantâneas, enfrentam dificuldades ao lidar com suas emoções e optam por exterminar seus sentimentos dando fim à própria vida.

4 MÍDIA E SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Apesar do comportamento suicida estar presente em diversas faixas etárias, dados da Organização Mundial de Saúde (2006) expõem que o suicídio está mais frequente entre os jovens, tendo uma maior ocorrência após os 14 anos, principalmente no início da adolescência, com um maior índice de ocorrência dos 15 aos 19 anos. Complementando essa visão, Borges & Werlang (2006) nos diz que 15 anos é uma idade crítica, com diversas mudanças, tanto biológicas como psicológicas, podendo haver nessa fase a presença de comportamentos suicidas.

Muitos adolescentes, nessa faixa etária, com ideação suicida, chegam ao suicídio consumado. Nos últimos anos, o número de adolescentes que comete suicídio tem aumentado em todo o mundo. Moreira & Bastos (2015) relata que, referente a dados mundiais, o suicídio está entre as cinco maiores *causa mortis* na faixa etária entre 15 e 19 anos, estando ainda como a primeira ou segunda causa de morte entre adolescentes em alguns países.

Vivemos hoje com uma mídia em que os meios de comunicação social de massa atingem um alto público por meio de suas mensagens, principalmente a Internet, na qual uma notícia é capaz de rodar o mundo em questão de segundos. Indícios de suicídio, cada vez mais, podem ser encontrados nos espaços virtuais como, por exemplo, nas redes sociais, as quais muitos jovens e adolescentes estão usando como válvula de escape dos seus sentimentos. A ideação suicida tem sido exposta nas redes sociais como um pedido de ajuda ou, até mesmo, como um aviso, muitas vezes de forma velada, no entanto a maioria dos usuários das redes sociais não percebe as mensagens deixadas por aqueles que sofrem.

4.1 Relação entre adolescência e suicídio

A adolescência é marcada por uma fase de muitas mudanças e descobertas, e também por insegurança, medos e frustrações. É uma etapa da vida na qual é possível encontrar complexas demandas e responsabilidades às quais o indivíduo necessita se adequar e adaptar. Nessa fase encontramos mudanças fisiológicas, que estão relacionadas a fatores biológicos e psicológicos. De acordo com Ayub & Macedo (2011), as demandas psíquicas estão mais associadas ao termo adolescência, já que elas se encontram envolvidas em um intenso trabalho de transformações

psicossociais. No entanto, apesar dessas mudanças ocorrerem em um mesmo período, elas são vistas de forma distintas devido a suas especificidades.

É nessa etapa da vida que o adolescente ressignifica e interpreta a sua identidade ao adentrar às próximas etapas do ciclo vital. Ayub & Macedo (2011) nos diz que a sociedade, nesse momento, oferece, de acordo com sua cultura e seus costumes, passagem do jovem para a vida adulta que funciona como mediação simbólica entre o adolescente e o meio.

Tendo em vista diversas mudanças e complexidades da fase da adolescência, podemos compreender que esse período acaba por ser vulnerável ao desenvolvimento de problemas que estejam relacionados à saúde mental. Rossi & Cid (2019) trazem em sua pesquisa que, devido a tantas complexidades, o suicídio emana na fase da adolescência com muita intensidade, pois ele resulta da vivência de um intenso sofrimento psíquico.

Teixeira e Luís (1997) também complementam essa ideia do sofrimento psíquico ao citarem que a adolescência é uma fase que, normalmente, vem acompanhada de conflitos e angústias. Durante esse processo de mudanças, pode ocorrer delas serem vinculadas às situações de sofrimento intenso, o que propicia ao adolescente desenvolver patologias, tornando-o mais vulnerável ao suicídio.

Segundo Knobel (1981), um dos maiores estudiosos da adolescência, essa fase é marcada pela busca da formulação de uma identidade. Muitos veem esse período de forma estereotipada e preconceituosa, quando deveria ser estudada de um ponto de vista holístico a partir de seus componentes biológicos, psicodinâmicos e sociais dentro de um contexto sócio-econômico-cultural, visto que, dentro da cultura ocidental, o adolescente é concebido como uma pessoa que apresenta um comportamento difícil, instável, rebelde e com forte carga de sofrimento. Porém, já se podem notar mudanças que demonstram que o adolescente pode atravessar essa etapa da vida de forma mais leve, experimentando sensações positivas tanto em relação a si próprio quanto em relação aos outros, sem se esquecer, no entanto, que, ao viver em um ambiente de dificuldades e violência, ele pode apresentar intenções suicidas.

Nessa fase da adolescência começam a emergir pensamentos acerca de planos futuros e valores da vida. Caso o adolescente esteja vivenciando uma fase de crises, angústias, conflitos e frustrações, é possível vir à tona comportamentos agressivos, impulsivos e pensamentos de autodestruição, ou seja, a ideia suicida.

De acordo com Borges & Werlang (2006) a ideação suicida corresponde a pensamentos e ideias suicidas, estando presente desejos, atitudes e planos que o indivíduo tem para acabar com a própria vida.

Nota-se, porém, que é necessário se atentar à recorrência desses pensamentos, pois, como explana a Organização Mundial de Saúde (2006), por uma vez ou outra ter algum pensamento suicida na fase da adolescência é normal, devido às mudanças que essa fase traz na vida do ser humano e, também, é um momento no qual há uma maior reflexão sobre a vida, a morte e o significado da existência.

Esses pensamentos suicidas não são comuns quando concretizá-los é visto como a única saída para a solução dos problemas, deixando então de ser só um pensamento e passando a ser tentativa de suicídio ou até mesmo suicídio consumado. Segundo Borges, Werlang & Copatti (2008) para diferenciar um jovem saudável de um jovem que se encontra nas etapas do suicídio é preciso verificar o quão intenso e profundo são esses pensamentos, o contexto em que surgem e a impossibilidade que o indivíduo tem de deixá-los.

De fato, Gay e Vogels (1999) afirmam que o adolescente, muitas vezes, lança um sinal de alarme ou pedido de ajuda ao praticar uma tentativa de suicídio antes do suicídio propriamente dito. Esse ensaio indica os sentimentos subjacentes de desespero e tristeza, fato que geralmente ocorre diante de incompreensões ou fracassos na comunicação. Trata-se de atos não planejados ou impulsivos os quais podem estar associados a drogas ou ao estado depressivo que elas provocam ou, até mesmo, ao desejo impulsivo de morrer ou de vingança de si.

Devido ao fato de o suicídio ter se tornado uma das principais causas de morte entre os adolescentes, especialmente nos Estados Unidos, há uma maior preocupação e consciência a respeito do padrão depressivo, das tentativas de suicídio, do comportamento autodestrutivo e dos suicídios. Gay e Vogels (1999) relatam que os distúrbios depressivos estão, geralmente, associados ao suicídio, porém podem ser citados outros distúrbios como distúrbios depressivos bipolares ou unipolares com antecedentes familiares, hipomania ou mania, sintomas maníacos, hiperatividade, insônia, inquietação, irritabilidade, tagarelice, delírios grandiosos de inteligência, poder ou atratividade e hipersexualidade, distúrbios afetivos, delírios de perseguição e ideias mirabolantes.

Kernier e Cupa (2012) concordam com Gay e Vogels (1999), ao comentarem que a adolescência é um momento de transtornos somatopsíquicos incomuns, que

acaba levando os garotos a marcos identitários e identificatórios. Tantas mudanças podem acarretar um comportamento de risco de suicídio. As autoras colocam que “os adolescentes que cometem tentativas de suicídio parecem recorrer a um violento ataque a si mesmos, uma ‘autodespossessão’, em suma, para que a indispensável muda psíquica adolescente possa se exercer” (KERNIER; CUPA, 2012, p. 457).

Desse modo, a fase da adolescência foi assinalada por Kernier e Cupa (2012) como um momento de transtornos somatopsíquicos e de muitas mudanças, não apenas físicas, mas também emocionais e que são possíveis de levar a um comportamento de risco de suicídio.

Depressão e suicídio têm uma relação, não exatamente direta e linear, no entanto, nos estágios depressivos, a ideação suicida aparece com mais frequência. Borges & Werlang (2006) relatam que a depressão é muito comum na adolescência e é uma das causas do aumento da ideação suicida. Sendo assim, a ideação suicida pode, até mesmo, servir como parâmetro de quão severa é a depressão que o indivíduo se encontra.

De acordo com Kuczynski (2014), tema pouco comentado, o suicídio na adolescência é até mesmo considerado um assunto proibido por pais, responsáveis e autoridades nos meios técnicos, na tentativa de não causar um interesse pelo jovem de forma negativa. É difícil crer que a morte tenha sido a perspectiva de um jovem. Porém, comportamentos suicidas são protagonizados por eles e é importante discutir sempre abordagens preventivas de reduzir as estatísticas. Para Braga e Dell’Aglio (2013), o suicídio apresenta diferenças relacionadas ao gênero: as tentativas de suicídio são mais comuns em meninas, porém são os garotos que mais cometem o suicídio, utilizando meios agressivos em seus ensaios.

O suicídio é um fenômeno multifacetado, sem distinção de raça ou estrato social. Implica fatores sociais, disposições organopsíquicas, ambiente físico e processos cognitivos de imitação. Para Kuczynski (2014), é o último fator de grande preocupação na faixa etária dos adolescentes devido a sua importante prevalência como ator associado.

Há muitos fatores que podem lesar a saúde mental de adolescentes. Para Braga e Dell’Aglio (2013), as estratégias de prevenção ao comportamento suicida em adolescentes precisam focar a ideação suicida. Os programas de prevenção precisam também atingir adolescentes de baixa renda, em especial os que apresentam comportamento agressivo e/ou que fazem uso de álcool e/ou de entorpecentes.

Alguns fatores foram levantados pelos autores, porém salientou-se a baixa escolaridade da mãe.

Logo, um dado interessante foi apresentado por Souza e colegas (2010). A baixa escolaridade da mãe pode ser significativamente associada ao suicídio. Outros fatores são baixa escolaridade do adolescente, o sedentarismo, o consumo de entorpecentes e/ou álcool, o porte de canivetes, facas ou revólver.

Resmini (2004) busca explicações na união entre a sociologia, a psicologia e a psiquiatria para as tentativas de suicídio entre os adolescentes. O autor também assinala que as influências familiares são importantes nesse assunto. Logo, as dimensões que se ajustam ao comportamento adolescente suicida, como em outras fases da vida, seriam: dinâmica familiar (perturbações na estrutura familiar, troca ou inversão de papéis, alta de clareza na separação entre as gerações, alianças entre os membros da mesma família, dificuldade na aceitação de mudanças, problemas em enfrentar as crises familiares), transmissão familiar, estilos cognitivos e fatores biológicos. De fato, os pacientes que buscam o suicídio como solução de problemas são aqueles que apresentam dificuldades em lidar com problemas, não conseguindo ver alternativas a não ser a própria morte.

A percepção da ideação suicida nem sempre é tarefa fácil, muito em parte devido ao preconceito e ao caráter de tabu do tema. Os jovens são sujeitos em formação e facilmente influenciáveis. Certamente, usam muito a internet para verem filmes, séries e vídeos. Fala-se até mesmo em comportamento de imitação ou contágio, pelo fato de conhecer alguém famoso que cometeu suicídio e tentar imitar. Muitos meios comunicativos não concordam muito que se fale sobre o suicídio ou que enfatize os meios usados para tal ato, justamente por acreditarem que é possível ocorrer o comportamento contagioso. Sem dúvida, a mídia exerce um impacto e muitos estudos a apontam como fator de risco ao suicídio, principalmente se forem pessoas com saúde mental vulnerável (BRAGA; DELL'AGLIO, 2013).

4.2 A Internet como meio de comunicação

Para abordarmos a Internet como um dos principais meios midiáticos da temática em questão, é relevante compreender seu surgimento e impacto nos meios sociais. A Internet, em tempos atuais, ocupa uma posição de alta importância que é praticamente impossível se pensar num cotidiano sem suas contribuições, já que é

um espaço que aproxima pessoas, facilita diversas possibilidades de interação e transmite informações com muita agilidade. E, desde então, muito se tem pensado e debatido a respeito do poder e influência da Internet sobre as pessoas, mal conseguimos imaginar que antigamente essa tecnologia nem existia ou existia de forma precária e o acesso era para pessoas com um poder aquisitivo elevado, devido seu alto custo.

De acordo com Giles (2010) a Internet surgiu no final dos anos 60, durante a Guerra Fria, como um projeto de defesa do governo americano. Tinha como propósito criar um sistema de informação e comunicação em rede e impulsionar a troca de informações entre os centros de produção científica. O pensamento dos militares na época era de que um único centro de computação que contivesse toda a informação era muito vulnerável, melhor seria distribuir as informações em inúmeros pontos conectados em rede, foi, então, quando surgiu a *Arpanet*.

De início a Internet era de uso restrito de algumas universidades e órgãos de defesa americanos, o objetivo era descentralizar os dados em caso de guerra e introduzir uma cooperação técnico-científica entre os pesquisadores. Em meados dos anos 90, começaram a liberar acessos para pessoas de fora da comunidade acadêmica para que pudessem utilizar o correio eletrônico. Nessa época a Internet foi liberada para uso comercial, expandindo-se para milhares de localidades (DERTOUZOS, 2010).

Desde então iniciaram-se discussões sobre a criação de mecanismos de controle para a Internet. Autoridades do governo e conservadores da sociedade julgavam ser perigosas a autonomia e a liberdade que a Internet estava proporcionando. Essa é uma questão que ainda é discutida nos dias atuais, em várias partes do mundo, principalmente por cidadãos que se sentem ofendidos com determinadas postagens.

Como relata Barros (2013), em pouco tempo, a Internet se desenvolveu articulando texto, som e imagem. Páginas que eram unicamente textuais, como as páginas de bate-papo evoluíram para páginas com experiências multimídias complexas. Ao mesmo tempo, iniciaram-se os mecanismos de busca, aperfeiçoando-se até chegar a umas das páginas mais procuradas que temos hoje, o Google.

A tecnologia avança rapidamente, e a internet segue o fluxo desse avanço. O seu acesso teve início por meio de internet discada, passando para banda larga e rapidamente avançando para a conexão em celulares com rede 3G e 4G, havendo

atualmente pesquisas e estudos para que esses venham ser substituídos pelo 5G. A Internet ganhou muita força e tornou-se uma ferramenta diária, um estilo de vida para grande parte da população, seja para trabalho, estudo ou entretenimento e não deixa de ser, praticamente, o meio de comunicação favorito dos jovens.

Todo esse avanço contribuiu para o surgimento das redes sociais, com o intuito de reunir amigos e fazer novos contatos como, por exemplo, o Orkut, MySpace, Twitter, Facebook, Instagram, dentre outros. As contas de bate-papo como MSN e ICQ foram substituídas pelo Skype e ferramentas que possibilitaram fazer ligações (BARROS, 2013).

Como nos alerta Barros (2013), o futuro terá mais inovações, podemos notar que há um grande consumo de conteúdos via web na nova geração, consumo de internet e sujeitos ditos usuários sendo consumidos por ela. A cada instante surgem diversos aplicativos móveis, e as redes sociais vão se inovando cada vez mais. A tendência é que venha ter a convergência dos variados tipos de mídia para a Internet, possibilitando o sujeito de várias coisas, ao mesmo tempo, do mesmo lugar e não deixando de estar conectado.

Dessa forma, a linguagem utilizada na internet, meio de comunicação de massa, serve não apenas para comunicar algo, como também para não comunicar. As cartas deixadas pelos suicidas e que foram analisadas na presente pesquisa foram encontradas nas mídias sociais, isso é fato comum e trazem pedaços de comunicação e de não comunicação. Sendo assim, a internet é um meio de comunicação e também de recalque, de demonstrar e de esconder, de expor momentos felizes exteriores de alguém que está em frangalhos interiormente.

4.3 As Redes Sociais

Um dos maiores enfoques relacionado à Internet na atualidade são as redes sociais. A sociedade contemporânea encontra-se ligada a um grande ciclo de pessoas das mais variadas idades, gênero, classe social, convicção religiosa e posicionamento político. As redes sociais servem para a interação ou não interação social, porém cabe ressaltar que elas possuem características próprias e funções específicas.

Com o início das redes sociais também vieram muitas preocupações que permeiam até hoje. Giles (2010) declara que a liberdade que a Internet proporciona chega a causar um certo temor em relação a situação de risco que as pessoas correm

por se tornarem íntimas de pessoas fisicamente desconhecidas. Nota-se que há duas situações: a Internet traz uma certa liberdade de expressão, mas também traz preocupação quanto ao nível de intimidade a que as pessoas se submetem, principalmente jovens e adolescentes.

Esse mundo cibernético, repleto de novidades e atrativos é tão envolvente que não demorou para haver o surgimento de novas patologias abrangendo o vício pela Internet retratando pessoas submetidas à alienação ao mundo real. O tempo que a pessoa se dedicava à rede, no final dos anos 90, chega a ser normal, nos dias de hoje, não sendo mais considerado como um vício.

Nesse paralelo de prós e contras a respeito da Internet, mais precisamente as redes sociais, Dertouzos (2010) traz a visão de que esse espaço virtual é significativo para muitas pessoas, principalmente aquelas que apresentam uma dificuldade de estabelecer relações em seu cotidiano, sendo a Internet uma ferramenta que pode facilitar a ocorrência de encontros face a face.

Recentemente foi lançado na plataforma digital Netflix um documentário denominado "O dilema das Redes" (*"The Social Dilemma"*), o qual entrevista especialistas em tecnologia do Vale do Silício que são ex-funcionários de empresas como Google, Facebook, Twitter, Instagram e Pinterest que mostram como as grandes empresas de tecnologia conseguem prever e até influenciar nosso comportamento.

Além de vantagens que a mídia eletrônica nos traz, o documentário *The Social Dilemma* (2020) expressa um outro lado que está relacionado com a manipulação em massa e a falta de consideração com a saúde mental das pessoas. O documentário expressa as redes sociais como uma ferramenta não exatamente para quem usa, mas sim para quem a controla, disputando entre elas a atenção das pessoas. Tristan Harris, um dos personagens principais do documentário relata "As pessoas acham que o Google é só uma ferramenta de busca e que o Facebook é só onde vejo meus amigos. Mas elas não percebem que eles estão competindo pela sua atenção", e ainda acrescenta "se você não está pagando pelo produto, você é o produto".

De fato, as redes sociais são um grande atrativo entre jovens e adolescentes, pesquisas e estudos já comprovaram que há um fascínio pela exposição da própria imagem por meio de fotos digitais em mídias eletrônicas. É uma mídia que envolve diversas faixas etárias, mas, normalmente, jovens e adolescentes se sentem atraídos pela ideia de popularidade na Internet, ter uma grande rede de amigos e seguidores

e também muitos comentários e compartilhamentos de seus *posts*.

4.4 Adolescentes e mídias virtuais

É de total compreensão que após o surgimento das mídias eletrônicas muitas inovações e mudanças ocorreram no chamado mundo virtual. Bauman (2011) nos relata que muitas pessoas tem uma necessidade exagerada de se expor na Internet, sendo capazes, até mesmo, de expor aspectos privados em rede pública, fato difícil de imaginar ocorrendo com o homem do século XIX.

O autor também menciona que as relações adquiridas na Internet são mais levianas. Para Bauman (2011) apesar das pessoas darem um grande valor por cultivar uma rede social com um grande número de amigos, a maioria dessas relações é de pouco valor, com baixo vínculo afetivo, podendo ser desfeitas em questão de segundos.

Em contrapartida Lemos e Lévy (2010) relatam que em meios às redes sociais também é possível encontrar pessoas que estão em busca de aprendizado, conhecimento e produção de novos sentidos. Todas as redes e plataformas têm seu bom uso, porém não podemos negar que de certa forma somos controlados por elas.

Conforme relata Pereira (2016) é apertando do botão “curtir”, também conhecido como “*like*” em outros países, que as pessoas podem manifestar suas opiniões acerca de postagens na rede social *Facebook*. O botão “curtir” não está somente relacionado com o sentido de “gostar”, o autor menciona que há derivas a partir de diferentes formações discursivas. O botão “curtir” também pode trazer um sentido de que a postagem foi visualizada, confirmada, que houve concordância e aprovação, ou até mesmo pode haver sentido de desaprovação ou que a postagem foi ignorada. No documentário *The Social Dilemma* (2020) um dos entrevistados declara que o botão “curtir” da rede *Facebook* foi criado no intuito de mostrar que aquilo era “algo legal”, porém nos dias atuais nos deparamos com outra questão, hoje o botão “*curtir*” desencadeia outras funções, sua falta pode ser sinônimo de depressão ou causar uma obsessão pelo excesso de *likes*. Pereira (2016) relata que o “sentido de prazer” pode ser estimulado pelo comando “curtir”, sendo justamente a busca do sujeito pela aprovação de outros sujeitos, como se houvesse uma necessidade de obter, por meio de um gesto positivo, uma confirmação do conteúdo postado.

A geração Z é a primeira geração em que entraram em contato com redes

sociais antes do Ensino Médio. Esses adolescentes costumam ter o hábito de chegar da escola e ficar no celular navegando em suas redes, eles são mais frágeis e também mais deprimidos e normalmente ficam à espera dos acontecimentos. Estatísticas apontam para um aumento no índice de depressão e ansiedade entre os adolescentes, sendo até mais crescente e, conseqüentemente, mais preocupante entre os pré-adolescentes.

Muitos jovens buscam na internet respostas para suas dores e desesperanças na tentativa de encontrar alívio. De acordo com as pesquisas de Gomes et al. (2014), podem-se encontrar na internet inúmeros sites que abordam o tema suicídio tanto no sentido de prevenção, como no sentido de incentivo ao ato. Os autores também citam que muitos sites relatam formas de cometer o suicídio, abrindo espaço para a criação de grupos que combinam e agendam o ato de forma coletiva, sendo a grande maioria, composto por adolescentes.

Gomes et al. (2014) relatam que para muitos adolescentes estes sites eram vistos como forma de apoio antes de concretizarem. Eles buscam ajuda na web de forma secreta e acabam se deparando com incentivos e dicas de como realizar seus pensamentos suicidas.

As redes sociais se assemelham a um diário sem cadeado, mas com efeitos de segurança, com muitas declarações pessoais e muitas vezes com uma vasta exposição. Como declara Pereira (2017), anos atrás aquele que mantinha um diário organizado de suas atividades considerava-se uma forma de disciplina interior, além de um processo usual da época e por ser algo íntimo, fazia-se o fechamento dos diários com cadeado. O autor declara que o interior dos escritos contidos no diário despertava a imaginação do eu ideal, do imaginário.

Sabemos que atualmente os diários ainda existem, mas não com a total relevância de anos atrás. Há redes sociais, como o *Facebook*, por exemplo, que permitem a opção de cadeado para suas postagens, um efeito de privacidade para o sujeito. As práticas do dia a dia e os pensamentos normalmente são postados em redes sociais e são esses indicativos que nos mostram um pouco do íntimo do sujeito que faz postagens

Certas frases postadas nas redes sociais como “não aguento mais viver” ou “quero sumir” devem ser levadas a sério, pois podem ser um indicativo de ideação suicida. Muitos expõem seus sentimentos em *posts* na esperança de serem acolhidos e orientados e, quando isso não ocorre, a desesperança, o sentimento de vazio e a

tristeza tendem a aumentar, e o sentimento de acabar com a própria vida se fortalece.

É necessária uma atenção no olhar e uma percepção aguçada, pois a mídia eletrônica está cada vez mais envolvida na formação da atual geração, e a inteligência artificial já atua com um certo domínio na população.

4.5 Sociologia e suicídio

Um diferente olhar para o suicídio se deu em meados do século XIX com a publicação da obra *Le suicide*, de um dos pensadores mais importantes da Sociologia, Émile Durkheim. Segundo Almeida (2018), Durkheim teve um grande destaque porque procurou construir um objeto de estudo próprio para a Sociologia, diferenciando-a de outras ciências, como a Psicologia e a Filosofia, tentando entender a realidade como ela é e não como ela deveria ser.

Então Durkheim define como objeto de seu estudo os fatos sociais, e, de acordo com Almeida (2018), esses fatos são compostos de três características essenciais: a coercitividade, a exterioridade e a generalidade. O autor declara que o fato social é coercitivo porque exerce um poder que faz com que o sujeito realize ações mesmo contra a sua vontade, é exterior, uma vez que se encontra pronto e constituído na sociedade e é geral porque atinge todas as esferas da sociedade e seus participantes.

Tendo como base essa teoria, Durkheim fez um estudo detalhado sobre o suicídio na tentativa de entender por que o suicídio é um fato social que interessa ao sociólogo. Durkheim traz um olhar diferenciado, para ele o suicídio não é uma causa individual e sim social. Para Durkheim (2000) cada sociedade apresenta em sua história um conjunto de sujeitos com propensão ao suicídio, não devendo esta ser estudada somente por fenômenos orgânicos e psíquicos, mas também por causas sociais que geram os fenômenos coletivos.

Na visão de Durkheim (2000) o modo de se comportar e de agir do sujeito com relação às influências exteriores, de uma certa maneira, influencia no suicídio. Para o autor, o suicídio é um fato social que expressa uma patologia social, a qual ele denominou de anomia⁴.

Essa visão de Durkheim, de que o suicídio é explicado como uma questão

4 A anomia é um conceito desenvolvido pelo sociólogo Émile Durkheim para explicar a forma com a qual a sociedade cria momentos de interrupção das regras que regem os sujeitos

social, o levou a pensar nos tipos de suicídio e causas sociais específicas. Durkheim (2000) aponta para os tipos: suicídio egoísta, suicídio altruísta e suicídio anômico. O suicídio do tipo egoísta é aquele em que o sujeito se mata devido ao enfraquecimento dos grupos sociais ao qual pertence, seja um grupo de orientação religiosa, um grupo familiar ou de posição política. Para Durkheim (2000) quanto maior o afastamento perante os grupos sociais que produzem determinada maneira de pensar e de agir, mantendo a consciência coletiva acima da individual, maior é a chance de cometer o suicídio.

Já o suicídio altruísta, como explica Durkheim (2000), ocorre de maneira inversa ao egoísta. Enquanto que no suicídio egoísta o sujeito se mata por estar afastado do seu compromisso com a sociedade, deixando sobressair a sua singularidade, no suicídio do tipo altruísta o sujeito se mata por sentir que deve cometer esse ato pelo bem do grupo social no qual faz parte.

E, por fim, Durkheim traz a o suicídio anômico, o qual ele declara como sendo o mais presente na sociedade moderna. É o tipo de suicídio que está ligado a mudanças drásticas no âmbito social ou econômico de uma sociedade, de modo que a regulação social sobre o sujeito se enfraquece ao ponto dele não se sentir representado, protegido e identificado com o grupo social, gerando insegurança e desconfiança, levando-o ao seu limite, ao suicídio.

De acordo com Almeida (2018), o suicídio anômico está diretamente relacionado com as questões sociais. Quando a sociedade se encontra abalada por crises econômicas, crises políticas, guerras ou revoluções radicais, ela se torna incapaz de executar uma moralização sobre o sujeito. E Durkheim expõe as corporações como uma possível ajuda para esse tipo de suicídio, pois, segundo o sociólogo, as confissões religiosas e a família não são capazes de controlar a conduta dos sujeitos na sociedade e as corporações são formadas por sujeitos de posições religiosas e políticas diferenciadas, mas que exercem um trabalho visando o bem-estar da sociedade.

Karl Marx também trouxe seus estudos acerca do suicídio sob o ponto de vista sociológico. Diferente de Durkheim, Karl Marx, segundo Almeida (2018), não teve a preocupação em criar uma ciência da sociedade, ele foi o responsável pela criação do materialismo histórico–dialético, isto é, um método em que há uma junção da teoria e da prática como ação transformadora da realidade.

A teoria de Marx presume que as ideias, a consciência e as relações sociais

existentes em uma sociedade dependem de determinadas formas de organização do consumo, do comércio e da produção. O materialismo histórico-dialético é uma teoria que diz que não são as ideias e a consciência que controlam o homem, e sim que é o homem quem constrói suas ideias e sua consciência na produção de sua existência (ALMEIDA, 2018).

Pode-se, então, entender que para Marx é o modo de produção de uma determinada sociedade, em um dado momento histórico, que produz as condições materiais e culturais de saúde do sujeito, tanto biológica como mental. Baseado nessa teoria e por compreender a realidade como uma síntese de variadas determinações, Marx também se interessou pelo tema suicídio, pois ele acreditava que as suas causas estavam ligadas aos males da sociedade.

De acordo com Almeida (2018), Marx teve como base para os seus estudos sobre o suicídio as informações de quatro casos analisadas pelo policial francês Jacques Peuchet. Dos quatro casos, três eram de mulheres, sendo que, desde tempos atrás, o suicídio já tinha uma proporção maior entre os homens. Porém Marx tinha como intuito fazer uma crítica ao poderio familiar imposto sobre as mulheres, comparando o marido a um senhor de escravos.

Marx analisou os casos dos registros de Peuchet, fez suas críticas e considerações dando origem ao texto *Sobre o Suicídio*, no qual Marx faz uma crítica à sociedade burguesa como o desemprego, a miséria e a exploração do trabalho, acreditando ele que a injustiça social influencia diretamente a vida particular do sujeito.

Ao analisar cada caso, segundo Almeida (2018), Marx quis mostrar, por meio de seus estudos, que o problema do suicídio não estava em um ou outro caso, mas sim na sociedade capitalista e em suas relações sociais como um todo. Para Marx somente haverá melhoria nessa questão do suicídio se houver uma transformação radical na sociedade, superando o modo de produção capitalista, com transformações das estruturas sociais e econômicas.

Araújo, Vieira & Coutinho (2010) relatam que os casos analisados por Marx retratam uma sociedade alienada, sendo esta uma particularidade exposta por ele e que aponta para a perda do Eu, do esvaziamento social e existencial do ser humano, sendo uma perda do reconhecimento de si no produto de seu trabalho. Observa-se que Marx traz nessa visão não somente o fato de uma exploração econômica, mas também o dificultar do desenvolvimento do sujeito enquanto ser social.

A visão da sociologia acerca do suicídio nos faz pensar em um processo de

transformação social para desprender o sujeito dos valores sociais capitalistas que o rodeiam, na tentativa de amenizar o suicídio, um problema de saúde coletiva que assola a sociedade.

5 SUICÍDIO, PSICANÁLISE E ANÁLISE DE DISCURSO

Muitas vertentes, sejam elas sociais, psicológicas, biológicas ou filosóficas expõem sua visão acerca do suicídio. Como já visto, o suicídio é um fato social que ocorre em âmbito total, abrangendo diversas vertentes para sua compreensão. Será exposto, logo a diante, uma AD de sujeitos que cometeram suicídio em que os conceitos psicanalíticos foram o alicerce da análise. Para tal, é de total relevância compreender a base da psicanálise e sua visão acerca do suicídio.

Ao olharmos para o início da Psicanálise, deparamo-nos com as obras de Freud, considerado Pai da Psicanálise. Freud trouxe, por meio de seus estudos, muitos conceitos e teorias, mas não houve um estudo muito aprofundado sobre o tema suicídio.

Em seus últimos estudos, Freud traz novos conceitos como o narcisismo, pulsão de morte e *supereu*. Esses conceitos expandiram a Psicanálise favorecendo uma melhor compreensão das psicoses e melancolia e por meio de seu texto *Luto e Melancolia* algumas contribuições teóricas podem ser extraídas para uma melhor compreensão do tema abordado.

Para tanto, antes de expor um olhar sobre esse texto de Freud e alguns conceitos envolventes, como a melancolia e angústia, é de total relevância explanar sobre a Psicanálise e sua base teórica.

5.1 Um breve histórico da Psicanálise

Foi no final do século XIX que Sigmund Schlomo Freud Freiberg, médico neurologista e psiquiatra, iniciou seus estudos na tentativa de entender o sofrimento psíquico de seus pacientes que tinham diagnóstico de histeria. Freud se utilizava da hipnose como uma maneira de acessar os conteúdos mentais deles e, observando uma melhora nos pacientes, chegou à hipótese de que a causa da histeria era psicológica e não orgânica.

Essa hipótese foi a base para o desenvolvimento de diversos conceitos de Freud relacionados à constituição do psiquismo humano. Como nos relata Carloni (2011), foi em 1900 que Freud publicou a sua primeira obra considerada psicanalítica: *A interpretação dos sonhos*. E após essa obra muitos conceitos complexos surgiram nos quarenta anos de história da Psicanálise desenvolvida por Freud, e, posterior a

ele, outros autores continuaram complementando a Psicanálise por meios dos constructos freudianos.

Quando Freud iniciou seus estudos com os primeiros pacientes ele percebeu que além da consciência havia outra lógica que operava na estrutura psíquica humana, o inconsciente, pois ele notou que havia conteúdos que eram suprimidos da consciência, ou seja, não eram revelados ao sujeito.

Então, Freud desenvolveu duas teorias, na primeira - a do aparelho psíquico - ele divide o psiquismo em inconsciente, pré-consciente e consciente. Para o estudioso o inconsciente era uma instância psíquica em que o paciente sabe, mas não sabe que sabe, é onde há uma dialética e é a força de energia do psiquismo humano. O pré-consciente seria a parte responsável por armazenar informações que não estão na consciência, mas podem ser acessadas quando necessário (CARLONI, 2011).

Ainda nesse momento Freud desenvolveu o conceito de libido como sendo a energia erótica que possibilita a vida, a energia motivacional primária da existência humana. Posteriormente Freud desenvolveu a segunda teoria do aparelho psíquico. Ele percebeu que o psiquismo era mais complexo que a divisão que ele havia feito na primeira teoria. Então, nesse segundo momento, ele dividiu a estrutura psíquica em id, ego e superego. Sendo o id a fonte de energia pulsional (libido), inconsciente e regido pelo Princípio do Prazer. O ego, aquele que faz mediação entre os desejos do id e as interdições do superego, é onde se inclui a consciência, regida pelo Princípio da Realidade. E o superego é aquele que acusa os desejos do id, antes que cheguem à consciência, ele representa os pensamentos morais e éticos internalizados (CARLONI, 2011).

O id, o ego e o superego atuam juntos na estrutura psíquica. O id quer ter suas necessidades atendidas de prontidão, enquanto o ego tenta conciliá-las com as demandas do mundo externo e do superego. Freud (1997) declarou em sua teoria que a relação entre essas três partes da mente tem influência de energias inatas que ele chamou de pulsões. Discriminou duas pulsões: Eros, a pulsão de Vida, e Thanato, a pulsão de morte.

Freud (1997) explica que Eros é a força que mantém a união de tudo o que é vivo com o intuito de conservar a vida. Já Thanatos é a força que leva à destruição e manifesta-se por meio da agressividade. São dois instintos antagônicos e que não agem de forma isolada.

Freud, em seus estudos, declarou que a libido poderia representar desejos não

saciados que de alguma maneira poderiam refletir na vida da pessoa. Então surgiu um novo conceito por Freud, a sublimação, que seria utilizar a energia da libido para fins socialmente aceitos como religião, arte, estudos e entre outros. Carloni (2011) relata que Freud dividiu o desenvolvimento da libido em fases: fase oral, fase anal, fase fálica, latência e fase genital. Essas fases não são necessariamente lineares, mas são fundamentais para compreender importantes questões da teoria freudiana.

Essas fases começam a aparecer nos primeiros meses de vida e acompanham o sujeito em seu desenvolvimento. Um conceito muito interessante de Freud que se enquadra nesta temática do suicídio é o Complexo de Castração. Carloni (2011) nos relata que esse complexo ocorre na infância auxiliando a criança a entender que não pode ter todas as suas vontades atendidas. É quando a criança passa a conhecer a proibição ou o que não se deve ser feito, precisando deixar a satisfação imediata para conviver em sociedade, podemos compreender, contudo, que é quando o sujeito conhece o 'não'.

Como já relatado brevemente acima, o ego, umas das instâncias do psiquismo humano, é a parte defensiva do psiquismo e carrega consigo algumas funções que são os mecanismos de defesa. Silva (2010) nos diz que os mecanismos de defesa são processos subconscientes que possibilitam a mente desenvolver uma solução para conflitos, impulsos agressivos, ansiedades, hostilidades e frustrações. São ações tomadas pelo ego diante dos perigos que podem vir do id, do superego e da realidade externa.

Os principais mecanismos de defesa que podemos encontrar nos conceitos freudianos são: repressão – recalque, negação – isolamento, racionalização, projeção, sublimação, regressão, formação reativa, sendo estes encontrados em sujeitos saudáveis e, quando há aparecimento excessivo deles, pode ser indicação de sintomas neuróticos.

Os mecanismos de defesa que serão enfatizados nessa temática são a repressão – recalque e negação. Silva (2010) relata que repressão é o mecanismo de defesa do ego mais comum e consiste em afastar algo do consciente, tentando manter afastado da consciência alguma ideia penosa. Já a negação é o mecanismo mais direto que é a recusa do sujeito em aceitar a existência de uma situação. Ambos os mecanismos serão mais detalhados a seguir.

A Psicanálise não parou em Freud, muitos estudiosos vieram após ele e deram continuidade aos seus estudos. Grandes nomes como Lacan, Melanie Klein,

Winnicott, Bion e André Green contribuíram para o desenvolvimento da Psicanálise que permeia seus estudos e conceitos até os dias atuais.

5.2 Conceitos psicanalíticos e o suicídio

Como já exposto acima, Freud muito pouco se aprofundou no estudo sobre o tema suicídio. No entanto, muitos conceitos relevantes para essa temática podem ser encontrados em suas concepções. De acordo com Brunhari e Darriba (2014), Freud, em seus relatos, considera que nunca se pode excluir o suicídio como um possível desfecho do conflito psíquico.

Os autores declaram que, na visão de Freud, há uma pulsão relacionada à autodestruição, denominada pulsão de morte. O que Freud traz nessa teoria é que há duas forças que se opõem, e os ferimentos autoinfligidos surgem, pois tendem à autodestruição que supera a força oposta, no entanto que Freud considerou o suicídio como uma falha na ação.

Freud, em sua época, interpretava o suicídio como algo obscuro e de causas misteriosas, para muitos questionamentos ele não tinha uma exata resposta, como até hoje não tem, mas tomou como referência os conceitos sobre melancolia comparando-a ao luto. Tem-se, então, o seu texto *Luto e Melancolia* no qual Freud (1996) explica que tanto no luto quanto na melancolia existe a perda de um objeto amado. Pode-se pensar que, no caso do suicídio, a perda desse objeto pode vir a ser a autonomia do sujeito, ao mesmo tempo em que ele a perde, resgata-a em um ato brutal.

O que de fato ocorre é que a energia libidinal que antes era direcionada ao objeto retorna ao Eu, e com isso o meio externo deixa de ser interessante, então o sujeito fica triste, apático e introspectivo e, ao mesmo tempo, experimenta sentimentos opostos em relação ao objeto perdido. Nesse momento o luto é importante para que o indivíduo desfaça os laços com o objeto, elabore a experiência e depois possa investir em novos objetos (FREUD, 1996).

O diferencial entre luto e melancolia é a maneira que ocorre a perda do objeto amado. Berlinck (2008) explica esse processo esclarecendo que a perda no luto é consciente, já a perda na melancolia é inconsciente, o indivíduo não sabe o que perdeu. Nas duas situações há um vazio, porém no luto é em relação ao mundo enquanto na melancolia é em relação ao Eu. Na melancolia há uma diminuição da

autoestima, caso, por exemplo, que pode não ocorrer no luto.

O desânimo, o desinteresse pelas coisas, a incapacidade de amar estão relacionadas com a autorrecriação, vinculados a uma punição. É um processo melancólico por meio da perda de um objeto amado, porém não se conhece o que foi perdido, não é consciente (FREUD, 1996).

Brunhari e Darriba (2014) explicam que é nesse processo que o indivíduo se encontra desinteressado, levando-o ao adoecimento, e essa perda do amor-próprio do eu pode estar relacionada a uma perda relativa do eu. O indivíduo direciona injúrias a si, essas que provavelmente seriam direcionadas ao objeto amado são direcionadas contra o eu.

Freud (1996) explica que, na melancolia, há algo que é destruído, havendo um recolhimento da libido e uma identificação do eu com o objeto perdido. Sendo assim, o eu pode ser julgado como objeto perdido e o amor antes depositado no objeto passa a ser substituído pela identificação narcísica.

O melancólico se identifica de maneira narcísica com o objeto amado e direciona os sentimentos opostos para si, tornando-se autodestrutivo. Nota-se que o melancólico suicida não age contra a própria vida, mas sim contra o objeto amado perdido (BERLINCK, 2008).

Como visto, o melancólico é um indivíduo com a estrutura frágil, pouco tolerante à frustração, preso numa dinâmica narcisista de autodestruição. No entanto, como ressalta Berlinck (2008), a capacidade de elaboração do luto é individual sendo desenvolvida pelo sujeito conforme as relações objetivas que estabeleceu durante sua vida e também pelos valores dos grupos a que pertence.

Nos dizeres de Freud (1996), podemos entender que a catexia de um indivíduo pode vir a sofrer duas sequências sendo uma voltada à identificação narcísica e outra ao sadismo, sendo justamente essa última tendenciosa ao suicídio. Como dito acima, o melancólico suicida age contra o objeto perdido que, no caso, está voltado pra si, é por essa razão que o Eu só pode se matar se tratar a si mesmo como objeto.

É provável que ninguém encontre a energia mental necessária para se matar, a menos que, em primeiro lugar, agindo assim, esteja ao mesmo tempo matando um objeto com quem se identificou e, em segundo lugar, voltando contra si próprio um desejo de morte antes dirigido contra outrem (FREUD, 1996, p. 174).

Na melancolia, o *supereu* manifesta-se trazendo um sentimento de culpa.

Brunhari e Darriba (2014) dizem que o melancólico admite a culpa e se sujeita ao castigo, sustentando as lamentações. Segundo os autores, o sadismo direcionado ao eu é conteúdo do *supereu*, originando um instinto de falência da vida que impulsiona o ego à morte.

Ainda na visão dos conceitos de Freud, para melhor compreender o ato suicida, podemos inserir nesse contexto a noção sobre angústia. De acordo com Cremasco e Brunhari (2009), nos primeiros trabalhos de Freud, a angústia foi entendida como sendo originalizada em uma esfera física, estando relacionada com a sexualidade. Os autores relatam que, para Freud, a angústia é um impulso libidinal que se origina no inconsciente e é inibido pelo pré-consciente.

Continuando seus estudos, Freud, ao dizer sobre fuga diante do perigo externo, faz considerações a respeito da angústia direcionando o recalque como fator interno da tentativa da fuga. Dessa forma, “o eu retira sua catexia (pré-consciente) do representante pulsional, que deve ser recalcado e utiliza essa catexia para a finalidade de liberar desprazer (angústia)” (CREMASCO; BRUNHARI, 2009, p. 162), sendo o eu visto como sede real da angústia.

Lacan, como seguidor de Freud, também trouxe diversos estudos edificantes para a teoria psicanalítica. Lacan compartilha dos ideais de Freud a respeito da melancolia, porém traz um grande foco em seus estudos sobre a angústia relacionando-a ao suicídio.

O conceito do objeto *a* foi uma grande contribuição de Lacan para a Psicanálise. Lacan (2005) vê o 'Outro' como uma função muito importante na constituição do sujeito, segundo o autor, o sujeito é fixado na imagem do semelhante e é essa imagem que traz um sentimento de satisfação consigo mesmo, de completude. Então, o objeto é visto como semelhante e como causa do desejo, Lacan então se propôs a entender qual era a realidade desse objeto. Logo, Lacan (2005) nota que a ausência desse objeto aponta para um objeto sem imagem é quando então se reformula a ideia de objeto *a* e o relaciona com a angústia. O que sobra desse Outro, o resto, é o que Lacan denomina de *a*.

Para Lacan (2005) a angústia é um afeto da ordem de perturbação e não de um sentimento. O autor articula simbólico e imaginário e afirma que a angústia permite refazer essa articulação. Nota-se que para Lacan a angústia não é sem objeto, porém o objeto *a* que se refere é apenas um lugar que está relacionado ao desejo, é o objeto *a*. Na visão de Lacan (2005), “a angústia surge do momento em que o sujeito está

suspenso entre um tempo em que ele não sabe mais onde está, em direção a um tempo onde ele será alguma coisa na qual jamais se poderá reencontrar”.

Lacan (2005) considerou o suicídio como único ato humano bem-sucedido, ele tinha uma visão de que o suicida tinha que ser respeitado, pois afinal ninguém é obrigado a encarar o real da vida. Mas também, por outro lado, considerava que não se deve sancionar aquele que está sofrendo, em estado de infelicidade. Para Freud (o suicídio assinala a sobreposição do extinto (pulsão) de morte em detrimento do extinto (pulsão) de vida. Freud descreve o suicídio referindo-se que a estrutura do superego ocasiona uma punição a estrutura do ego.

A visão do suicídio dentro da Psicanálise envolve diversos conceitos, como foi descrito acima, um dos mais comuns que se pode encontrar nas cartas suicidas é a (de)negação. Tal conceito é percebido nas constantes frases em que o suicida se culpa dizendo: “não se culpem por isso”, “eu não amei vocês o suficiente”, “não tem a ver com vocês”, “não é por sua causa” e dentre outras.

5.3 Alguns conceitos que permeiam a (de)negação

A Psicologia no decorrer dos anos, enquanto ciência, traz grandes e importantes conceitos como também renomados estudiosos que muito contribuíram no processo de formação da Psicologia. Diante das diversas vertentes que fazem parte dessa ciência é na Psicanálise que encontraremos a teoria para explicar o conceito de (de)negação.

Antes de abordarmos diretamente sobre o conceito de (de)negação, precisamos entender outros ricos conceitos da psicanálise que o precedem como, por exemplo, o inconsciente, o eu e alguns mecanismos de defesa como a resistência e o recalque.

Como já visto, os fundamentos da psicanálise partiram de Freud, o qual elaborou a teoria dessa ciência tendo o conceito de inconsciente como base de todo o saber psicanalítico. Segundo Laplanche e Pontalis (2001), por meio da experiência clínica, Freud traz a ideia de que o psiquismo não se limita ao consciente e que alguns conteúdos só vêm à consciência depois de superar certas resistências. Também revelou que o inconsciente é um lugar psíquico com conteúdo, mecanismos e uma energia específica.

Em se tratando de metapsicologia o conceito de inconsciente ocupa lugar

central, como já dizia Freud (1996), o inconsciente é parte essencial do psiquismo humano onde há representações e ideias em estado inconsciente. Também declara que no inconsciente não há contradição, não há negação e não há dúvida ou incerteza. Lacan, outro grande nome da psicanálise, que também seguia os pensamentos de Freud, afirma que o inconsciente é particular e redutível a um saber, um saber insabido em relação à consciência, sendo então um saber particular (LACAN, 2007).

Um outro conceito importante dentro da metapsicologia é o Ego, ou então, a noção de 'eu'. Como já visto acima, Freud (1996) nos diz que no Ego se pode encontrar diversos processos psíquicos, tem-se como propriedades do 'eu': responsabilidade pelos julgamentos conscientes; atuar, mesmo inconsciente, de maneira defensiva contra representações intoleráveis à consciência; diferentemente do inconsciente, é no ego que estão os enganos, a contradição, a negação, a dúvida e a incerteza, o real da linguagem.

Podemos entender que o ego é a parte organizada do sistema psíquico que entra em contato com a realidade que permeia o sujeito e atua sobre ela numa forma de adaptação. É o ego que media os impulsos instintivos do id e das exigências do superego. Ao dizer a respeito das representações intoleráveis à consciência, Freud (1996) explana que há uma ligação dessas ao que é chamado de 'conflito psíquico'. Entende-se por esse último como sendo dois grupos de ideias opostas que conflitam entre si, sendo um grupo perfeitamente ligado à consciência, e o outro, afastado dela, porém permanece nos limites do psiquismo.

Passamos agora a expor, brevemente, os conceitos sobre resistência e recalque, que são as defesas. Resistência, conforme nos diz Freud (1996), é o modo atuante defensivo do 'eu' contra as representações intoleráveis à consciência. Quanto ao recalque, Freud (1996) designou dois tipos: o 'recalque originário', que seria negar ao representante pulsional o acesso à consciência, sendo uma referência para que ocorra o 'recalque propriamente dito', sendo este último que implicará nosso conceito e entendimento sobre (de)negação.

Então o recalque, como nos diz Freud (1996), pode ser reconhecido sob a forma de resistência, sendo, então, o mecanismo de defesa contra as representações intoleráveis à consciência, afastando-as para o estado inconsciente, procurando conservá-las fora da consciência. Para as questões que estão recalçadas no inconsciente dá-se o nome de 'recalcado'. O retorno dessas representações pode vir

à consciência, o qual se denominada 'retorno do recaiado', de algumas formas como ato falho, sonho, chiste, e a (de)negação, como veremos a seguir, também pode estar envolvida nesse retorno.

5.4 Entendendo o conceito de (de)negação

O conceito de (de)negação de Freud pode ser encontrado em um texto de metapsicologia denominado “A Negativa” escrito em 1925. Esse texto surgiu após Freud notar, por meio da fala, algo que o sujeito negava em análise. O não aceitar da realidade despertou em Freud o interesse de estudar essa dialética existente, a não aceitação do recaiado.

O interesse de Freud pela temática tem relação com sua atividade clínica. O autor percebe que quando a negação aparece na clínica, deve ser levada em consideração. O autor defende que aquilo que se nega, ou seja, a “negação”, refere-se aos conteúdos inconscientes. Para o autor, quando do indivíduo nega é porque não está disposto a fazer uma associação (HYPPOLITE, 1998, p. 901).

Freud (1976) explica a 'negação' como um mecanismo de defesa que basicamente recusa-se a reconhecer que um evento ocorreu. A pessoa afetada simplesmente age como se nada tivesse acontecido, comportando-se de maneira que outros podem interpretar como inapropriada. Trata-se de um aspecto totalmente inconsciente, e o indivíduo pode ficar tão perplexo com o comportamento das pessoas ao seu redor, assim como essas pessoas estão pelo comportamento dele. Outra possibilidade de defesa desses mecanismos consiste também em um elemento consciente significativo, em que a pessoa simplesmente “faz vista grossa” para uma situação desconfortável.

Nota-se, então, que a (de)negação seria uma não aceitação do sujeito de reconhecer uma realidade que lhe causa um certo desconforto ou sofrimento. Aprofundando nos contextos de Freud podemos notar que:

[...] a negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido; com efeito, já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido. Podemos ver como, aqui, a função intelectual está separada do processo afetivo. (FREUD, 1976)

Desse modo, para Freud (1976), a visão negativa se ajusta muito bem ao fato

de que, na análise, jamais descobrimos um “não” no inconsciente e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se exprime numa fórmula do ego. Não há prova mais contundente de que somos bem-sucedidos em nosso esforço de revelar o inconsciente do que o momento em que o paciente reage a ele com as palavras “não pensei isso”, ou “não tinha pensado desse jeito”, portanto, aquilo que se nega é o que está sendo reprimido. A negação possibilita que uma ideia reprimida alcance o consciente.

Freud (1976) expõe em sua teoria o que de fato acontece na (de)negação - é o 'eu' deparando-se com as representações do estado inconsciente que são suscetíveis a vir à consciência. A (de)negação, então, é caracterizada pelo modo negativo que esse confronto se dá, via juízo intelectual do 'eu', por meio da associação livre.

Freud (1976) deixa claro alguns exemplos de (de)negação que encontrou em fala de seus pacientes, por exemplo:

- O senhor pergunta quem pode ser essa pessoa no sonho. Não é minha mãe.
- Agora o senhor vai pensar que quero dizer algo insultante, mas realmente não tenho essa intenção.

Observando os exemplos acima, podemos notar que há uma representação inconsciente que, nesses casos, veio à consciência via (de)negação. O que de verdadeiramente essas falas representam é:

- essa pessoa no sonho é minha mãe
- quero dizer algo insultante

Esclarecendo essa ocorrência, Freud (1976) explica que a representação inconsciente começa a vir à tona sob efeito parcial do recalque atuante sobre ela. Há uma resposta negativa devido à atuação do recalque sobre a representação inconsciente na forma de ‘resistência’ por parte do 'eu'. Então surge a negação a serviço da (de)negação como sendo a resposta linguística da atuação psicológica restante do recalque sobre a representação inconsciente; nota-se que é, então, o retorno de um recalcado. Isso quer dizer que a representação estava sob estado inconsciente, e agora está acessível à consciência, porém o retorno do que foi recalcado não significa que há uma aceitação total, no entanto emana-se de uma forma negada.

Podemos compreender, então, que quando não aceitamos alguma intenção nossa perante algo ou alguém conscientemente no nosso inconsciente essa intenção está gravada e reprimida e, quando chega à consciência, precisa passar por um crivo intelectual. Então, chegando à consciência, passa por ligações com o superego que impedem, por vezes, a pessoa de ser honesta consigo mesma e assumir a verdadeira intenção de tal ato.

Nota-se que a (de)negação é um mecanismo de defesa em que o sujeito nega a realidade como forma de se proteger de algo que lhe causa dor ou sofrimento, assim a representação consciente é recusada e recalçada. O que Freud (1976) quis demonstrar em sua teoria é a noção de que as negativas revelam muito do sujeito. Pequenos lapsos, pequenos atos falhos que não são admitidos e nem levados em consideração pelo analisando certamente nos traz a ideia de que há uma intenção secundária, ou seja, a verdade desse analisando, verdade de que ele não se dá conta nem tampouco deseja se dar conta.

Como explana Indursky (1990), na teoria psicanalítica, por meio da negação, o sujeito pode mascarar aquilo que não é de sua vontade dizer, já que foi censurado pelo superego e recalçado pelo inconsciente. O que se nota é que, por meio da (de)negação, o sujeito diz sem exatamente dizer, ele se apresenta dividido entre seu desejo de dizer e a necessidade de recalcar. A (de)negação possibilita verbalizar essa divisão, pois o sujeito, ao expressar negativamente o que foi recalçado, pode expressá-lo sem admiti-lo.

Diante dessa breve conceituação sobre (de)negação, podemos entender, até então, que o “não” do paciente não exatamente nega o que foi dito, mas deixa compreender que não foi dito tudo, até mesmo porque nem tudo é recoberto pelo simbólico, há algo que falha ou escapa”.

Como também cita Pimenta Filho (2010), a negação é uma suspensão do recalque e não uma eliminação, ou seja, o recalque é mantido e conservado. Sendo o mesmo que ocorre com o chiste quando há uma flexibilização da censura que opera permitindo que o recalçado adentre a consciência sem atrapalhar o trabalho do recalque, o que fica por fim é uma divisão subjetiva em que há a separação entre pensamento e afeto.

Com relação ao aprofundando na compreensão do contexto sobre (de)negação, não podemos deixar de incluir o conceito que Freud menciona em sua obra sobre o julgamento intelectual, explicando sua função, diz ele:

A função do julgamento está relacionada, em geral, com duas espécies de decisões. Ele afirma ou desafia a posse, em uma coisa, de um atributo particular, e assevera ou discute que uma representação tenha uma existência na realidade. O atributo sobre o qual se deve decidir pode originalmente ter sido bom ou mau, útil ou prejudicial. Expresso na linguagem dos mais antigos impulsos instintuais - os orais -, o julgamento é: 'Gostaria de comer isso', ou 'gostaria de cuspi-lo fora', ou, colocado de modo mais geral, 'gostaria de botar isso para dentro de mim e manter aquilo fora.' Isso equivale a dizer: 'Estará dentro de mim' ou 'estará fora de mim.' Como demonstrei noutro lugar, o ego-prazer original deseja introjetar para dentro de si tudo quanto é bom, e ejetar de si tudo quanto é mau. Aquilo que é mau, que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos. (FREUD, 1976)

Podemos notar que o julgamento é uma ação intelectual que está presente entre o pensar e o agir. Freud (1976) nos mostra nesse trecho que, ao utilizarmos da função de julgamento, normalmente estamos prestes a tomar dois tipos de decisão: afirmar ou negar, afinal o ego deseja introjetar o que é bom e ejetar o que é ruim, e também, testar a realidade, isto é, verificar a existência real de algo de que existe uma representação, uma passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade.

Essa visão sobre julgamento também é exposta por Pimenta Filho (2010) que nos diz que o juízo é a função que, no discurso, afirma e nega. O autor declara essa afirmação como simbólica, que permite a introdução de um significante para a constituição do sujeito, e o recalque só ocorre se acontecer essa afirmação inicial. A função do juízo é inseparável à lei do discurso, pois negar é o exercício da função que afirma o elemento irreduzível, possibilitando que certos significantes liberados do recalque estejam dispostos na cadeia discursiva.

5.5- (de)negação sob os conceitos de Hegel

Friedrich Hegel foi um filósofo alemão idealista criador do sistema filosófico chamado idealismo absoluto. Sua visão era explicar que as coisas reais que existem são determinadas por uma ideia anterior, aprofundando-se nos conceitos de qualidade, quantidade, existência e ser.

Hegel também expôs seus pensamentos por meio da dialética, mostrando que as ideias contraditórias estavam em constante atrito, mas dependiam uma da outra, e foi nessa visão que Hegel envolveu seu conceito sobre a (de)negação, também chamada de *Aufhebung*.

Figueiredo (2013) traz em seu conteúdo uma explicação a respeito do contexto

de Hegel. O autor nos diz a respeito da compreensão do verbo *aufheben* e o substantivo *aufhebung*, o verbo tem o sentido de manter e conservar, oposto ao primeiro, negar, suprimir, elevar ou mudar de estado, então o verbo *aufheben* significa suspender e declarar nulo algo instituído. Figueiredo (2013) nos alerta que o verbo alemão possui sentidos diferentes, possuindo três momentos: negar, conservar e elevar; e a psicanálise se aproxima dessa visão já que possui um existir dialético.

Freud estudou filosofia, naquela época, a dialética era muito difundida desde a morte de Hegel, mas, como explana Figueiredo (2013), provavelmente Freud não seguia a filosofia hegeliana. No entanto, a reflexão sobre “*aufhebung*” [de negação] veio a partir de Jean Hyppolite e Jacques Lacan. Os dois, durante seus estudos, interpretaram juntos o artigo de Freud (A Negativa – 1925).

A Psicanálise consiste na estrutura dialética de significar e re-significar a experiência. “A enfermidade consiste em algum grau de paralisia no processo dialético do psiquismo” (Figueiredo, 2013). Então, é no processo terapêutico que há a possibilidade do momento do re-significar do existir em si, foi o que Freud observou em seus pacientes por meio da técnica da associação livre, no entanto foi em virtude de umas dessas observações que desenvolveu o artigo analítico já descrito anteriormente, 'a negativa (1925)'.

Uma das melhores relações a respeito de *aufhebung* e o conceito de (de)negação de Freud foi feita por Hyppolite. Hyppolite (1989) traz uma observação interessante ao dizer que “a denegação é uma *aufhebung* do recalçamento, mas nem por isso uma aceitação do recalçado” (FIGUEIREDO, 2013, p. 95). Para o autor *aufhebung* é uma palavra dialética que se revela como negar, suprimir e elevar.

É por meio das construções linguísticas de seus pacientes que Freud percebe a importância de analisar as negações que eles traziam no contexto terapêutico e como o conteúdo reprimido abria caminho até a consciência. Então, sob a luz da teoria de Hegel e das reflexões de Hyppolite, Figueiredo (2013) explana em seu estudo uma relação sobre esses autores e a teoria de Freud a respeito da negação.

O psiquismo do sujeito aponta para alguns movimentos: o primeiro é uma representação de algo, a afirmação, denominada por Freud como princípio do prazer, mas por conter algo que ocasiona um desprazer foi recalçado. E o recalque torna-se evidente ao ser expresso em palavras no discurso do indivíduo quando ele nega. Nota-se que o que é recalçado não é destruído, é conservado e vem à tona transformado na forma de negação, sendo esta a ideia de *aufhebung*.

Isso exemplifica a reflexão de Hyppolite (1989) exposta anteriormente, a estrutura discursiva para negar é uma maneira de impedir que algo recalcado emergja, mas, ao mesmo tempo, tornar isso possível. A palavra “não” evita o desprazer que é algo que causa o recalque dessa representação.

5.6 Compreendendo a Análise de Discurso

A Análise de Discurso (AD) diz respeito às questões de linguagem nas variadas práticas discursivas da sociedade. A teoria de Pêcheux pode ser aplicada a um cenário multidisciplinar amplo, incluindo a psicologia, a saúde, entre outros campos do saber.

No cenário contemporâneo, o discurso pode ser visto como uma ação social que ocasiona o entremeio entre o mundo materializando-se por meio do diálogo a partir de cada palavra que é expressada ou não. Esse processo, no qual a linguagem é construída, norteia a nossa percepção, permitindo que possamos compreender a nós e aos outros e propiciando uma interação a nível global, por meio do discurso e suas diferentes possibilidades.

A linguagem é utilizada como ferramenta para elaborar o universo social dos sujeitos e permite que se sintam pertencentes e que possam integrar-se ao meio. Ao se apropriar da linguagem, as pessoas podem elaborar relatos e regras para atividades pontuais, como exemplo: criticar, ofender, acusar, elogiar, aceitar, elaborar uma carta suicida e negar. Na tentativa de delimitar o percurso que possibilita a comunicação social, a escrita de cartas e a (de)negação - elementos do presente estudo - traz a necessidade de compreender o discurso, já que Shneidman relata que 17% dos suicidas deixam uma carta, uma comunicação (SHNEIDMAN, 1969).

O discurso se materializa na língua e, nesse sentido, há que se compreender a sua concepção adotada nessa teoria. Por muito tempo a língua foi estudada como um sistema fechado e muito pouco se envolvia os falantes nesse estudo. Com o avanço das pesquisas linguísticas, o sujeito, que é o falante, passa a ser inserido no estudo e a língua começa a ser vista como a possibilidade de agir sobre o outro.

Conseguimos, por meio da AD, compreender como se produz e se apresentam os sentidos e os sujeitos. Como já mencionado, no Brasil, a teoria desenvolvida sobre AD veio de Eni Orlandi, que teve sua base fundamental vinda do filósofo francês Michel Pêcheux. Orlandi (2009b) coloca que a Análise do Discurso teve seu início nos

anos de 1960, porém o estudo da língua funcionando como produção de sentidos e permitindo analisar unidades além do texto, já era realizado, ainda que de forma não sistemática, em outras épocas. Assim, na década de 60, a AD relacionava três domínios disciplinares que buscavam romper com o século anterior: a linguística, o marxismo e a psicanálise. A autora continua colocando que na Análise de Discurso não há somente a transmissão de informação e nem linearidade entre o emissor, a mensagem e o receptor. Ou seja, alguém fala, alguém recebe a mensagem e a interpreta. A AD pensa o discurso e não se trata apenas de transmitir uma informação.

Segundo Marques (2011), Pêcheux trouxe em seus estudos uma maior profundidade da noção de língua em que ela deixa de ser vista somente como sistema ou estrutura e passa a ser compreendida como a materialidade do discurso, que traz consigo a ideologia. Marques (2011), no entanto, relata que Pêcheux criticou semanticistas que ignoravam os elementos presentes no ato enunciativo, como, por exemplo, a semântica estrutural, a qual não envolve a ideologia e a história em seus estudos e análises linguísticas. Pêcheux se rompia de uma perspectiva lógico-estrutural e aprofundava a noção de sentido, para ele a luta de poderes, a cultura e a historicidade do sujeito são elementos determinantes dos sentidos.

Para uma interpretação do discurso Orlandi (2009a) estabeleceu dois dispositivos analíticos: paráfrase e polissemia. A reversibilidade diz respeito à interação entre locutor e receptor e a polissemia é baseada na multiplicidade de significados em torno do discurso. Estes critérios foram fundamentais nos estudos de Orlandi para compreender como os discursos funcionam em relação aos seus interlocutores e a forma como são produzidos.

A AD possibilita uma análise em profundidade na qual é possível verificar as posições-sujeito produzidas, imagens e lugares feitos por meio de regularidades discursivas presentes nas materialidades. Segundo Orlandi (2009b), para realizar a AD é indispensável compreender a relação entre a superfície linguística e o objeto discursivo que se encontra de-superficializado. Essa característica de de-superficialização está relacionada à materialidade linguística (quem diz, de que lugar, em qual circunstância), ou seja, é o modo como o discurso se textualiza.

Foucault (2007) nos traz a ideia de que o discurso é constituído de enunciados com conteúdo concretos no tempo e no espaço. O autor considera tudo o que está envolvido como: sujeito, lugar, campo associado e materialidade, para ele esses atributos fazem parte do discurso e são fundamentais do enunciado. No entanto, se

formos a fundo, podemos notar que a mesma materialidade pode ocasionar enunciados distintos.

Por meio dos saberes de Foucault e de diversos outros estudiosos do campo linguístico, podemos compreender que todo discurso tem uma formação. A formação do discurso está relacionada com a identidade que se dá ao lugar, ou seja, o que o lugar representa para a sociedade e o que se permite dizer dele. Pêcheux (1990) também contribui nessa questão, ao dizer que o discurso não está pautado somente na fala, mas também no lugar de onde o enunciador fala, o autor remete à ideia de que o que fundamenta o discurso não é tão somente o sujeito enquanto indivíduo, mas a posição do sujeito no discurso.

De acordo com Courtine (1999), o que se enuncia é exterior ao sujeito enunciador tendo o discurso sido elaborado em um espaço de memória, no espaço de um interdiscurso, em que há enunciações que se repetem, opõem-se entre si e se transformam. É esse espaço de memória que constitui o exterior do enunciado a qual o sujeito enunciador se recorre de forma inconsciente e se apodera para criar sua enunciação. Podemos compreender, então, que o sentido do dizer ocorre na relação entre uma memória das discursividades e a atualidade em que se situa o enunciado.

Como já mencionado, para Foucault (2007) o discurso é um conjunto de enunciados que se encontram na mesma formação discursiva. O sentido que o autor traz para essa ideia é entender o enunciado de um discurso e não apenas os ditos dos sujeitos. É o intuito de compreender a posição que o sujeito ocupa num determinado tempo histórico e não apenas analisar o que disseram ou gostariam de dizer.

Como expõe Orlandi (2009b), analisar o enunciado nos faz pensar e refletir acerca de suas condições de existência, sua aparição, a história envolvida, sua relação com outros enunciados, o papel que desempenha num jogo enunciativo, seus limites e os efeitos de sentido produzidos no contexto. Em relação à enunciação temos os modos de agregação como afirmação, negação ordem, dúvida e para a temática em estudo foi analisado nas cartas o modo negativo presente nas enunciações.

Fedatto (2015b) faz uma observação relevante em seu estudo, declarando que, em termos linguísticos, praticamente em todas as línguas é possível dizer 'não', ou seja, podemos encontrar a negação em todas as línguas humanas, sendo o 'não' um dos universais linguísticos. A autora acrescenta:

Desse ponto de vista, a negação só acontece quando um *não* (ou outra forma funcionalmente equivalente) efetivamente aparece no enunciado. Por um lado, é interessante pensar que a linguagem nunca é apenas declarativa, que é sempre possível dizer *não*. Mas, do ponto de vista discursivo, sabemos que a negação funciona mesmo quando não é explicitamente dita, que o não-dito significa, muitas vezes como oposição, inversão, recusa, apagamento, censura. Os estudos linguísticos reconhecem, em geral, a *função da negação* em diversas formas da língua, como vocábulos, marcadores, locuções, prefixos, relações lexicais, enunciativas e argumentativas. Todas essas formas mostram que o fenômeno da negação não é inequívoco, estável nem transparente (FEDATTO, 2015b, p. 28).

Fedatto (2018) nos traz em seu estudo alguns sentidos que podem ser encontrados na cena da enunciação quando há aspectos negativos, são eles: a negação como oposição (produzindo sentido de disputa e polêmica); o negativo como sendo o inverso simétrico de um positivo (tem como efeito o pacifismo, o consenso e a indiferença); o 'não' como ausência de dizeres (censura, esquecimento e impossibilidade de dizer) e o negativo como sendo o nada (negação definitiva, o efeito impossível).

Buscando compreender esses diferentes efeitos de sentidos da negação e como ela funciona na enunciação, Fedatto (2018) realiza um estudo em que analisa um trecho da entrevista de Almino Affonso, Ministro do Trabalho no governo João Goulart, concedida ao programa Roda Viva em 2014. Nessa análise a autora nota que Affonso atualiza as memórias das enunciações de 1964 de modo negativo, sendo possível encontrar a descrição dos três elementos mais relevantes do modo de agregação negativo: a marca linguística da negação, o dizer ou acontecimento negado e o acontecimento afirmado pela negação.

Vale se atentar que em uma enunciação do modo negativo não há uma matriz semântica prévia na constituição da unidade sentencial, ou seja, o que constitui o sentido é a relação entre uma memória e uma atualidade, ambas em que o sujeito faz parte. Quando analisamos um discurso, há a necessidade de procurar o 'não' que é dito e o 'não' que não se diz, mas que produz efeitos de sentidos diferentes, sendo essa uma cooperação que a análise do discurso da negação pode trazer (FEDATTO, 2018).

O modo negativo colabora para discernir o papel dos lugares de sujeito e objeto na sentença, pois a negação afeta o lugar de objeto e nunca o de sujeito. Fedatto (2018) relata que, de acordo com os conceitos *dictum* (estrutura semântica da enunciação) e *modus* (reação do enunciador frente ao dito), pode-se notar que a negação é um dos modos de enunciação que traz consigo tomadas de posição na

constituição do enunciado. Conforme apontado no renomado artigo de Freud 'A negação' de 1925, em toda negação algo é afirmado.

Fedatto (2018) menciona que a negação linguística pode ser elaborada por meio de vários marcadores como *nem, nunca, jamais, sem, nada, ninguém, nenhum* e alguns prefixos também expressam negação como *i-, in-, a-, an-, dis-, des-*. A negação é um tema múltiplo e polissêmico e pode ser estudado por diversas abordagens teóricas no interior das Ciências da Linguagem. Nessa pesquisa, as cartas em análise trazem essa temática analisada à luz de uma das partes que compõem o tripé da Análise do Discurso, a Psicanálise.

Há muito embasamento dos conceitos de grandes nomes da Psicanálise como Lacan e Freud na AD. Freud colabora com sua teoria a respeito do inconsciente, na qual há muitos não ditos; Lacan traz a ideia de real da língua e em conjunto a AD se associa a esse conceito com o real da história. Esses conceitos juntos trabalham em favor da compreensão do sentido do discurso. Tanto para a AD quanto para a Psicanálise o sujeito é singular, não é um indivíduo, não é aquele do empirismo; o sujeito, assim como expressa Lacan (1998), é visto como aquele que emerge entre significantes de uma maneira única. Sob os conceitos de Freud, Lacan desenvolve sua teoria, podendo voltar também para a área da Linguística. Lacan (1998) elabora alguns conceitos como o 'Outro', sendo esse o lugar da verdade do sujeito e o objeto a causa do desejo, e deixa na interpretação do analista o testemunho da verdade sobre o sintoma e o desejo.

A Psicanálise colabora na interpretação que diz respeito ao sintoma e ao desejo do sujeito, normalmente desvelado a partir de resquícios do inconsciente que costumam aparecer no discurso sob a forma de atos falhos, lapsos, repetições e negação, sendo este último o caso das cartas analisadas nesta pesquisa. Lacan (1998) compartilha dois conceitos relevantes para evidenciar essas questões, são eles: metáfora, que compreende a substituição de um significante por outro; e metonímia que une um significante a outro numa relação em que materializa o desejo.

Como aponta Fedatto (2015b), se no inconsciente não há negação é porque os sentidos se encontram mais indefinidos nesse meio. Há uma falta, uma não representação e esse sentido pode ser formulado na linguagem verbal e visual. O intuito dessa pesquisa foi analisar, nas cartas deixadas por suicidas, a presença da (de)negação, um dos mecanismos de defesa colocado por Freud em sua teoria, já que o inconsciente é um lugar psíquico com conteúdo, mecanismos e uma energia

específica. A (de)negação é precedida de outros mecanismos como a rejeição e o recalque.

O recalque, como cita Freud (1996), pode ser reconhecido sob a forma de resistência, sendo, então, o mecanismo de defesa contra as representações intoleráveis à consciência, afastando-as para o estado inconsciente, procurando conservá-las fora da consciência. O retorno dessas representações pode vir à consciência sob algumas formas, sendo uma delas a (de)negação.

Freud (1976) explica a 'negação' como um mecanismo de defesa que se recusa a reconhecer que um evento ocorreu, não sendo essa uma recusa consciente. A pessoa afetada simplesmente age como se nada tivesse acontecido, comportando-se de maneira que outros podem interpretar como inapropriada. Trata-se de um aspecto totalmente inconsciente, nota-se, então, que a (de)negação seria uma não aceitação do sujeito de reconhecer uma realidade que lhe causa um certo desconforto ou sofrimento, a representação consciente é recusada e recalçada. O que Freud (1976) quis demonstrar em sua teoria é a noção de que as negativas revelam muito do sujeito.

De acordo com os ensinamentos de Orlandi (2009b), os fatos não existem por si só, mas demandam sentidos, e a AD traz uma relação direta entre linguagem, pensamento e mundo. A autora menciona que o locutor, em seu imaginário, experimenta o efeito de suas próprias palavras, antecipando-se em relação ao interlocutor, essa situação é bem evidente no sujeito que se expressa no meio virtual.

O discurso analisado nesta pesquisa está presente em cartas deixadas em redes sociais. As cartas, na tentativa de uma explicação do motivo do ato suicida, acabam por relatar um falar de si, o sujeito expõe suas questões e sentimentos. Como relata Fedatto (2015a) falar de si não é uma atitude fácil, exige uma autorreflexão, uma interpretação da própria personalidade, é como construir uma imagem voltada para o outro. A autora complementa que, assim como em todo discurso, no falar de si, atuam formações imaginárias que projetam lugares sociais correspondentes ao sujeito e suas relações sociais que surgem como posições do sujeito. A linguagem não é totalmente clara e há sempre sujeitos implicados no dizer.

Como expõe Dias (2018), o discurso de si é o ato em que o sujeito enunciador fala de si mesmo, procurando dar corpo simbólico a pensamentos e sentimentos, é um discurso que não fala de si como protagonista, mas fala de si enquanto instância subjetiva. A autora ainda destaca que o discurso de si tem como característica o ato de se inscrever em um espaço privado de enunciação. Ao contrário das formas

públicas de discurso, o sujeito se estabelece em um processo autorreflexivo e não na relação de interlocução com o outro.

Falar sobre si e sobre seus pensamentos no mundo virtual implica algumas questões. A escrita é vista como uma ação que ameniza os perigos da solidão oferecendo um possível olhar para o que se pensou. Nota-se que a escrita sobre si também é um trabalho sobre os pensamentos, estando ela aproximada ao papel da confissão, sendo também uma prova sobre o que se passou ou pensou (FEDATTO, 2015a).

Nas redes sociais, é possível encontrar muitos discursos de si, nota-se que há uma maneira peculiar no falar sobre si e, ao mesmo tempo, que é um falar público, visível para os amigos e seguidores das redes sociais, também é um discurso íntimo, como se fosse apenas o sujeito e seu dispositivo eletrônico. Descrever sobre si costuma ser um momento tenso, pois nunca se sabe ao certo o que esperam de nós, o que de fato a pessoa que ler a respeito interpretará, é um momento rodeado por nervosismo, excessos e fracassos.

Objetivou-se nesta pesquisa compreender como a (de)negação aparece no discurso de pessoas que pensam e cometem o suicídio e quais são os sentidos produzidos por essa (de)negação. Para tanto foi feita a análise de três cartas deixadas em redes sociais por pessoas que cometeram suicídio, a partir da análise do discurso.

Na análise do discurso não há análise quantitativa dos dados coletados, as pesquisas nesse viés possuem um caráter qualitativo-interpretativista, podendo incluir os efeitos de memória, a história, as ideologias e também os não ditos. A análise vem composta de trechos das cartas em que é possível notar a presença da negação por parte do emissor, mas, em anexo, há o conteúdo completo de todas as cartas analisadas.

6 ANÁLISE DISCURSIVA DAS CARTAS DE SUICIDAS SOBRE A PREMISSA DO CONCEITO DE (DE)NEGAÇÃO

Para este estudo, foram analisadas três cartas, as quais se encontram nos Anexos A, B e C. Todas as cartas, as quais estavam disponíveis na *internet* de onde foram extraídas, foram escritas e deixadas aos familiares e amigos por pessoas que cometeram o suicídio. Para sua localização foi realizada uma pesquisa no *Google* com o seguinte descritor: “cartas de suicidas” e por meio das publicações de notas ou mesmo da própria carta, o objeto de análise foi sendo selecionado. Foram selecionadas três cartas, duas delas estavam disponíveis apenas na mídia em jornais *online* de onde foram retiradas e, por meio das notas publicadas em uma das mídias pesquisadas, foram levantadas informações de uma carta deixada no *Facebook*, que também foi analisada. No intuito de preservar a identidade e, em respeito aos familiares dos autores, os sujeitos foram identificados por meio da sigla SD (Sequência Discursiva): na primeira carta o sujeito foi identificado de SD1, na segunda carta, de SD2 e, consecutivamente, na terceira foi denominado de SD3.

Foram escolhidas duas cartas de adolescentes, ou seja, com idades compreendidas entre 15 a 24 anos, de acordo com a definição dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1986). Essas cartas foram escolhidas por marcarem o início e o fim da adolescência nos moldes da OMS no intuito de demonstrar que a negativa se encontra marcada nas diferentes faixas etárias desta etapa da vida.

Também foi escolhida uma carta de uma pessoa adulta madura, cuja idade limítrofe é 50 anos, objetivando demonstrar que a (de)negação se faz presente no discurso suicida independente da faixa etária do sujeito implicado. Muito embora a (de)negação e a prática suicida estejam despertando interesse por inúmeros estudiosos da área devido aos seus índices crescentes, a amostra colhida para esse estudo visou ilustrar a presença da (de)negativa nos extremos períodos da adolescência (marco inicial é de 15 anos e final é de 24 anos), a última carta analisada foi selecionada almejando ilustrar que esse mecanismo de defesa intitulado (de)negação se faz presente no fenômeno do discurso suicida independentemente de alguma faixa etária específica, como foi a do sujeito da carta 3 que possuía 50 anos na época do autoextermínio.

A sigla SD refere-se a uma abreviação do termo utilizado em Análise do Discurso denominado de Sequência Discursiva. De acordo com Adam (1990),

Sequência Discursiva refere-se aos elementos e às elaborações cognitivas que influenciam uma produção textual, e que permeiam a linguagem. Para Pêcheux (1969), a língua não se dissocia da história, ideologia que permeiam a subjetividade e os sentidos da linguagem produzida, portanto, os elementos que comparecem em uma carta possuem um objetivo, que é direcionar o leitor em sua compreensão a partir de uma elaboração cognitiva carregada de sentidos. No que tange as condições de produção das cartas, na visão de Pêcheux o sujeito não é o responsável por seu dizer, já que a ele não é possível atribuir a fonte do próprio discurso, que é permeado e constituído de ideologia que existe nos sujeitos e os direciona em sua condição de sujeito, dessa forma, é possível afirmar que uma sequência discursiva é um recurso ou mecanismo que visa encontrar os objetivos de interpretação e comunicação de um texto.

A análise das cartas selecionadas baseia-se na tentativa de localizar e interpretar os elementos (de)negativos situados no texto de suicidas. Cada carta foi apresentada e, na sequência, foram feitos destaques para o funcionamento discursivo dos sujeitos e todo o percurso que remeta ao conceito de (de)negação. Logo, ficou-se atento apenas a um ponto do emaranhado de linhas que se cruzam e que possibilitam e constituem o discurso. O interesse pela presente análise surgiu por meio da percepção oriunda da recorrência da (de)negação em cartas de sujeitos suicidas, e não se pretendeu esgotar a temática; o intuito foi chamar a atenção para essa evidência da (de)negação.

Para Orlandi (2003), a linguagem é tida como ponte da relação do sujeito de linguagem e o seu próprio contexto social, essa travessia permite por meio do discurso e das práticas significar e ser significado, viabilizando ao sujeito perceber e expressar suas emoções. Já Marconi e Lakatos (2002) destacam que o conteúdo de cartas se estende para além do relato, sendo um documento que transmite significados para o autor e para os interlocutores inscritos na linguagem da qual é referida.

De acordo com Bezerra (2003), a carta é uma forma de comunicação, cujo objetivo pode ser bem variado desde cobrança, despedida, agradecimento, pedido, denúncia, prestação de contas, entre outros. Também, na visão de Roberts e Harabagiu (2012), essa comunicação geralmente busca explicitar informações, emoções, instruções, e conteúdos emocionais variados. Portanto, as cartas funcionam como uma comunicação que visa explicar os elementos que fundamentaram o suicídio.

De acordo com Silva (2017), citando Leach (1978), a comunicação é fruto de uma linguagem complexa e permeada por códigos e signos, e as cartas deixadas por suicidas estão repletas de conteúdos que denotam emoção e sentimento como: angústia, solidão, desesperança, medo, cansaço, desilusão. As cartas de suicídio são escritas com a finalidade, muitas vezes, de expressar um desabafo, uma última comunicação.

No que se refere às cartas, no cenário contemporâneo, a tecnologia tem sido grande aliada nas interações sociais e em grande medida na nossa comunicação, atualmente estamos adaptados a dispor de dispositivos que via internet funcionam como elemento mediador do nosso dizer. Podemos pensar na comunicação por meio de variados gêneros do discurso, como reportagens, notícias, e-mails, redes sociais, entre outros. O uso diário da internet de acordo com Silva (2017) tem ocasionado comprometimento e superficialidade no diálogo familiar e social, ocasionando desentendimentos e conflitos. A tecnologia aposentou algumas ferramentas de comunicação, como as ligações convencionais e as cartas tradicionais. A maior parte da nossa comunicação vincula-se às redes sociais (*WhatsApp, Instagram, Facebook*, entre outros). As comunicações de sujeitos suicidas também alcançam essa transformação e adaptam-se ao cenário atual, deixando suas cartas, sua despedida, expressa em suas redes sociais. Para Silva (2017), nesse novo cenário, focamos em atingir o maior número de “amigos”, buscamos aprovação sobre nossas postagens e nossos posicionamentos por meio de comentários e muitos *likes*. Essa mudança ocasiona uma alteração significativa, o novo papel de carta em grande maioria tem sido o *feed* de notícias das redes sociais.

O suicídio é um tabu, permeado de silêncios que gritam para serem escutados, e muita informação emerge do silêncio e de tudo que, com ela, fica abafado. Para Orlandi (1992), o silêncio pode constituir uma significação, que geralmente afilia-se a um sentido que não necessariamente pode ser entendido na conservação coletiva de uma compreensão passiva ou negativa. Sendo assim, atrela-se ao não dizer e ao dizer em uma relação estrutural, bem como o enraizamento cultural e a ideologia. E, prospectando esse funcionamento, fica-se instigado pela insuficiência da linguagem, que é descrita por Orlandi (1992) como a relação que o dizer possui em contraponto ao não dizer e, nessa falha de sentidos, da incompletude e do equívoco, pode-se pensar que o silêncio ao qual nos referimos não se trata da ausência da falta do que dizer, e sim do dizer por meio, do dizer de outra forma não necessariamente por meio

da insuficiência de uma palavra ou de um som, e sim pela negação do efeito de sentido e da significação; afinal, ao promover uma palavra, o sujeito promove o apagamento de outra, isto é, quando uma palavra é dita, outra é silenciada, mas não necessariamente excluída. Trata-se de um dizer que pode dizer outra coisa e possuir uma interpretação contrária.

Pensando em (de)negação como um conceito psicanalítico, que é o ponto chave da análise, faz-se necessário contextualizá-la pensando em um trecho bíblico que diz o seguinte: "*Que o teu sim seja sim, que o teu não seja não*" (Evangelho de S. Mateus, 5-37). Dessa forma, intui-se que nem o sim quer dizer sim e nem sempre o não quer mesmo negar, que é exatamente a lógica de um mecanismo de defesa denominado de (de)negação.

Para o Pai da Psicanálise, Freud (1925), a (de)negação vincula-se com a dificuldade do sujeito em aceitar conteúdos aversivos, que originam desconforto advindos do contexto externo; no universo interno, também ocorre a negação de todo conteúdo emocional, psicológico (memórias, pensamentos, situações e sentimentos) que ocasiona desconforto e sentimentos negativos.

De acordo com Freud (1925), o sujeito nega ter tido consciência de um desejo ou um pensamento manifesto anteriormente, a fim de promover sua autoproteção acerca de conteúdos que podem originar sofrimento, reprovação, repulsa, medo, vergonha, constrangimento, entre outros.

Esse mecanismo é recorrente em pacientes com doenças terminais. Na elaboração do luto e, ao que tudo indica, em narrativas suicidas, quando o sujeito se depara com conteúdo que lhe causa sofrimento, desestruturando-o e o desestabilizando. A saída é vetar qualquer possibilidade de admitir o conteúdo, promovendo a negação do que, na verdade, representa uma afirmação. No intuito de metaforizar esse mecanismo de defesa, pode-se usar um velho provérbio popular: "o que o olho não vê, o coração não sente". Na verdade, pensando nele para explicar a (de)negação, pode-se afirmar que o coração pode até estar desestabilizado, mas não deixa transparecer. Dessa forma, o coração sente, mas recalca e nega. E assim o sujeito circunda na dinâmica de defesa denominada (de)negação.

O suicídio condensa em alguns discursos um sentido de reprovação, principalmente em culturas ocidentais, marcadas por dogmas cristãos. Nessas culturas, a vida é tida como um dom divino e somente pode ser tirada por uma força também divina. Quanto aos aspectos formadores da visão de suicídio dos sujeitos,

Agrest (2010, p. 51) situa os relacionados à economia, ao avanço da ciência e à desmistificação da fé. Sendo assim, a carta revela parte desse círculo vicioso que produz e se reproduz em praticamente todas as culturas e classe sociais. O homem sente-se obrigado a sustentar a família. Com relação à fé, Catelão (2013) pontua que o suicida reconhece que, ao infligir a própria morte, faz um pedido a Deus que o perdoe exatamente por crer que o seu sofrimento é maior do que ele pode suportar.

6.1 Análise das cartas

Uma breve descrição dos sujeitos das cartas são: SD1 é brasileiro, tinha 16 e se matou enforcado no dia 14 de abril de 2017; SD2 é brasileiro, tinha 24 anos e se matou afogado no dia 1º de janeiro de 2019; SD3 é brasileiro, tinha 50 anos e se matou envenenado no dia 03 de dezembro de 2009.

Na sequência, seguem as reflexões analíticas referentes às cartas selecionadas. Foram mobilizadas nesta análise, aspectos vinculados ao mecanismo de defesa denominado (de)negação. Como já exposto no decorrer da tese, a (de)negação é um conceito freudiano que se inscreve na abordagem psicanalítica. A (de)negação é tida neste trabalho, como ponto chave, porém, foram levantados elementos relativos a regularidades que permeiam o discurso nas três cartas, bem como, alguns apontamentos interpretativos, no espectro da depressão, do suicídio e seus desdobramentos.

Nesse cenário, o suporte teórico utilizado, inclui nomes de peso como: Freud e Lacan. E de forma tímida, porém, não menos importante, contaremos com o apoio teórico de grandes nomes da Análise do Discurso (AD), entre eles: Pêcheux (fundador) e Orlandi (representante de destaque no Brasil).

No contexto de análise, o analista lança mão de apontamentos relevantes, que são mobilizados a partir de sua interpretação subjetiva. A análise fica condicionada, na dimensão dos movimentos analíticos e interpretativos do analista. Podemos pensar o processo de análise como algo não somente relativo ao significado pretendido pelo autor em sua produção de texto, mas também na produção de sentidos atribuída pelo seu leitor, mediante sua interpretação, tendo em vista, que os sentidos não são engessados, eles não se fixam em uma possibilidade rígida, os sentidos são responsáveis em produzir uma interatividade entre o autor e o seu leitor, que se mobilizam na direção de suas especificidades subjetivas, que estão relacionadas à

sua leitura de mundo, suas vivências, seus conhecimentos, suas percepções, entre outros.

A leitura de um texto promove mobilidade, e essa dinâmica produz novos sentidos possíveis, os sentidos expressos em cada texto não são matemáticos, nem estáticos e se movimentam na direção de sentidos viáveis, interpretativos e percebidos pelo analista em seu processo de leitura. A contribuição teórica de Orlandi (1999), ao falar sobre discurso posicionado como objeto de análise, não se resume ao texto, nem à fala, nem à língua, só a sua materialidade que é viabilizada, por meio de elementos linguísticos.

A materialidade de um discurso é viabilizada por meio da língua e possibilita divergências, oposições e discussões, isso ocorre por meio da condição social e histórica de cada sujeito. Os argumentos utilizados nesta análise foram viabilizados a partir dos relatos contidos nas cartas de SD1, SD2 e SD3. Dessa maneira, o gesto de análise possibilita um manejo personalíssimo de seus sentidos, que serão imprimidos a partir da realidade do analista e poderá ocasionar sentidos outros em seu leitor; nesse viés, o leitor da análise em questão poderá estabelecer um movimento de concordância ou discordância sobre os pontos elencados.

Como pontapé inicial, lançaremos mão de alguns apontamentos já expostos no decorrer do texto, que dimensionam o suicídio como um fenômeno multifacetado. As possibilidades que podem ser mencionadas como gatilhos de um suicídio são múltiplas e variam desde os transtornos mentais (psicológicos), problemas financeiros, término de relacionamento, perda de um ente querido, divórcio (sociais), doenças terminais (biológicos), entre outros. Para pensar nessa dinâmica, Belloch Fuster e Olabarría González (1993) pontuam o ser humano como sendo biopsicossocial. As causas que determinam sua homeostase encontram-se veiculadas ao equilíbrio integrativo de seu biológico, seu psicológico e o seu social. Essa integralidade viabiliza informações, atribuindo significados que incidem sobre nosso comportamento. Nas três cartas analisadas, é possível intuir um quadro de depressão não diagnosticado por um profissional de saúde, porém, descrito por eles.

Para Orlandi (2004), em análise de discurso, trazendo como objeto de análise o corpo, o dizer que produz a materialidade discursiva, significativa e reflexiva do discurso e da linguagem, vincula-se à iniciativa de atribuir sentido a um cenário capaz de produzir diversos significados, que não necessariamente se limita a um direcionamento, mas que se amplia para diversos sentidos possíveis, que

transcendem um dizer exclusivo, uma única possibilidade de dizer. Essa multiplicidade de sentidos relaciona-se com as condições de produção, com a história, com a ideologia, a formação imaginária, com o inconsciente e com o lugar social, que permeiam o discurso e a linguagem produzida. No presente contexto, podemos entender que, um dizer possibilita uma pluralidade de sentidos outros em uma alegação (de)negatória presente na carta dos três autores, um destaque na carta de SD1, que usava blusa de manga comprida para esconder as marcas da violência autoinfligida; no caso de SD2, a materialização do seu dizer, quando alegava que o seu corpo pesava toneladas; e no caso de SD3, que revela que não queria existir travestida de um corpo velho. Todo esse dizer de si e do próprio corpo revelam a possibilidade de outros sentidos que perpassam inicialmente a sua proposta materializada. O entendimento do dizer não é evidente, sendo capaz de produzir inúmeras possibilidades de sentido. O discurso de um sujeito pode revelar o seu ponto de experiência introspectado na premissa da sua condição discursiva.

O corpo pode ser significado de diversas maneiras, pelo viés religioso, histórico, psicanalítico, entre outros. Algumas variáveis como economia, cultura e política podem incidir na atribuição de sentidos ao corpo. Para Fernandes (2011) o corpo, na perspectiva psicanalítica, pode estar atrelado ao sofrimento, à angústia e à frustração que são características presentes no “mal-estar contemporâneo”. Já para Courtine (2013), essa atribuição pode ser dimensionada aos inscritos de Freud sobre o corpo, nos estudos freudianos sobre a histeria, nos quais afirmou que existe uma comunicação inconsciente por meio do corpo que é passível de interpretação. No caso da depressão, da dinâmica de defesa (de)negatória e em outras variáveis que ocasionam “mal-estar”, a comunicação do corpo pode vincular-se à tentativa ou à concretização do ato suicida. Segundo o autor, o ato suicida pode comunicar sobre a morte e sobre o ato do sujeito em si de atribuir à morte um significado de vida. Quando um indivíduo se mata, ele está comunicando sua impossibilidade de seguir existindo na sua própria pele, portanto a morte pode representar a tentativa de aliviar um sofrimento que é expressa não apenas pelo dizer discursivo, mas também por meio do ato de se matar que significa uma comunicação atrelada ao corpo do sujeito. Ou seja, o corpo produz um discurso que se materializa não necessariamente pelo discurso materializado e engessado em um sentido e sim manifestado e expressado através de uma comunicação corporal que explora a possibilidade de produção de sentidos múltiplos em uma comunicação do corpo ou do dizer por meio dele.

A depressão, no caso de SD1, pode ter sido potencializada pelos casos de abusos e dificuldades de relacionamento (mãe e contexto escolar) conforme aponta o autor, mencionando, também, que já estava sofrendo há dois anos. Já no caso de SD2, a depressão teve seu início no ensino médio, quando foi trocada de sala e separada de seus amigos.

O agravamento de seu quadro ocorreu mediante o término de seu namoro, devido a questões de autoestima, por se achar economicamente inferior à ex-namorada, o afastamento dos amigos, a não ascensão acadêmica e profissional e a simplicidade de seus avós também podem ser apontados como pontos relevantes. Já na carta de SD3, a perda do padrão financeiro aparece bem sinalizada (de)negativamente em seus apontamentos.

Todos os três sujeitos, ao que tudo indica, nunca tiveram diagnóstico de um profissional de saúde acerca de seu adoecimento, nem tampouco tratamento adequado, e o resultado do agravamento e cronicidade do quadro depressão resultou em suicídio.

Na dinâmica suicida, segundo Freud, em seu texto “Luto e melancolia”, o sujeito experimenta um luto inconsciente do que seria o seu ideal. Essa perda vincula-se à sua visão de mundo, onde esse passa a ser triste e esvaziado de sentido. Já na melancolia, segundo Freud, o próprio “eu” fica triste e vazio. O esfacelamento do “eu” promove um desapego da vida, podendo ocasionar o suicídio (FREUD, 1917 [1915]/1996a, p.278). Nesse contexto, podemos compreender que o suicídio pode ser ocasionado por uma “neblina” persistente que dificulta e escurece a leitura de mundo externo (social/biológico) e interno (psicológico/biológico) do sujeito.

Já na visão de Lacan (1957), o suicídio traz para quem fica um significado, um impacto mais consistente do que outras possibilidades de morte. A morte proporciona um simbolismo do sujeito perante os outros. De acordo com Carvalho (2014), a vida se posiciona na direção da morte, o sujeito só consegue aguentar todas as mazelas e dificuldades da vida vislumbrando a possibilidade de se matar a qualquer momento. A morte nos ocasiona suporte para viver. A morte pode ser associada com algo na ordem do simbólico e a vida com algo na ordem do real. E, na impossibilidade do real, a vida fica permeada pelo impossível, ou seja, torna-se insuportável (CARVALHO, 2014, p. 145).

A possibilidade da morte via suicídio, viabiliza recursos de enfrentamento de nossas angústias quando a vida se torna difícil, ou seja, a morte se torna uma

possibilidade diante da dificuldade de enfrentar a vida. Antes da viabilidade do suicídio, como ferramentas de enfrentamento da vida, lançamos mão de algum mecanismo de defesa, que nos ajudam a suportar as angústias, os medos e as tristezas. Para compreender os mecanismos de defesa, Freud (1976) sinaliza os três pilares integrativos do nosso aparelho psicológico responsáveis também em nos ajudar na formação de nossa personalidade que são eles: id (impulsividade) inconsciente, ego (racionalidade) pré-consciente e superego (moralidade) consciente. A designação da palavra (aparelho) foi utilizada por Freud, referindo-se a um conjunto de estruturas, constituídas pelas três instâncias que são distintas, cujo funcionamento é integrativo. A função ocupada pelo ego é de organizar os conteúdos oriundos do contexto interno e externo do sujeito. O ego é descrito como um poderoso controlador de nossos impulsos e decide se eles devem ser manifestados. O ego, portanto, atua como mediador entre duas instâncias: o id e suas pulsões e o superego que imprime rigor repressivo frente as ameaças do meio exterior.

Freud (1894/2006) defende que os mecanismos de defesa podem ser compreendidos como ferramentas estruturais inconscientes ou não que atuam em defesa das manifestações egoicas resultantes das pressões do id e do superego. A função do ego é de organizar os conteúdos oriundos do contexto interno e externo. O ego é um poderoso controlador de nossos impulsos e decide se eles devem ser manifestados. O ego, portanto, atua como mediador entre duas instâncias: o id e suas pulsões e o superego que imprime rigor repressivo frente às ameaças do meio exterior. Até aqui, entendemos que a missão do ego é de mediação, visando organizar de forma positiva os conteúdos advindos das outras instâncias. Quando a organização positiva não ocorre, o ego pode produzir sentimentos inconscientes que promovem respostas pouco adaptativas, que podem despertar sentimentos inconscientes; é nesse momento em que o mecanismo de defesa entra em cena, ativando uma defesa que pode evitar uma reação egoica, que ocasiona sofrimento psicológico e que produz medo, culpa, tristeza, entre outros sentimentos e emoções ruins.

Os mecanismos de defasa agem em favor do ego quando tentam encobrir ou tapear sua percepção frente aos conteúdos que lhe ocasionam sofrimento. Freud (1894/2006) discorre sobre vários mecanismos de defesa do ego, entre eles a repressão, a anulação, a sublimação, a negação, etc. Como já referido, o mecanismo de negação será utilizado para apontar algumas regularidades no discurso suicida. A negação pode ser entendida como um mecanismo de defesa que visa a não

assimilação de uma situação, pensamento ou sentimento doloroso e aflitivo, nessa dinâmica o sujeito visa negar o conteúdo que lhe causa sofrimento indesejável.

Em todas as cartas analisadas, uma regularidade observada é a recorrência da palavra não. Na carta de SD1, essa palavra foi escrita pelo sujeito 30 vezes; já na carta de SD2 64 vezes; e na carta de SD3, a recorrência é de 17.

A (de)negação, segundo Castro (1986), revela um ato de negar de dizer “não” que mascara uma afirmativa. Essa possibilidade entremeia-se e escancara-se na polissemia da linguagem. Podemos entender, portanto, que “negar” revela um consentimento uma afirmação de um fato. Para Pêcheux (1995), é admitir o interdiscurso. No caso das cartas, as denegações revelam uma impossibilidade em lhe dar com a realidade da vida, além de tentar encobrir um sofrimento avassalador.

Para Freud (1976), a visão negativa se ajusta muito bem ao fato de que, na análise, jamais descobrimos um “não” no inconsciente e que o reconhecimento do inconsciente por parte do ego se exprime numa fórmula do ego. Não há prova mais contundente de que somos bem-sucedidos em nosso esforço de revelar o inconsciente do que o momento em que o paciente reage a ele com as palavras “não pensei nisso”, ou “não tinha pensado desse jeito”, portanto, aquilo que se nega é o que está sendo reprimido, a negação possibilita que uma ideia reprimida alcance o consciente.

Na primeira carta, a sua autora intitulada de SD1 é brasileira, matou-se enforcada com apenas 16 anos e enviou uma carta por e-mail para uma amiga pedindo que ela só lesse depois de um dado horário, que possivelmente SD1 já teria concretizado o suicídio.

Na segunda carta, SD2 é brasileira, suicidou-se via afogamento aos 24 anos de idade deixando uma carta no Facebook. A forma de sua morte foi anunciada em sua carta, no trecho onde relata:

Não tenha medo de errar eu vou errar até meu último suspiro tenho certeza que enquanto engulo água eu já tenha desistido de morrer deve ser desesperador, mas como eu sempre tive medo da água acho que é um modo interessante de terminar isso superar o medo até o último segundo.

Já na terceira carta, SD3 se matou com veneno de rato aos 50 anos de idade.

Os argumentos expressos por SD1 possuem alguns pontos relevantes, que permeia sua argumentação suicida. Na argumentação de SD1, tudo começou quando

o seu pai (padrasto) iniciou a violência sexual, conforme relatos de SD1 que seguem: *“Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro; “Eu fui morrendo durante dois anos”; “Fui vendo minha morte sem poder fazer nada a respeito”.*

Nesse contexto, podemos intuir que a onda de dificuldades familiares e sociais (negligência da mãe, falta dos colegas de escola) enfrentadas e/ou percebidas por SD1 estão vinculadas com os abusos sofridos.

Já na carta de SD2, os argumentos que aparecem respaldando seu suicídio encontram-se vinculados ao momento em que foi trocado de sala no ensino médio porque *“conversava com seus amigos”*, essa colocação de SD2 aponta em uma direção analítica hipotética para duas possibilidades: a primeira de que houve uma alteração estratégica da administração acadêmica de sua escola, possivelmente pelo excesso de diálogo em sala de aula que pudesse estar atrapalhando a dinâmica de aula, e a segunda que essa alteração pudesse estar relacionada a uma tentativa estratégica de melhorar o rendimento acadêmico de SD2 ou de alguns de seus amigos. De qualquer modo, essa situação fica evidenciada no trecho em que SD2 relata:

*Tudo começou com 15 anos, quando me mudaram de sala no ensino médio me colocaram numa sala com pessoas que eu nunca conversei na vida pelo simples motivo de eu conversar com meus amigos.
Na nova sala eu não falava com ngm, era zuado por muitos otários, mas eu nunca liguei, eu sempre fui o que tinha a melhor resposta e olha que eu estava gordo, era fácil me atingir kkk, mas aí começou a ansiedade, a vontade de não levantar. De não ir para a escola, de não fazer nada...*

Quando SD2 relata sua ansiedade, na verdade os sintomas mencionados são condizentes com os sintomas da depressão que são mencionados por ele em outro trecho a seguir: *“Desde meus 15 anos vivendo um looping eu não conseguia levantar da cama, ter uma vida normal era a famosa depressão me comendo todo dia”.*

Portanto, podemos intuir que os aspectos vinculados à morte de SD2 teve seu início aos 15 anos de idade, quando a decisão acadêmica de separá-lo de seus colegas o deixou desanimado. Outros pontos agregados que incidem sobre a sua baixa autoestima, referem-se ao *bullying* e ao retraimento na nova sala, ao término de seu namoro, à falta de perspectiva social e acadêmica, já que sua vida não havia deslanchado como a de seus colegas, e também pela falta de suporte familiar, já que SD2 foi criado pelos seus avós e, como ele mesmo diz em sua carta, que sempre foi julgado pela família. Todos esses pontos incidiram sobre sua autoestima, deixando

SD2 descrente que pudesse arcar com a exigência da vida adulta (trabalhar, sustentar uma família, entre outros).

Já a motivação de SD3 para o ato suicida, encontra-se atrelada à perda do padrão financeiro, na passagem em que SD3 menciona:

*Ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. Realmente não soube administrá-lo e fui ludibriada por pessoas de má fé.
Não é por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em Floripa ou no Sul.
Não aguento mais pensar, pagar contas, resolver problemas...*

Os pontos levantados na carta de SD3 dimensionam que, mesmo sobre a alegação de que pudesse viver bem com o dinheiro que restava, na verdade, ela queria viver com um padrão mais alto e que já tivera ao seu alcance, já que se preocupar em ter dinheiro para pagar contas e resolver problemas pode vincular-se ao golpe de pessoas de má-fé que ela dimensiona em sua escrita. Para alguém que já experimentou um padrão financeiro excelente conforme seus apontamentos iniciais, precisar viver “bem” limitada em uma região pode não ser uma tarefa fácil. Portanto, podemos intuir que existia uma dificuldade de SD3 em aceitar sua nova realidade financeira. Na sua carta, SD3 também agrega outros aspectos que servem como fatores agregados, ela se refere ao processo de adoecimento de sua mãe que a levou a morte como pauta para não querer envelhecer e não precisar passar pelo que sua mãe passou.

Das três cartas analisadas, SD2 apresenta um aspecto singular conforme relato a seguir:

Eu vou pegar a bike, pegar uma brisa no rosto e me jogar na primeira água funda que eu ver não sei nadar mesmo o foda é se eu aprender a nadar nessa tentativa de morrer aí esse texto não vai valer de nada, mas acho que vou morrer.

De todas as autoras analisadas, SD2 foi a única que anunciou à sua maneira de se matar.

Na carta, SD1 reclama sobre a negligência materna, em seus relatos explicita “a consciência/inconsciente” que sua mãe tinha sobre os abusos cometidos pelo pai. A seguir trechos de relatos de SD1 sobre sua mãe coerentes com os aspectos apontados: “*Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência*”; “*Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia?*”.

Nos escritos de SD1, ficam evidenciados os movimentos do autor em minimizar e digerir conscientemente a falta de atitude e suporte materno sobre os abusos sexuais que sofria, já que nega a percepção da mãe sobre um fato aterrador que ela mesma alega que a mãe “via”, ao dizer, “*eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia?*” Na (de)negação existe a possibilidade de acordo com Freud (1976) referente a outro tipo de defesa, que incide em fazer “vista grossa” a um elemento consciente significativo, que ocasiona desconforto.

Durante toda sua argumentação, SD1 tenta resistir a ideia angustiante, da qual (de)nega, da certeza de saber que sua mãe sabe de tudo e se omite, além da mudança de comportamento como: falta de manifestação afetiva, cuidados e interesse por sua rotina diária. Essa resistência é uma defesa [(de)negatória] que visa ocasionar um conforto para o ego, recusando-se admitir a convivência de sua mãe a algo tão aversivo.

Para Freud (1976), a 'negação' utilizada por SD1 atua como um mecanismo de defesa que se recusa a reconhecer que um evento ocorreu. No caso de SD1 que a mãe realmente sabe de tudo em que ela vinha passando.

Podemos entender que mecanismo de defesa [(de)negação] circula no discurso de SD1, e é produzido de forma inconsciente sobre conteúdos inconscientes. Na negativa o sujeito se recusa a promover uma associação de conteúdo aversivo (HYPPOLITE, 1998, p.901). Apesar dos trechos mencionados não apresentarem a palavra não, a negativa comparece, e se confirma no decorrer da carta a partir da seguinte colocação: “*É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim*”; “*Sim, ela sabe do abuso, mas jogou para debaixo do tapete*”.

Nessa argumentação, SD1 afirma-se categoricamente o conhecimento de sua mãe acerca de todos os abusos e diz que a progenitora optou em jogar para debaixo do tapete. Nesse caso podemos pensar que, se os fatos alegados por SD1 foram condizentes com uma percepção real dos fatos nos quais a mãe realmente tinha consciência dos abusos, essas alegações nos oportunizam a construção de duas hipóteses relevantes sobre sua mãe a seguir todas circundadas sobre as premissas da (de)negação: a primeira incide na negação da mãe, na qual ela se recusa a aceitar e assimilar essa situação. Esse movimento promove um distanciamento entre mãe e filha, tendo o início dos abusos como marco. Na passagem de sua carta, SD1 direciona que ainda ama aquela mãe que a abraçava e a beijava; essa alegação

promove veracidade à hipótese levantada, no sentido em que evidencia uma mudança comportamental após tomar conhecimento da situação.

A sequência de afirmações de SD1 demonstra o percurso denegatório hipotético: “*ela era uma mãe tão atenciosa, porque ficou tão alheia*”, “*é como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai*”, “*ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beija*” - essa sequência explicita a mudança de postura de sua mãe no período dos abusos. Em uma segunda hipótese, a mãe de SD1 também pode ter denegado a situação (fazendo vista grossa) já que os fatos relatados principalmente de abuso pelo pai (padrasto) recaem diretamente sobre essa mãe, que a partir do momento que ela realmente associa a situação como real, terá que tomar iniciativas difíceis e que talvez nem saberia como agir, o que certamente lhe ocasionaria angústia, despertando sentimentos de medo, raiva, culpa, além de, possíveis transtornos relativos ao seu casamento. A última hipótese levantada ganha peso no trecho: “*sim ela sabe dos abusos mais escolheu jogar para debaixo do tapete*”, nas duas possibilidades denegatórias de sua mãe, ambas podem ter incidido em sua morte já que o abuso e a negligência da mãe serviram como principais gatilhos motivadores de seu suicídio, apesar de SD1 também alegar que tinha dificuldades sociais na escola.

O movimento (de)negatório de SD2 também se faz presente em seus escritos. Em sua carta, SD2 alega pontos que encobrem denegatoriamente sua real afirmação. No fundo, tudo que estava dando errado (término de namoro, distanciamento dos amigos e falta de apoio familiar) encobrem a percepção de insuficiência de SD2 para enfrentar aspectos da vida adulta. Quando SD2 menciona colocações:

A vida para mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira? Uma família? E se eu não conseguir nada disso? Falhei em ser um ser humano? Não sei, sempre me julgaram por não me importar com o futuro.”
Nunca pensei em trivialidades, aprender a cozinhar? Levar o lixo para fora?
Eu não tinha nada como sempre me sentindo inferior.
Uma mulher procura um homem que trabalhe, que levante 7 da manhã, E que vai trabalhar tanto e ganhar tanto dinheiro.
Depois dos 20, quando eu deveria ser o adulto... que contribuísse cm a sociedade de algum modo, o que creio que eu nunca fiz, hoje eu to com 24, então basicamente 4 anos com esse intenso sentimento de que nada dará certo, completa frustração, namoro, trabalho, amigos, tudo...
Até o presente momento eu fui um palhaço na vida.

Os trechos acima dimensionam que SD2 tinha medo de falhar na vida e não se sentir suficiente para atender às expectativas e aos anseios da sociedade e do seu

grupo social (formação, trabalho, patrimônio, etc.), assim SD2 relata se sentir insuficiente para sua namorada alegando até mesmo vergonha de sua condição financeira conforme passagem em que diz:

*Ela que eu era um repetente ela era linda e inteligente demais para mim...
Fui eu que terminei, me arrependo até hj acho que era a vergonha, a mãe dela era professora o pai ganhava mt dinheiro, casa topper, eu não 12 tinha nada como sempre me sentindo inferior.*

Aqui nesse trecho SD2 destaca uma questão de autoestima vinculada ao funcionamento capitalista da sociedade contemporânea, na qual a noção de pertencimento fica atravessada com o poder de consumo, na dinâmica de satisfazer os interesses pessoais, refletindo na autoestima positiva que proporciona autoaceitação e felicidade.

A tida “sociedade de consumo” formata e vincula pessoas em suas potencialidades de consumo, eu me identifico com um grupo com o qual eu possa consumir na mesma linha dos demais membros e sou excluída do mesmo se a minha possibilidade financeira não estiver coerente com a dos demais membros. De acordo com Marx (2002) nossa lógica capitalista é responsável por mobilizar nossos anseios íntimos por meio da nossa vulnerabilidade de consumo que condicionam o que eu quero, o que eu visto, o que eu como, a escolha do meu carro, da minha casa, ou seja, essa lógica permeiam minhas escolhas e minhas relações, mobilizando meus desejos e apreciações não para os aspectos valorativos da vida, das pessoas e do universo, e sim para os produtos confeccionados pelo homem e que se tornam meus objetos de desejo.

O valor do ser humano em seu grupo não se limita ao que ele é e sim ao que ele tem, dessa forma na atualidade é comum os jovens introspectarem o lema “ter em detrimento do ser”, sucumbindo muitas vezes à noção valorativa do ser. O ajustamento social e a noção de pertencimento de SD2 ao grupo ficou enviesada na sua limitação financeira, isso pode justificar até mesmo o seu retraimento social. Quando menciona que nunca soube lidar com as situações inalcançáveis que se passava por sua cabeça, e que o fez terminar sozinho, sem namorada nem amigos, porque achava que era desmerecido por seu grupo porque não tinha nada a oferecer. No trecho em que SD2 alega que fazia planos, se ganhasse na megassena, explicita que realmente sua visão de si (insegurança) permeava sua sensação de impotência

financeira.

Na percepção de SD2, seus amigos que tinham evoluído, tinham uma vida boa, um trabalho que rendia dinheiro para sair e fazer coisas que ele não podia fazer, como ter um carro, por exemplo, e no caso de sua namorada que tinha casa “topper” e dinheiro, enquanto ele morava no sítio e era limitado. Todos esses pontos elencados minaram sua percepção positiva de si, ocasionando com que ele não se sentisse capaz de alcançar o mesmo para estar em equivalência com seus amigos, portanto, tinha vivido até sua morte como um palhaço, o engraçadão, o solitário e o incompetente. Essas suas percepções negativas lhe ocasionavam angústia e dor.

Já no relato de SD3, os elementos denegatórios encobertos estão vinculados com sua tentativa de mascarar que a sua atual situação financeira e o seu rebaixamento profissional que ocasionou uma perda de *status* social e financeiro. A perda do padrão financeiro é apontada por diversos estudiosos como um dos múltiplos gatilhos que podem levar um sujeito a cometer o ato suicida.

Os autores de duas das três cartas analisadas (SD2 e SD3) apresentam referência a aspectos financeiros, como argumento que enviesa sua morte.

É importante salientar que a negligência e a omissão apontada por SD1 de sua mãe e do grupo escolar, e a origem humilde e o analfabetismo dos avós de SD2 dificultaram seus pedidos de ajuda, inviabilizando, portanto, a possibilidade de um tratamento de saúde.

A passibilidade de pedir ou não ajuda incide no batimento entre vida ou morte. Segundo dados da OMS (2000), um número significativo de casos de suicídio poderia ser evitado se os sujeitos implicados tivessem acesso a um tratamento adequado. Ainda de acordo com a OMS, o pedido de ajuda nessas situações envolve a rede de apoio (família, amigos) que, quando acionados, muitas vezes não sabem como agir frente a essa situação, alguns acham que é frescura, tentativa de chamar atenção, por isso “fazem vista grossa” ou levantam argumentos que acarretam culpa, como: você tem saúde, sua vida é boa, você tem tudo, está reclamando de barriga cheia, o que reforça o sentimento de culpa e angústia do sujeito implicado. Para Botega (2014), os fatores vinculados ao suicídio são complexos e são resultados da associação de fatores sociais, biológicos, culturais, ambientais e psicológico, que muitas vezes ocasionam transtornos mentais como uma “possível depressão no caso de SD1, SD2 e SD3”.

Pensando de forma ampla sobre o conceito de (de)negação, podemos pensar

que a falta de conhecimento e de habilidade que resultam em dificuldades para lidar com situações complexas como o adoecimento psicológico e o suicídio ativam o mecanismo de defesa denegatório, a fim de aliviar a sensação de insuficiência e impotência acerca da morte e de nossas limitações. Negando a situação eu não preciso me haver com ela.

Na carta, SD1 segue orientando suas alegações sobre a mãe questionando as modificações comportamentais e as atitudes incautas, diante de algumas imprudências que despertam estranheza, como por exemplo: “*Porque ela não pergunta o motivo de eu usar tanta blusa de manga comprida?*”.

A expressão “*blusa de manga comprida*” remete a uma possibilidade de automutilação, é crescente o número de jovens que cometem ferimentos autoinfligidos; podemos confirmar a omissão referida SD1 no seguinte relato: “*Quantos cortes eu não fiz*”.

Isso traduz a dificuldade de SD1 em assimilar a falta de interesse e desconfiança da mãe pelos seus movimentos. O nosso corpo é passível de comunicação, nossas roupas e adereços comunicam coisas sobre nossa realidade, sejam sobre as nossas crenças, valores, inseguranças ou até mesmo sobre nossas dores. As cicatrizes e ferimentos oriundos da automutilação sinalizam um sofrimento interno significativo, do qual, a pessoa tenta aliviar seu martírio envolto de vários sentimentos negativos, por meio da dor física. Nessa dinâmica o sujeito traz para o corpo físico uma dor interna, ou seja, uma dor emocional que muitas vezes ficam escondidas por debaixo de uma “*blusa de manga comprida*” (ARAÚJO; CHATELARD; CARVALHO; VIANA, 2016).

A automutilação relaciona-se, via de regra, com a dificuldade do sujeito de lidar com suas emoções, nesse sentido, o sujeito enxerga como saída para aliviar sua carga emocional, as dores oriundas das lesões. Diferentemente do que se pensa no senso comum, essa atitude não se relaciona com a tentativa de chamar a atenção, tendo em vista que as pessoas que se cortam escondem suas lesões (CASTILHO; GOUVEIA; BENTO, 2010). Quando SD1 estranha a atitude de sua mãe de não se preocupar com o fato dela usar tanta “*blusa de manga cumprida*”, na verdade, SD1 possivelmente não se refere apenas ao fato de estar encobrindo por debaixo de suas vestes as lesões físicas, mas também a negligência de sua mãe amplia-se diante das cicatrizes de um sofrimento devastador que já não suportava mais carregar sozinha. Por meio dessa dinâmica denegatória, SD1 chama a atenção para o que estava

escondido por de trás do seu discurso, que estava envolto do desfacelamento da esperança de poder dividir todo seu sofrimento com essa mãe e se sentir acolhida.

É natural o desejo de SD1 em contar com o suporte de sua mãe, uma vez que culturalmente somos condicionados a posicionar as figuras de autoridades em nossas vidas de maneira positiva e com papéis sociais estabelecidos. Nesse contexto, as representações sociais, segundo Spink (1989), podem ser entendidas como um conjunto de características que constituem uma posição. Essas características envolvem imagens, postura, comportamentos e opiniões que trazem informações acerca de uma posição e cujo objetivo é de atribuir significado a uma imagem, função ou papel social. Geralmente a figura paterna está relacionada ao heroísmo, parceria e proteção e não ao abuso, e a imagem da mãe vinculada à doçura, amor, acolhimento e não à negligência.

Diante desse cenário, SD1 se deparou com a desconstrução de elementos, de figuras importantes da sua composição existencial que viabilizam mecanismo de enfrentamento, proporcionando segurança e força no enfrentamento das adversidades da vida.

O sofrimento percebido por SD1 se equipara a uma tempestade turbulenta, uma devastação com a qual não aguentava mais conviver. SD1 em sua carta escancara que precisava dessa representação atribuída à mãe para carregar sua condição emocional.

Para SD2, o seu sofrimento figurativo pode ser apontado como a sua percepção na incapacidade de alcançar uma visão patriarcal que ainda norteia infelizmente a posição masculina por estar vinculada ao sustento da família e a sua potência de consumo. Quando SD2 menciona que uma mulher espera que um homem trabalhe para lhe proporcionar uma vida boa, ele se inscreve nessa posição e articula inconscientemente sua autoestima dentro dessa lógica arcaica. Para fundamentar essa possibilidade, Cecconello (2003) menciona a atribuição à figura masculina nos moldes patriarcais, de provedor e responsável pelo padrão e o sustento familiar.

Nessa faceta, por detrás de tantos porquês resultantes de uma desconstrução figurativa da mãe, pesa o argumento encoberto de SD1, que consiste em: como assim minha mãe não percebe que estou com depressão. Quando SD1 argumenta “*you look at a person smiling and seeming well don't get fooled there are things beyond*” quando menciona que “*depression is not a joke*”, possivelmente, SD1 tenha a dimensão de que estava adoecida e que socialmente parecia bem, mas que não

estava verdadeiramente bem.

Em sua carta, SD1 sinaliza que, quando alguém estava mal, ela oferecia ajuda, mas que não teve ajuda nem de sua mãe a quem ela tanto amava. Já SD2 também condiciona seus escritos nessa dinâmica, relativos à identificação da depressão ao dizer:

Desde meus 15 anos vivendo um looping eu não conseguia levantar da cama, ter uma vida normal era a famosa depressão me comendo todo dia, mas eu tinha que agir como se eu tivesse de boa.

Não conseguia levantar meu corpo tinha 2 toneladas, não conseguia tomar banho não conseguia comer, não sabia se o céu estava nublado não abria a janela, não fazia literalmente nada.

Eu acho que setembro amarelo é uma piada... não 41 importa o que vc fale, se eu quiser me matar... eu vou.

“*Pode guardar essa fitinha, vcs não se importam com quem tem depressão empatia praticamente não existe*”, nesse trecho existe uma regularidade encontrada também no discurso de SD1 sobre a empatia no ponto que se refere às pessoas ajudarem quem precisa de ajuda: ame mais, pegue na mão das pessoas que estão no fundo do poço. Nesse sentido SD2 chama atenção, no momento em que diz: “quando alguém pedir pra vc se sentar do lado, para conversar. Não importa quem seja sente-se. essa pessoa pode estar precisando de ajuda um "vai ficar tudo bem" pode mudar o dia de alguém e eu precisava. Mas ninguém sentou do meu lado e você encontrar alguém precisando de ajuda, ajude, amem mais”. A tentativa de chamar a atenção para a empatia encobre e ressalta novamente a falta de ajuda que ambos alegaram que não tiveram no trecho em que SD1 diz “eu não queria morrer”, “porque ninguém me ajudou”, e no caso de SD2, quando ele menciona “eu precisava de ajuda mas ninguém sentou ao meu lado”. Essa configuração consciente no discurso de ambos e pode estar atrelada à obscuridade que permeia o adoecimento mental. O tema é tido como tabu e é pouco propagado no universo contemporâneo.

Vivemos em um mundo em que as relações estão ficando permeadas por ferramentas eletrônicas, relações cada vez mais superficiais e o foco da vida autocentrado na unidade singular do sujeito. Atualmente não se tem tempo para ouvir, observar ninguém além de si mesmo. Esse contexto fornece terreno fértil para o sofrimento mental, e mazelas como a depressão e o suicídio tem alavancado nesse contexto.

A exposição sobre a depressão no discurso de SD3 não transparece tanta

consciência do seu adoecimento, porém essa possibilidade se faz possivelmente presente no trecho em que o autor relata: “cansei”. O cansar mencionado por SD3 refere-se às trivialidades do dia a dia, acordar, trabalhar, preocupar-se com as contas para pagar, entre outros. O apontamento levantado nos possibilita intuir que SD3 estava deprimida.

Atualmente, a depressão ocupa a quarta posição do ranking entre as doenças de maior ocorrência. Segundo a OMS (2000) dos 121 milhões de pessoas acometidas pela depressão apenas 25% têm acesso a tratamento adequado. A depressão costuma acometer mais mulheres que homens e aproximadamente 15% das pessoas depressivas cometem o suicídio. Infelizmente, o adoecimento em termos de saúde mental é um tabu e o doente é estigmatizado.

A manifestação depressiva está comumente dimensionada com fatores sociais, econômicos, religiosos, hereditários, psicológicos e orgânicos. A depressão compromete o social, a produtividade, a qualidade de vida de maneira geral ocasionando dor existencial e sofrimento. A depressão, de acordo com Angst (1999), costuma se manifestar de forma crônica, em períodos de longa duração ou em períodos episódicos recorrentes, porém todas as formas de manifestação ocasionam prejuízos biopsicossociais ocasionando predisposição alta ao suicídio. O adoecimento depressivo ocasiona um comprometimento inibitório global no sujeito adoecido, minando a maneira em a pessoa percebe sua realidade, relaciona-se em seu contexto e sua leitura de mundo, compromete também o seu psicológico e os aspectos emocionais. É uma doença que compromete aspectos multifacetados, como a mente, o físico e o social ocasionando angústia, o desejo pela morte, o medo de seguir com a vida e a perda da autoestima, proporcionando a percepção de que viver é doloroso, visto que existir vincula-se com apatia, desamparo, dificuldade em se sentir pertencente, dificuldade em organizar suas ideias, dificuldade em enxergar melhora no cenário da vida, sentimento de culpa e uma vontade de acabar com tudo (SOUGEY; AZEVEDO; TAVEIRA, 2001).

A dificuldade relativa ao suicídio para Freud (1915) dimensiona-se pela dificuldade do sujeito de conceber a nossa própria morte. A nebulosidade que rodeia o tema “suicídio”, a desinformação relativa aos comportamentos autodestrutivos da sociedade em geral e no contexto que cerca o indivíduo (família, amigos e sua rede de apoio no geral) dificulta o pedido de ajuda e conseqüentemente um tratamento. No trecho em que SD1 menciona: “*fulana está na bad*”, ela dimensiona essa dificuldade

social de tratar com seriedade uma doença crescente em todo o mundo e que leva a morte. O comportamento depressivo dificulta a pessoa encontrar alternativas para solucionar seus problemas, trazendo a necessidade de fugir da situação colocando a ideia suicida em pauta, levando o sujeito muitas vezes à concretização do ato.

Retomando ao trecho em que SD1 se refere à mãe quando disse: “Porque ela não quer saber o motivo de eu estar tanto tempo trancada no quarto?” Esse seu relato, além de sinalizar sobre a mãe também traz sinais relativos ao desânimo, à falta de vontade de viver e sua necessidade de se fechar de tudo e de todos que de forma direta ou indireta pudessem acarretar mais sofrimento do que ela já sentia, deixando aparente sua solidão, suas angústias e seu sofrimento. Na passagem em que SD1 dispara: “eu não consigo derrubar mais uma lágrima” e também no momento em que diz “mais um dia convivendo com pessoas que me odeiam”, fica evidente sua necessidade de querer ser acolhida.

Para Pisani (1996), nossa condição humana é social e nossa linguagem, nossos sentidos viabilizam nossas iterações podendo remeter a sensações variadas, bem como também promover a sensação de repulsa ou acolhimento. Nossa linguagem possibilita uma comunicação de aspectos importantes que materializam nossas emoções, nossos desejos, nossas necessidades, inquietações, nossas tristezas, etc.

Retomando a fala de SD1 no ponto em que menciona: “Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava”. Associado aos trechos: “*Ela era uma mãe tão atenciosa, o que aconteceu?*”; “*Porque ela demonstra amar mais o irmão*”; “*Porque ela me humilha por erros pequenos*”.

Todas essas interrogações descritas por SD1 sinalizam uma dificuldade familiar/social. Os abraços e beijos, a compreensão da mãe e o mesmo carinho que sua mãe devota ao irmão, fazem falta para SD1 nesse contexto. Esse cenário aponta não só um sofrimento psicológico oriundo de um desajuste social, que ocasionou uma desterritorialização emocional em SD1, aplica-se também para uma questão de defesa denegatória, que não se refere tão somente ao simples negar, mas pauta-se em não consentir sentimentos e fatos inconscientes que permeiam sua angústia e que podem tornar conscientes nossos medos mais significativos, afinal, o que pode ter acontecido com essa mãe que escolheu jogar tudo para “debaixo dos panos”, “o que aconteceu com aquela mãe acolhedora que devia me proteger, porque ela não me ama, não me afaga, não se interessa pela escola e nem por mim e minhas dores,

como ela pode saber e deixar quieto toda a minha dor”. Essa mãe que “está me deixando morrer sem fazer nada”, essa mãe consciente e inconsciente que eu denego para me proteger.

Para Freud (1976) a (de)negação implica a não aceitação do sujeito em reconhecer uma realidade que lhe causa sofrimento. Por meio desse mecanismo de defesa denominado de (de)negação, é possível suspender a repressão de conteúdos reprimidos, trazendo à consciência o que não necessariamente ocasiona sua aceitação. No contexto em que SD1 se refere à sua mãe, a palavra não comparece 7 vezes. Segundo Freud, citado por Furtado (2011), a negativa mereceu atenção a partir de um texto escrito em 1925. Para ele, a negativa pode esconder uma afirmação, constituindo-se em uma suspensão, mas não em uma aceitação. A linguagem utilizada por Freud sobre mecanismo inconsciente de defesa tem relação com a condição sócio-histórica de seu tempo. As delimitações conceituais rigorosas e os neologismos estabelecidos conotam a uma necessidade de ofertar ainda mais atenção no campo da psicanálise (FREUD, 1932/1973, p.3137).

Na visão de Freud (1976), a (de)negação implica um batimento oscilante entre negativa e aceitação. Nesse processo, a pessoa se incomoda em reconhecer uma dada situação, o reconhecimento da situação abrir mão de um conforto pulsional. A (de)negação ocasiona um movimento contínuo entre saber e não querer saber, principalmente porque esses fatos desagradáveis costumam ser dolorosos.

A psicodinâmica da (de)negação pode ser observada na carta de SD1 no momento em que o sujeito coloca que tenha dado alguma pista de que praticaria o suicídio: “*você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz, mas não se engane, sempre há coisas além*”. Os indícios podem encobrir a dificuldade egóica da pessoa se confrontar consciente com o seu desejo de morrer. Nesse texto, SD1 dimensiona que mesmo parecendo feliz, existiam na verdade coisas encobertas em sua vida que não eram transparecidas socialmente no trecho no qual afirma: “*E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma pessoa verdadeira. Aquela feliz que vocês viam era total mentira.*”

Esse trecho explicita que muitas coisas que SD1 vivia eram reservadas apenas ao seu conhecimento, assim como no trecho em que SD3 também menciona que: “*Tem muito mais sobre a minha vida*”.

Nesse contexto, tanto SD3, como SD1 admitem que existem fatos para além do que pode ser manifestado conscientemente ao público de alcance, mas que por

meio das entrelinhas ficam explicitados via elementos (de)negatórios. A carta de SD1 é que transparece outras tentativas de suicídio como na passagem em que diz:

Eu já tentei suicídio outras vezes. E isso é horrível, porque eu já sei a sensação.

Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra, dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga.

Essa manifestação linguística acerca do sentimento de morrer, leva ao encontro de um ato (de)negatório na expressão “eu não queria morrer”, “eu tenho medo de morrer eu não sei o que me espera”.

Esses exemplos retirados da carta de SD1 demonstram claramente a (de)negação: quando SD1 afirma que “não quer morrer” é exatamente morrer que ela busca e justifica sua decisão no decorrer de todo o seu texto, nesse caso SD1 denega sua vontade para se proteger de algo que causa sofrimento que é aceitar que quer se matar. Um dos argumentos significativos que respaldam esses elementos é que a vida lhe pertencia e, como tal, ela tinha o direito de tirá-la, SD2 também se manifesta nesse sentido ao dizer que a decisão de morrer é algo totalmente adulto e nesse sentido SD3, menciona que “É preciso coragem para deixar esta vida”, “Mas eu decidi que posso parar com isso, ser feliz”. Nesse sentido, ambos os autores defendem a sua posição de encerrar sua vida e pontuam em alguma medida que é em busca de aliviar seu sofrimento, já que existir em sua própria pele é algo vazio, triste, angustiante, e que a morte pode aliviar o cansaço e até numa afirmação mais otimista, como a de SD3, trazer felicidade.

Como já foi dito, a (de)negação compreende duas áreas principais: a primeira diz respeito a que tenham dado pistas para as suas ações suicidas iminentes e a segunda diz respeito à negação da responsabilidade por causar o suicídio.

De modo geral, a carta apenas revela a face de um problema de saúde pública global. A tensão decorrente de pressões conflitantes e concorrentes na vida do indivíduo pode ser um precedente ao suicídio, muito em virtude do conflito entre a aspiração e como enfrentar uma crise.

A (de)negação do suicídio revela a extrema dificuldade do sujeito em tentar esconder o seu desejo e, como teorizado por Freud, a pulsão de morte. Desse modo, diante da impossibilidade em lidar com os problemas, resta ao sujeito findar com a própria vida. O suicídio, num contexto psicanalítico, pode ser compreendido na

batalha entre a pulsão de vida e a pulsão de morte em que a morte sai vitoriosa.

A morte sempre amedrontou assim como fascinou os seres humanos desde o início dos tempos. Pensar que a vida tem um fim atormenta as pessoas de modos diferentes, fazendo com que muitos lutem e se esforcem para preservarem as suas vidas. No entanto, numa atitude completamente oposta, estão os suicidas.

Sabendo que a linguagem pode ser compreendida como uma janela para a mente humana, pode-se dizer que a análise de sua carta demonstra que, ao falar que não sentirá dor, é completamente o contrário, visto que a dor é a razão principal de sua atitude: “vcs sempre me fizeram feliz”. Nesse trecho fica evidenciada a negação. Ao dizer vcs sempre me fizeram feliz, SD2 na verdade está dizendo vocês não são o suficiente para me fazer feliz, ou seja, nem mesmo por vocês eu sou capaz de seguir vivendo esse desespero, essa angústia e essa dor que me corrói todos os dias. Nos trechos:

“A cabeça morre e esse ano minha cabeça acabou comigo”, “terminei na minha cama imagine ficar deitado o dia todo e eu não conseguia levantar meu corpo tinha 2 toneladas, não conseguia tomar banho não conseguia comer, não sabia se o céu estava nublado não abria a janela, não fazia literalmente nada”.

Esses escritos de SD2 evidenciam como a depressão tirou sua vontade de seguir a vida, minou sua mente, apropriou-se do seu corpo e acabou com seu emocional, conforme sua fala “minha cabeça acabou comigo”, podemos pensar que como consequência da dor oriunda desse processo, a consequência para SD2 foi acabar sozinho numa cama, sentindo-se sozinho e incoerente frente às obrigações de um jovem adulto de 24 anos que de acordo com suas elaborações “deveria contribuir com a sociedade, não consegui lidar consigo mesmo, quicar com essa sociedade patologizante, cuja lógica capitalista minou com sua estrutura psicológica, trazendo para SD2 a percepção de inferioridade, assim como no contexto de SD3 em que sua decadência profissional e financeira, possivelmente possibilitou um sentimento de vergonha e de frustração ao se posicionar numa limitação diante de suas tantas possibilidades econômicas. O registro de SD2 também é marcado por uma sensação de insegurança e de inferioridade. Tanto o registro de SD2 como o de SD3 trazem questões relacionadas ao constrangimento do *status* social, de um lado SD3, como já mencionado, explicita constrangimento frente ao seu novo contexto e possibilidade social, como SD2 que escancara que terminou com a namorada e que “arrependo até hj” achando que era a vergonha, pois a mãe dela era professora e o pai ganhava

muito dinheiro, e tinham uma casa “topper”, e que ele mesmo não tinha nada, nessa passagem fica evidenciada a sensação de menos valia e ele relata que sempre se sentiu inferior.

De acordo com Leguil (1996) existe uma estruturação que é desencadeada por via da depressão que é fechada em sua significação. Nessa lógica, para o sujeito tudo é insuficiente, negativo e triste. No que tange SD2 seguem exemplos: “eu não sou suficiente”, “eu não tankei a vida” “é muito dano” “me sinto sozinho”, “todos seguiram a vida menos eu”, “fui abandonado por meus pais” “sou pobre”, “sou zuado” “meus pais me abandonaram”, “não tenho perspectiva”. Todo esse discurso pode ter significado baseando-se no real ou até mesmo no imaginário, o que realmente conta é que o sujeito se percebe escravizado nessa lógica, o que direciona seus afetos fundamentando-se em fatores externos, ocasionando a dor de existir, esse movimento neurótico fica sobreposto como melancolia e se manifesta de forma subjetiva em tristeza e desconforto frente as suas limitações, sua tristeza e suas inseguranças. Mas afinal, por que esses autores ficam aprisionados nessa dinâmica de tristeza e sofrimento?

De acordo com Miller (1988) podemos pensar a tristeza como um saber que pode estar na ordem de um saber fálico ou até mesmo de um saber triste. Esses saberes são ineficazes no que tange colocar significação relativa ao gozo. O gozo permanece focado em elementos externos que retroalimenta a dinâmica interna de sofrimento, vinculando o neurótico à máscara, o que falseia as fundamentações, já que não consegue se posicionar em relação ao inconsciente.

Dessa forma, podemos pensar a tristeza como posição de dificuldade e de impotência subjetiva do sujeito sobre o seu inconsciente, a falta de estrutura de entender aquilo que não consegue acessar, o que compromete a validação do seu dizer.

Outra regularidade do discurso tanto de SD1, quanto de SD2 e SD3 relaciona-se ao discurso religioso. Nas cartas dos três autores fica evidenciada a preocupação com o julgamento da morte via suicídio, tentando explicar os “porquês” da situação ter chegado ao ponto de “escolher morrer”. Todos os elementos do discurso ficam permeados por argumentos que visam justificar as motivações de sua ação no sentido do suicídio. No caso de SD1, como já foi dito, abuso e negligência social e a depressão. No caso de SD2, baixa autoestima, questões financeiras e abandono. No caso de SD3, dificuldades financeiras e medo de envelhecer. Uma outra regularidade

também comparece nas três cartas e diz respeito ao discurso religioso. Nas cartas, SD1 fala que pensar no suicídio é ruim, especialmente porque ela não acredita em DEUS e acha que a morte é o fim, conforme trecho a seguir: “Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra. Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. O que acontecerá depois disso? Eu não acredito em deus, eu creio que depois disso não há nada”.

Já para SD2, Deus também não existe e que, se houver alguma possibilidade de existir algo além da morte, gostaria de assombrar sua ex e guiar os amigos conforme o trecho a seguir: “Mesmo sendo ateu, eu espero que tenha algum tipo de vida do outro lado, e que de algum modo eu consiga guiar vcs prometo que dessa vez não levarei para o caminho do mal”.

Na carta de SD3, ela menciona que está partindo em busca de Deus e que Deus a perdoará pela decisão que tomou conforme o ponto em que diz: “Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! Era tudo o que eu queria: ter paz eterna com meu Deus e, se possível, com minha mãe”.

Em suas alegações, SD3 também menciona: “Sei que Deus me perdoará e me aceitará como uma filha bondosa e generosa que sempre fui”.

O ponto religioso presente nas três cartas explicita a tentativa dos sujeitos atribuírem possibilidades a sua morte, no caso de SD1, ela é mais taxativa ao dizer que acredita que depois da morte não existe nada, SD2 menciona ser ateu, porém, possui a esperança de poder existir uma ligação com seu contexto mesmo depois de morto, já no caso de SD3, podemos perceber que ela tem a necessidade de acreditar no perdão divino, frente a sua morte autoinflingida, que em muitas religiões é tida como pecado, e fala de encontrar Deus em busca de paz para fugir do inferno de sua vida. O discurso religioso permeia os dizeres de todos os sujeitos analisados e também pode ser pensado, no caso de SD1 e SD2, como uma descrença no sagrado devido à dureza das suas vidas na terra e uma possível negligência divina que, de acordo com alguns religiosos, DEUS e oração do pai nosso de que DEUS deveria “livrai-me de todo mal”.

Dessa forma, podemos entender que os sujeitos implicados carregam em seu discurso memórias oriundas de diversas formações discursivas e cujo discurso posiciona-se na tentativa de evidenciar as diferenças em suas pontuações como sujeitos de linguagem (GRICOLETTO, 2007, p. 125).

Nas três cartas, os sujeitos dimensionam suas formações discursivas e

ideológicas, manifestas por meio das suas posições religiosas. Para Freud (1907/1976h) a religião restringe-se à dimensão psicológica e para ele a religião é uma inquirição psicológica, com todo afeto e simbolismo advindos de cada crença. Freud entende que homem adere à religião para aliviar o combate existente nas estruturas psicológicas oriundas do desejo e da proibição, para o psicanalista o conflito pode estar pautado na falha dos mecanismos de defesa, quando ocorre uma impossibilidade da defesa estrutural em proporcionar alívio para as angústias do sujeito, esse, então, recorre a religião para aliviar suas pulsões desejantes.

Nessa afirmação, Freud reafirma a utilização dos mecanismos de defesa na dinâmica suicida dos sujeitos analisados.

Na tentativa de evidenciar a (de)negação ainda mais do que o que já foi exposto na análise apresentada, faremos um movimento consciente com o de Freud (1925) em seu texto *A negativa*, para isso lançaremos mão de alguma passagem (de)negatória de cada carta apresentada, quando SD1 menciona:

Eu não queria morrer. E completa com os seguintes apontamentos: “Eu penso que tenho um futuro pela frente” E segue completando: “Eu sei que tenho. Tenho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais shows para ir. Tanta coisa.

Nesse estrato, o autor está dizendo exatamente o contrário, nesse contexto ela está positivando uma negativa, tentando abafar a sua pulsão de morte, que se posiciona no movimento oposto, nesse ponto a direção do desejo de SD1 se mobiliza na direção oposta... é como se o texto se reescrito pudesse sinalizar o seguinte “eu quero morrer”, eu não quero viver para além desse presente triste, não quero mais ouvir músicas, nem ir a shows, nem namorar, minha vida não tem graça e eu não quero mais nada disso.

Outro contexto (de)negatório em que faremos o mesmo movimento é: “Ontem vi pessoas dizendo que a série *13 Reasons Why* influencia jovens a se suicidarem”. E segue relatando: “Mas eu não acho isso”. Na sequência alega: “Eu estava planejando tirar minha vida a meses e essa serie só fez eu parar e pensar: Estou prestes a fazer algo muito idiota”. Afirmando que: “Sim, eu tinha desistido de tirar minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão”. E ao final dimensiona: “Então eu digo: Eu não me matei porque uma série me influenciou, não pensem isso”.

Esse fragmento de seu texto também revela a oposição de sentido que evidencia o movimento (de)negatório, quando o autor fala que a série não a influenciou e que não devemos pensar isso, é exatamente uma afirmação encoberta no efeito de negar. Nesse ponto o autor dimensiona que sim, “tive influência da série e sei que vocês vão pensar nisso”.

Já na carta de SD2 fizemos o seguinte recorte ilustrativo: “Não foi culpa de ninguém, nem de ex namorada, que eu amei pra *kralho*, e fiquei *mt* triste quando acabou, mas não foi culpa dela, pessoa maravilhosa, espero que seja feliz”. SD2 segue complementando seu dizer: “nem foi culpa de amigos, que eu senti *sdds* de sair, conversar e tudo, SD2 ainda menciona também família: ”nem de família, apesar de todos sempre me julgarem, nunca me importei, então nunca influenciaram na minha vida”. E no final SD2 dimensiona: “a culpa foi minha, não *tankei* a vida”.

Nessa passagem, SD2 tenta desviar a real atribuição de culpabilidade da situação em que se encontra, ao dizer não foi culpa de ninguém, na verdade SD2 está atribuindo a culpa para todos os apontados em seu discurso, sua ex pelo fim do namoro, aos seus amigos por o deixarem de lado, aos seus familiares por terem-no julgado. Quando SD2 dispara que nunca influenciaram sua vida, explicita a luta (de)negatória contida em todo seu discurso em que dimensiona os seus sofrimentos pautados em sua solidão pelo isolamento dos sujeitos apontados, e por fim SD2 atribui a culpa também a si mesmo, pelo fato de que ele não soube administrar e lidar com as situações que o levaram ao suicídio.

Já para SD3 os trechos que foram direcionados para esse exemplo são: “Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus”. Na sequência SD3 complementa: “não estou desistindo da vida, estou em busca de Deus. Não é por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em Floripa ou no Sul.”

Nos apontamentos levantados da carta de SD3, a (de)negação comparece fortemente, quando SD3 afirma que não se suicidou, a própria negação já se afirma em si, pelo fato dela realmente ter cometido o ato, ao completar sua fala alegando que partiu para perto de Deus, isso surge em sua defesa na tentativa de amenizar um ato que é tido em algumas religiões como um ato imperdoável, tanto que ela dimensiona no decorrer de sua carta que Deus a perdoará devido à boa filha que ela foi, evidenciando sua inscrição ideológica nas religiões que vislumbram a prática do suicídio como um pecado imperdoável por Deus.

Quando SD3 fala que não é por falta de dinheiro é exatamente sobre isso que

ela está falando, para quem teve acesso a uma vida cheia de luxo conforme menciona, é insuportável em sua percepção se limitar a questões rotineiras desgastantes, como se ocupar em ter dinheiro para coisas triviais.

Dessa forma, podemos concluir que a (de)negação é uma regularidade presente no discurso dos sujeitos implicados nas cartas analisadas. A negativa atua como mecanismo de defesa na tentativa de proteger o sujeito onde uma negação está revestida de uma afirmação na tentativa de reprimir os conteúdos aversivos para cada contexto dos sujeitos. O presente estudo não se posicionou na tentativa de esgotar a temática, mas sim de chamar a atenção para essa recorrência significativa do discurso suicida.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar a (de)negação nas mensagens deixadas em cartas por sujeitos suicidas. A taxa de morte por suicídio é alta, pode-se até mesmo dizer que se trata de um problema de saúde pública. O estudo de notas de suicídio, que podem ser compreendidas como textos sociais, são textos discursivos e que traduzem muito do que está preso na alma do suicida.

O tabu do suicídio é latente na sociedade. O suicídio é estigmatizante e classificado como um ato de covardia. Longe de querer caracterizar, valorizar, denegrir uma pessoa que comete suicídio, buscou-se de fato ler nas entrelinhas de suas cartas o que realmente ela está desejando falar, de forma a compor uma compreensão mais completa desse comportamento.

A pesquisa percorreu um caminho no qual se estudou o suicídio ao longo da História, concluindo que não é algo novo, mas que está intensificando-se nos tempos atuais. Tanto é que as cartas analisadas estavam expostas na mídia. Como os sujeitos de duas cartas são jovens, também se estudou o papel da mídia na prática do suicídio entre os adolescentes.

Na sequência, como a (de)negação é um conceito acerca de uma dinâmica de defesa cuja conceituação fundante é a Psicanálise freudiana, essas cartas foram analisadas à luz da AD, pois todo discurso é uma construção social. Os autores das cartas eram atores sociais que viviam em um cenário histórico-social dominado pela dor e desilusão com a vida, cuja única porta de saída era a morte.

Essas mensagens deixadas em cartas estão ancoradas em um discurso construído dentro da identidade de cada sujeito e procurar compreender o que elas significam realmente e qual o significado que elas contêm pode ajudar a perceber melhor alguns sinais de ideação suicida. Os bilhetes ou cartas de suicídios são textos construídos discursivamente visto que serão lidos após a concretude do ato suicida. Não se tratam de meros informativos, mas sim de algo que exporá as dores de indivíduos que, muitas vezes, mascaram o que estão sentindo e que continuam a mascarar com a sua (de)negação.

Estudos sobre cartas ou bilhetes suicidas buscam, por meio de AD, discriminar o que realmente está querendo ser comunicado e o que está dissimulado nas mensagens, ou seja, a (de)negação. As diferentes linguagens por um ou por outro sujeito suicida garantem um aspecto genuíno a essas cartas cujas análises não se

findam na simples leitura.

As cartas podem ser vistas como portas de entrada para a compreensão da mente suicida. Essas cartas de despedida são produtos de práticas discursivas exatamente por possuírem determinadas formas discursivas, tais como a (de)negação e a linguística que estão além de seu conteúdo. Para isso, é importante lê-las, buscando mensagens que esclareçam o antes e o depois do ato de suicídio em si (o enquadramento dentro de uma linha do tempo), qual a posição do sujeito diante deste ato final e dramático de sua vida.

Também não é fácil ler uma mensagem assim, são textos densos, difíceis, perturbadores: são cartas escritas na beira de um precipício por alguém que está dilacerado pela dor de viver, por alguém que teve a sua alma desnudada pela agonia e pelo desespero em que se encontram nesse momento de suas vidas. Muito embora a carta de SD3 coloque que o sujeito suicida está “absolutamente feliz”, trechos de sua carta contradizem esse sentimento de alegria. Poder-se-ia dizer que essas pessoas são como um lago congelado onde algumas partes são apenas uma camada de gelo fino: ao menor impacto, ele se quebra e revela a água.

Ao estudar uma carta suicida, é preciso ter o compromisso de ler sem julgar, de tão-somente se interessar pelos aspectos opressivos e vulneráveis revelados nas entrelinhas. Não se trata também de curiosidade, mas de buscar dar voz àqueles que, por vontade própria, se autoemudeceram. As contingências da vida foram tão fortes para essas pessoas, foram tão esmagadoras que elas preferiram sair desta existência. Nas cartas pode-se bem perceber aspectos de desigualdade, conflito, vulnerabilidade, impotência, marginalidade, e os sujeitos, por mais que usem a (de)negação (mecanismo de defesa), a fim de negar elementos que lhes causam desconforto, não conseguem burlar essas situações reais vividas.

Essas construções discursivas podem ser estudadas pela AD como uma espiral que cada vez mais se afunila para dentro da alma humana. Um estudo assim demanda cruzar evidências sobre a ideação suicida, sobre AD, sobre a linguística, entre outros. Não há dúvida de que as cartas de despedida são uma janela para a mente suicida e que podem tornar-se uma forma de prevenção ao suicídio. Porém, por mais que se invista nesse assunto, também se sabe que o estudo formal do seu conteúdo ainda não concluirá tudo o que se pode analisar sobre a mente suicida, mas, sem dúvida, as cartas de despedida são uma forma de obter *insights* sobre como os sujeitos pensam diante de tal estado mental. A linguagem é uma mera representação do que

se pensa na hora de sua morte.

A dor psicológica, as relações interpessoais, a rejeição ou agressão, a falta de ajustamento diante da sociedade, entre outros fatores são alguns dos aspectos que se pode levantar diante dessas cartas de despedida. Entre as muitas manifestações que se pode ler nessas três cartas, a fuga da dor, a ameaça de impotência, a rejeição e os sentimentos contraditórios são elementos marcantes. O raciocínio exposto pelos autores é ilógico, mas conseguem mostrar o estado do espírito de cada um e, principalmente, a falta de ajustamento diante da sociedade. A carta de despedida não traz um conteúdo transparente, é preciso mergulhar em suas linhas para perceber realmente quais sentimentos, emoções e problemas o sujeito quer transmitir e que estão disfarçados no processo (de)negatório. Ao dizer “*isso não é da responsabilidade de ninguém*”, é exatamente ao contrário do que o sujeito deseja: ele quer que as pessoas investiguem o que ou quem o teria conduzido a uma decisão tão extrema. Até mesmo para o sujeito é difícil compreender ou apontar como os fatos tomaram esse rumo, ou seja, o que teria acontecido com ele que nada mais pode ser feito, que não há argumentação que o faça mudar de decisão.

Outra mensagem de (de)negação que pode ser vista com frequência é “*não pense em mim*”. Essa mensagem deve ser compreendida da seguinte forma: “*nunca se esqueçam de mim*”. O esquecimento já era visto pelo sujeito como um castigo, pois enquanto vivia, era totalmente despercebido pelos outros, assim como as suas dores e angústias.

Os sujeitos das cartas finalizaram com as suas vidas. As mensagens denegatórias presentes nas cartas analisadas revelam um cenário de dor e desespero, cujos personagens só viam solução com a morte.

Nas cartas analisadas, é possível concluir que os elementos denegatórios se fazem presentes por meio do emprego da palavra “não” ou de conteúdos que encobrem a dinâmica denegatória. O trabalho não objetivou esgotar as possibilidades amplas que abarcam o discurso suicida, porém pode-se comprovar que a (de)negação se encontra ativamente situada no discurso de aflição, desespero e angústia que circunda o ato suicida, que inviabiliza a possibilidade do sujeito de continuar existindo na sua própria pele.

Finaliza-se colocando que o estado da mente do suicida é duplo, assim como as mensagens deixadas em suas cartas de despedida. A (de)negação precisa ser compreendida como um pedido de compreensão do que ele está prestes a fazer.

Essas cartas possuem propósitos comunicativos e a aplicação dos conceitos da Análise do Discurso pode revelá-los, visto que, durante a época em que estavam vivos, os sujeitos conseguiram, muitas vezes, escondê-los por trás de uma aparência enganadora de felicidade.

REFERÊNCIAS

- ABASSE, Maria Leonor Ferreira; OLIVEIRA, Ronaldo Coimbra de; SILVA, Tiago Campos; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva** [online], v. 14, n. 2, p. 407-416, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232009000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2020.
- ADAM, Jean-Michel. **Éléments de linguistique textuelle**: théorie et pratique de l'analyse textuelle. Mardaga: Philosophie et langage, 1990.
- AGREST, Diana Cohen. **Por mano propia**: estudio sobre las prácticas suicidas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- ALMEIDA, Felipe Mateus de. O suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na Contemporaneidade. **Aurora**, Marília, v. 11, n. 1, p. 119-138, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.36311/1982-8004.2018.v11n1.07.p119>>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- ALVES, Isabella Drummond Oliveira Laterza; COELHO, Melissa Batista; ABREU, Angélica Cristina Oliveira; FREITAS, Amanda Pereira Barbosa; PERES, Taís Castro. Suicídio no Brasil: uma compreensão do sofrimento psíquico dos pacientes. **Revista Científica Semana Acadêmica**, Fortaleza, n. 104, 2017. Disponível em: <<https://semanaacademica.org.br/artigo/suicidio-no-brasil-uma-compreensao-do-sofrimento-psiquico-dos-pacientes>>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- AMANTES DA TV. **Leila Lopes fala de carreira e vida pessoal** (Entrevista 2008). Publicado em 14 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jBVxbRgl1IA&t=62s>> Acesso em: 01 jun 2019.
- ANGST, Jules. The epidemiology of depression. **Psychopharmacology**, 106, 71-74, 1999.
- ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos; VIANA, Terezinha de Camargo. O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos Clin**, São Paulo, v. 21, n. 2, 497-515, 2016.
- ARAÚJO, Luciene da Costa; VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF** (impr.), Itatiba, v. 15, n. 1, p. 47-57, abr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712010000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 dez. 2019
- AYUB, Renata Cardoso Plácido; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A clínica psicanalítica com adolescentes: especificidades de um encontro analítico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 582-601, 2011. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2019.

BARROS, Thiago. Internet completa 44 anos; relembre a história da web. **TechTudo**, [online], 2013. Disponível em:

<<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/04/internet-completa-44-anos-relembre-historia-da-web.html>>. Acesso em: 23 ago. 2020.

BASTIDORES DA TV. **Thalia Meireles carta de suicídio**. Disponível em:

<<https://luiscardoso.com.br/politica/2017/04/jovem-se-suicida-no-maranhao-e-deixou-carta-acusando-o-pai-de-te-la-abusado-sexualmente/>>. Acesso em: 01 de jun. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BELLOCH FUSTER, Amparo; OLABARRÍA GONZÁLEZ, Begoña. El modelo bio-psico-social: un marco de referencia necesario para el psicólogo clínico. **Revista Clínica e Salud**, v. 4, n. 2, p. 181-190, 1993.

BERLINCK, Luciana Chauí. A sociedade do narcisismo e da melancolia. **Revista Cult**, v. 11, n. 124, p. 32-35, 2008.

BERTOLOTE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. São Paulo: Unesp, 2012.

BÍBLIA (língua Portuguesa). **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e atual. no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara. Estudo de ideação suicida em adolescentes de 15 a 19 anos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, n. 3, p. 345-351, dez. 2006. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 dez. 2019.

BORGES, Vivian Roxo; WERLANG, Blanca Susana Guevara; COPATTI, Mônica. Ideação suicida em adolescentes de 13 a 17 anos. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, 2008, n. 28, p. 110-123.

BOTEGA, Neury José. Comportamento suicida: epidemiologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014. Disponível em: Disponível em:

<<https://doi.org/10.1590/0103-6564D20140004>>. Acesso em: 14 maio 2019.

BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v. 6, n. 1, p. 2-14, jun. 2013. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Prevenção do Suicídio. Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. **Estratégia Nacional de Prevenção do Suicídio**. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico. **Suicídio. Saber, agir e prevenir**, v. 48, n. 30, Brasília: [Ministério da Saúde], 2017.

BRUNHARI, Marcos Vinícius; DARRIBA, Vinícius Anciães. O suicídio como questão: melancolia e passagem ao ato. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 197-213, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652014000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 abril 2020.

CARLONI, Paola Regina. A história e a constituição da Psicanálise: introdução aos principais conceitos freudianos para entender a subjetividade humana. **RENEFARA. Rev. Elet. Ed. UniAraguaia Centro Universitário**, Goiânia, v.1, n.1, 2011. Disponível em: <<https://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/27>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

CARVALHO, Soraia. **A morte pode esperar?** Clínica psicanalítica do suicídio. Salvador: Associação Campo Psicanalítico, 2014.

CASSORLA, Roosevelt M. S. **Do suicídio: estudos brasileiros**. Campinas: Papyrus, 2. ed, 1991.

CASTILHO, Paula; GOUVEIA, José Pinto; BENTO, Elisabete. Auto-criticismo, vergonha interna e dissociação: a sua contribuição para a patoplastia do auto-dano em adolescentes. **Psychologica**, Coimbra, v. 52, n. 2, 331-360, 2010.

CASTRO, Eliana de. **Psicanálise e linguagem**. São Paulo, Ática, Série Princípios, 1986.

CATELÃO, Evandro de Melo. **Revelando motivos: a argumentação de suicidas sob as perspectivas textual/discursiva e retórica**. 2013. Dissertação (Doutorado em Linguística). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

CECCONELLO, Alessandra Marques. **Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco**. Dissertação (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

CORREA, Humberto; BARRERO, Sérgio Perez. **Suicídio uma morte evitável**. São Paulo: Atheneu, 2006.

COURTINE, Jean Jacques. **O discurso inatingível**: marxismo e linguística. Tradução de Heloisa Monteiro Rosário. Porto Alegre, n. 6, Cadernos de tradução: 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifra o corpo**: pensar com Foucault. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

CREMASCO, Maria Virgínia F.; BRUNHARI, Marcos Vinícius. Da angústia ao suicídio. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 785-814, set. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1663>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

DERTOUZOS, Michael. **O que será**: como o novo mundo da informação transformará nossas vidas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS-SBEGHEN, Edson Pilger; NAVASCONI, Paulo Vitor Palma; MAGRI, Silmara da Aparecida; SILVA, Lucia Cecília da. Suicídio: é preciso falar sobre esse fenômeno. **VI Congresso Internacional de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (VI CIPSI/UEM)**, Maringá, PR, 19 a 22 de maio de 2015. Psicologia e Direitos humanos: formação, atuação e compromisso social.

DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ESCÓSSIA, Fernanda da. **Crescimento constante**: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002. BBC Brasil, 22 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

FAVAZZA, Armando. The coming of age of self-mutilation. **Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 186, n. 5, p. 259-268, maio 1998.

FEDATTO, Carolina Padilha. Falar de si na rede: um espaço para quem (não) sou. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 81-108, 2015a. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/375>>. Acesso em: 11 jun. 2020.

FEDATTO, Carolina Padilha. Perspectivas enunciativas da Negação: efeitos de sentido dos modos de dizer. In: DIAS, Luiz Francisco. **Língua e enunciação**: roteiros e estações [livro eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFMG, Enunciar semântica: enunciação e forma linguística, 2018. p. 32-42. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/site/e-livros/EnuncMaterialidadeLing2018.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2020.

FEDATTO, Carolina Padilha. Sobre as possibilidades de negação na imagem e alguns desdobramentos teórico-analíticos. **Revista ALED**, v. 15, n. 2, p. 27-37,

2015b. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5958944>>. Acesso em: 01 out. 2020.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
FIGUEIREDO, Fábio Luís Rodrigues. Hegel e o momento dialético da denegação [aufhebung] revelado no escrito de Freud: “A Negação” (1925). **Anais do Seminário dos Estudantes da Pós-graduação em Filosofia da UFSCar**, IX Edição, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREUD, Sigmund (1915). O recalque. In: FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. **A negativa** (1925). v. 19. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **As neuropsicoses de defesa**. Obras completas, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1894/2006.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. VI. Rio de Janeiro: Imago, Ed. Standard Brasileira, 1996.

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas** (edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 9). Rio de Janeiro: Imago, 1976h. (Originalmente publicado em 1907).

FURTADO, Dimas Barreira. Do sim e do não: comentários sobre a denegação. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, p. 29-37, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 fev. 2021.

GAY, Martyn; VOGELS, Annick. Depressão na infância e adolescência. In: ALSOP, Pippa; McCAFFREY, Trisha (eds.). **Transtornos emocionais**. Tradução Denise Maria Bolanho. São Paulo: Summus, 1999 (cap. 3; p. 65-80).

GILES, David. **Psychology of the media**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

GOMES, Juliana Oliveira et al. Suicídio e Internet: análise de resultados em ferramentas de busca. **Psicologia e sociedade**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 63-73, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000100008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 dez. 2019.

GRICOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda.

Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007

GUILHARDI, Hélio José et al. (orgs.). **Sobre comportamento e cognição:** expondo a variabilidade. v. 8, p. 210-217. Santo André: ESETec, 2001.

HANNS, Luiz Alberto. **Dicionário comentado do alemão de Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOLMES, David S. **Psicologia dos transtornos mentais.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HYPOLITE, Jean. Comentário falado sobre a *Verneinung*. In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.893-902.

HYPOLITE, Jean. **Ensaio de psicanálise de filosofia.** Rio de Janeiro: Livrarias Taurus-Timbre, 1989.

INDURSKY, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. **Cad. est. ling.**, Campinas, v. 19, p. 117-122, jul./dez. 1990.

JUSTO, Luís Pereira; CALIL, Helena Maria. Depressão – o mesmo acometimento para homens e mulheres? **Rev. Psiq. Clín.**, v. 33, n. 2, p. 74-79, 2006.

KERNIER, Nathalie de; CUPA, Dominique. Adolescência: muda psíquica à procura de continentes. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XV, n. esp., p. 453-467, dez. 2012.

KNOBEL, Maurício. A síndrome da adolescência normal. In: PICHON, Arminda Aberastury de; KNOBEL, Maurício (eds.). **Adolescência normal:** um enfoque psicanalítico. 10. ed. Tradução S. M. G. Ballve. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981. Original publicado em 1970.

KUCZYNSKI, Evelyn. **Suicídio na infância e adolescência.** Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. *Psicologia USP*, v. 25, n. 3, p. 246-252, 2014.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **O seminário – livro 20 – mais ainda.** Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Do inconsciente ao real.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. **O seminário:** livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand (1982). Trad. Pedro Tamen. **Vocabulário da Psicanálise.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEGUIL, François. As depressões. **Correio**, 14, Escola Brasileira de Psicanálise, abr. 1996.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Ed. Paulus, 2010.

LOVISI, Giovanni Marcos et al. Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 86-93, 2009.

MARCONI, Marina Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação dos dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002, 282 p.

MARÍN-LEÓN, Letícia; OLIVEIRA, Helenice; BOTEGA, Neury José. Suicídio no Brasil, 2004-2010: a importância de pequenos distritos. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 32, n. 5, p. 351-359, 2012.

MARQUES, Welisson. Metodologia de Pesquisa em Análise do Discurso face aos novos suportes midiáticos. **Domínios de Linguagem Revista Eletrônica de Linguística**, v. 5, n.1, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>>. Acesso em: 11 ago. 2020.

MENDES, Iba. **O suicídio na Idade Média**. [on-line], 2011. Disponível em: <http://www.ibamendes.com/2011/03/o-suicidio-na-idade-media.html> Acesso em: 02 fev. 2020.

MENDONÇA, Flávio Valério Moniz. **Suicídio na adolescência**. Dissertação (Mestrado integrado em Medicina). Artigo de revisão. Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, área científica de Psiquiatria, 2015.

MILLER, Jacques-Alain. A propósito de losafectosenla experiencia analítica. In: **Matemas II**. Buenos Aires, Argentina: Manancial, 1988.

MINOIS, Georges. **História do suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária**. São Paulo: Unesp, 2018.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, v.19, n. 3, p. 445-453, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572015000300445&lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Prevenção do suicídio – um recurso para conselheiros**. Departamento de Saúde Mental e de Abuso de Substâncias. Gestão de Perturbações Mentais e de Doenças do Sistema Nervoso. Genebra, 2006.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Folha informativa – Suicídio**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839>. Acesso em: 27 dez. 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Universidade Estadual de Campinas. **Prevenção do suicídio**: manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. Brasília: [Ministério da Saúde], s.d.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Suicide, in Society at a Glance 2019**: OECD Social Indicators, OECD Publishing, Paris, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/0ef32604-en>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 5. ed. Campinas: Pontes, 2009a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009b.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto**: formação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Textualização do corpo: a escritura de si. in: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos Sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. Trad. P. Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, editora da Unicamp, 1990.

PEREIRA, Camila Corrêa Matias; BOTTI, Nadja Cristianne Lappann. O suicídio na comunicação das redes sociais virtuais: revisão integrativa da literatura. Artigo de investigação. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, n. 17, jun. 2017.

PEREIRA, Diego Henrique. **Discurso e tecnologia**: derivas de sentidos na rede social Facebook. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2016.

PEREIRA, Diego Henrique. Sentidos de privacidade no Facebook: o cadeado como perspectiva de poder de comando e ilusão de estar no controle. **Revista Entremeios: revista de estudos do discurso**, v.14, p. 93-110, 2017. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/430.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

PIMENTA FILHO, Jorge A. Negar é no fundo querer recalcar: notas a partir da leitura do texto Die Verneinung. **Rev. Estud. Lacan.**, Belo Horizonte, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-07692010000100012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 abr. 2020.

PISANI, Elaine Maria. **Temas de psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. RESMINI, Enio. **Tentativa de suicídio**: um prisma para a compreensão da adolescência. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

ROBERTS, Kirk; HARABAGIU, Sandra M. Statistical and similarity methods for classifying emotion in suicide notes. **Biomedical Informatics Insights**, v.5, n.1, p. 195-204, 2012.

ROSSI, Livia Martins; CID, Maria Fernanda Barboza. Adolescências, saúde mental e crise: a história contada por familiares. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, São Carlos, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S252689102019005013105&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SA, Celso Pereira. de Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (org.) **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo, Brasiliense, 1993; cap.1, p.19-45.

SILVA, Elizabete Bianca Tinoco. **Mecanismos de defesa do ego**. [online], 2010. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0212.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

SILVA, Marcimedes Martins. **Suicídio** – trama da comunicação. 2. ed. São Paulo: Livrus, 2017.

SOUGEY, Everton Botelho; AZEVEDO, Ana Paula; TAVEIRA, Ana Claudia de A. (2001). Depressão na prática clínica. In: FIGUEIRA, Norma Arteiro; COSTA JÚNIOR, José Iran et al. (autores). **Condutas em Clínica Médica**. 2. ed. São Paulo: Medsi editora, 2001.

SOUZA, Edinilsa Ramos de; MINAYO, Maria Cecília de Souza; MALAQUIAS, Juaci Vitória. Suicídio entre jovens em capitais selecionadas do Brasil. **Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.18, n. 3, p. 673-683, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S0102311X2002000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SUNKEY, Bruno. **História do suicídio**. [online], 2016. Disponível em: <<https://brunosunkey.blogspot.com/2016/05/historia-do-suicidio.html>>. Acesso em: 02 fev. 2020.

TEIXEIRA, Ana Maria Fortaleza; LUIS, Margarita Antonia Villar. Suicídio, lesões e envenenamento em adolescentes: um estudo epidemiológico. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. spe, p.31-36, maio de 1997. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411691997000500004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 nov. 2019.

THE SOCIAL DILEMMA. Direção: Jeff Orlowski. Roteiro: Davis Coombe, Vickie Curtis, Jeff Orlowski. Estados Unidos: Netflix, 2020. 1 vídeo (89 min.). Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/81254224>>. Acesso em: 30 set. 2020.

VIEIRA, Fernando; ARAÚJO, Thiago. Karl Marx: sobre o suicídio. **Entropia**, Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 132-137, 2016.

WASELFISZ, Júlio Jacobo. **Mapa da violência 2014: os jovens do Brasil**. [online], 2014. Disponível em: <https://infonet.com.br/sysinfonet/images/secretarias/cidade/158908/Previa_mapa_violencia_2014.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2020.

WERLANG, Blanca Susana Guevara; BORGES, Vivian Roxo; FENSTERSEIFER, Liza. Fatores de risco ou proteção para a presença de ideação suicida na adolescência. **Revista Interamericana de Psicologia**, v. 39, n. 2, p. 259-266, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26610518_Fatores_de_Risco_ou_Protecao_para_a_Presenca_de_Ideacao_Suicida_na_Adolescencia>. Acesso em: 15 dez. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Preventing Suicide: a global imperative**. Genebra, 2014. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/131056/1/9789241564779_eng.pdf?ua=1&ua=1>. Acesso em: 15 dez. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Young people's health – a challenge for society**. Report of a WHO study group on young people and health for all. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986.

ANEXO A – CARTA DE SD1

Eu sei que a decisão que eu tomei foi totalmente desqualificada e imoral. Quem diabos é para tirar a própria vida? Mas eu posso dizer uma coisa: Pra que serve o livre arbítrio? A vida é minha, a essência é minha. Respeitem.

As pessoas passam a vida inteira julgando tudo que veem. Jogam palavras que não voltam, olhares que machucam, rejeitam, maltratam, usam. Isso dói, tá legal? O ser humano vai guardando isso dentro de si até formar uma grande bola prestes a explodir. Você pode ver uma pessoa sorrindo, parecendo feliz, mas não se engane, sempre há coisas além. Por isso somos cegos. Nunca vemos além.

Aquela menina sentada de cabeça baixa tá precisando de ajuda. Mas o que as pessoas fazem? “Fulana está na bad”. Que sociedade maldita. Como se tristeza fosse algo irrelevante, que não precisa de atenção. Idiotas. Quando é tarde eles se perguntam o que tinha de errado. Pais que não veem seus filhos se cortando, se drogando, se destruindo. Escolas que não veem o bullying debaixo do seu nariz.

Pais que estrupam os filhos, mães que humilham, irmãos que rejeitam.

Malditos. Malditos.

Tudo isso acima faz a mente humana enlouquecer, sabia? Ela definha, fica angustiada e cheia de coisas inexplicáveis, pensamentos perigosos. Você vê no jornal aquele jovem que matou inúmeros estudantes e julga. Já parou pra pensar o que levou ele fazer aquilo? Será que não foi a hipocrisia e idiotice da sociedade? Essa sociedade que nos coloca em um lugar durante anos, em total humilhação e depois quer escolher um futuro pra nós.

Ninguém nunca vê. Até que é tarde.

Eu não queria morrer. Eu penso que tenho um futuro pela frente. Eu sei que tenho. Tenho mais amigos para fazer, mais músicas para escutar, mais pessoas para namorar, mais shows para ir. Tanta coisa.

Mas sabe o que eu e outras milhões de pessoas pensam sobre isso? “Eu não tenho força de vontade para continuar. Eu não sou forte, eu não consigo seguir em frente sem derrubar mais uma lagrima”. Sejam mais gentis, por favor. Amem mais, ajudem mais, veem mais, peguem na mão de pessoas que estão se afogando. Dê sua mão. Dê um sorriso.

Eu tenho inúmeros motivos para ter feito o que fiz. Meu próprio pai me abusou e foi por isso que eu morri por dentro. Eu fui morrendo durante dois anos. Fui vendo minha

morte sem poder fazer nada a respeito. Quantos cortes eu não fiz? Eu até apelei a drogas, o que não resultou em nada. Meu pai iniciou a destruição.

Minha mãe me tirou minha rotina e passou a assistir tudo em total inconsciência. Eu sei que ela via, mas quem disse que ela percebia? Ela era uma mãe tão atenciosa, o que aconteceu? Porque ela ficou tão alheia? Porque ela demonstra amar mais a meu irmão? Porque ela não me ama? Porque ela não me abraça e me beija assim como ela faz com meu irmão? Porque ela me humilha por causa de um erro tão pequeno? Porque ela não pergunta como foi meu dia na escola? Porque ela não quer saber o motivo de eu estar tanto tempo trancada no quarto? Porque ela não pergunta o motivo de eu usar tanta blusa de manga comprida? Ela tá deixando eu morrer sem fazer nada. E eu não quero as lágrimas de meus pais. Eu sentiria nojo delas. Eu sentiria nojo porque eu passei a odiar meu pai e odiar minha nova mãe. Porque eu ainda amo aquela mãe que me abraçava e me beijava. É como se ela não me amasse mais porque fui usada pelo meu pai, como se ela sentisse nojo de mim. Sim, ela sabe do abuso, mas jogou pra debaixo do tapete. Assim como aquela maldita escola em que eu passei os piores momentos da minha vida.

Eu já tentei suicídio outras vezes. E isso é horrível, porque eu já sei a sensação. Pensar em suicídio é uma coisa, mas planejar e ir no ponto é outra. Dá aquele aperto no peito, aquela sensação de frio na barriga. “O que acontecerá depois disso?” Eu não acredito em deus, eu creio que depois disso não há nada. Mas enfim, fazer isso é difícil. Eu sou muito covarde. Eu irei deixar muita coisa no mundo e o mundo irá perder muita coisa. Eu sou diferente. Eu sou uma daquelas pessoas que os outros precisam. Às vezes acho que sou hipócrita porque eu vejo pessoas depressivas e vou ajudar, dar conselhos, tirar a pessoa daquela situação. Mas eu não faço isso comigo. Porque não dá mais.

Droga, eu queria tanto ficar aqui. Porque ninguém me ajudou antes?

Ontem vi pessoas dizendo que a série 13 Reasons Why influencia jovens a se suicidarem. Mas eu não acho isso. Eu estava planejando tirar minha vida a meses e essa série só fez eu parar e pensar: Estou prestes a fazer algo muito idiota”. Sim, eu tinha desistido de tirar minha vida por causa de uma série, mas depois algo mudou. Eu voltei com a decisão. Então eu digo: Eu não me matei porque uma série me influenciou, não pensem isso.

Eu me matei porque eu não aguentava mais existir assim. Eu já estava morta, o que mais eu serviria nesse mundo? Uma garota totalmente sem essência, sem nada por

dentro. Já imaginou um oceano no meio da tempestade? O céu escuro? É assim dentro de mim. Mas tudo silencioso. Tudo muito destruído e silencioso. Tudo muito angustiante e doloroso. É difícil acordar de manhã e pensar: “Mais um dia em que irei ter lembranças más” “Mais um dia ao lado de pessoas que não me amam, que me odeiam” “Mais um dia sentindo uma imensa vontade de chorar em todos os momentos” “Mais um dia desejando morrer”

Então eu quero pedir que sejam mais tolerantes. Depressão não é frescura. Não neguem ajuda a aqueles que estão angustiados, no fundo do poço.

E quando forem se lembrar de mim, pensem em uma Thalita verdadeira. Aquela feliz que vocês viam era total mentira.”

Adeus.

ANEXO B – CARTA DE SD2

Sempre fui o tanto faz eu sempre fui a pessoa que ia atrás pra conversar eu sempre precisei conversar, minha cabeça nunca aguentou as loucuras que se passava por lá pensar sozinho é algo muito ruim, vc cria milhares de situações inalcançáveis começou com 15 anos, quando me mudaram de sala no ensino médio me colocaram numa sala com pessoas q eu nunca conversei na vida pelo simples motivo de eu conversar com meus amigos

nova sala eu não falava com ngm, era zuado por muitos otários, mas eu nunca liguei, eu sempre fui o que tinha a melhor resposta e olha q eu tava gordo, era fácil me atingir kkkj mas ai começou a ansiedade, a vontade de não levantar... de não ir pra escola, de não fazer nada...

sempre preferi ser o engraçado, o que ia pra diretoria afinal o que puxa mais atenção do que um palhaço?

não percebi foi que meus amigos de verdade seguiram em frente um trabalha praticamente 24hrs, o outro mudou de cidade é, 2 amigos... fazer o que? Eles tem mais amigos, diferente de mim mas nunca me deixaram de lado...desde meus 15 anos vivendo um looping eu não conseguia levantar da cama, ter uma vida normal era a famosa depressão me comendo todo dia mas eu tinha que agir como se eu tivesse de boa eu fui criado pelos meus avós, eles são do sitio... se hoje vc precisa ficar numa sala com uma pessoa de ensino superior pra falar sobre depressão imaginem meus avós, q nem ler sabem, jamais iriam identificar que eu tinha algo.. pra eles eu só era preguiçoso ainda mais eu q fico o dia todo no quarto, na frente do computador q só sai pra ir no banheiro e dormir e eu nunca comentei nada pelo simples motivo de não deixar eles preocupados atualmente eles estão velhos o suficiente pra me perder.

“Não foi culpa de ninguém. Foi uma escolha exclusivamente minha ninguém teve participação nisso. Na verdade, é algo que eu venho pensando há muito tempo. A vida pra mim nunca foi algo interessante, estudar, trabalhar, ter uma carreira? Uma família? E se eu não conseguir nada disso? Falhei em ser um ser humano? Não sei, sempre me julgaram por não me importar com o futuro eu só era a pessoa que queria que todos da rodinha dessem risada mas se eu não estivesse na roda tbm não faria diferença sei lá... sempre fui o tanto faz eu sempre fui a pessoa que ia atrás pra conversar eu sempre precisei conversar, minha cabeça nunca aguentou as loucuras que se passava por lá pensar sozinho é algo muito ruim, vc cria milhares de situações

inalcançáveis tbm nunca pensei em trivialidades, aprender a cozinhar? levar o lixo pra fora? eu sempre vivi de devaneio isso começou com 15 anos, quando me mudaram de sala no ensino médio me colocaram numa sala com pessoas q eu nunca conversei na vida pelo simples motivo de eu conversar com meus amigos na sala anterior nessa nova sala eu não falava com nmg, era zuado por muitos otários mas eu nunca liguei, eu sempre fui o que tinha a melhor resposta e olha q eu tava gordo, era fácil me atingir kkkj mas ai começou a ansiedade, a vontade de não levantar.. de não ir pra escola, de não fazer nada... acabou q. reprovei no 1º ano eu queria fazer 18 anos logo pra não precisar voltar pra escola então finalmente fiz 18, isso já no segundo ano, arrumei uma namorada, acho q era 2012 nunca disse pra ela q eu era um repetente ela era linda e inteligente demais pra mim... mas eu fui com tudo q eu tinha a oferecer bjs e 12cm de pau ela me amou por 2 anos, e fui eu q terminei, me arrependo até hj acho q era a vergonha, a mãe dela era professora o pai ganhava mt dinheiro, casa topper, eu não tinha nada como sempre me sentindo inferior nesse quesito mas eu sempre achei q era mais inteligente que a maioria das outras pessoas mas sempre preferi ser o engraçado, o que ia pra diretoriaafinal o que puxa mais atenção do que um palhaço? foi assim que eu sai da escola... e até o presente momento eu fui um palhaço na vida conquistava pessoas com piadas eu sempre achei q eu era um pessoa inteligente pq eu conseguia fazer piada com qualquer assunto pensava rápido, todos diziam q eu era bom nisso o que eu não percebi foi que meus amigos de verdade seguiram em frente um trabalha praticamente 24hrs, o outro mudou de cidade é, 2 amigos... fazer o que? Eles tem mais amigos, diferente de mim mas nunca me deixaram de lado... e eu odeio aglomeração... meu negócio é 2-3 amigos, uma música e uma conversa... mas era sempre a mesma coisa, desde meus 15 anos vivendo um looping eu não conseguia levantar da cama, ter uma vida normal era a famosa depressão me comendo todo dia mas eu tinha que agir como se eu tivesse de boa eu fui criado pelos meus avós, eles são do sitio... se hoje vc precisa ficar numa sala com uma pessoa de ensino superior pra falar sobre depressão imaginem meus avós, q nem ler sabem, jamais iriam identificar que eu tinha algo.. pra eles eu só era preguiçoso ainda mais eu q fico o dia todo no quarto, na frente do computador q só sai pra ir no banheiro e dormir e eu nunca comentei nada pelo simples motivo de não deixar eles preocupados atualmente eles estão velhos o suficiente pra me perder, os dois sempre falam de morte "acho q não vou estar aqui ano q vem, meu filho" então acho q essa escolha não vai interferir em muita coisabora voltar ao assunto de gado...

meus relacionamentos nunca deram certo, basicamente pq uma mulher procura um homem que trabalhe, que levante 7 da manhã e de bom dia...q diga que a vida é bela, e q vai trabalhar tanto e ganhar tanto dinheiro q não vai sobrar tempo pra dar amor ou cuidar das crianças q vida hein? meu sonho eu nunca dei bom dia pra ninguém, eu acho.. pq eu nunca tive um dia completamente bom uma boa noite talvez pra eu chamar alguém de linda demorava meses, independente da beleza da pessoa eu nunca me importei com aparência, meu negócio é ter aquela conversa q vc lembra no dia seguinte e ri sozinho pra falar q amo então... era muito difícil, pq é algo muito importante pra mim, não posso desperdiçar com qualquer um em 2018 eu disse a palavra amor muito poucas vezes, 90% pros meus 2 amigos pra mulher eu disse q amava tbm, só pra uma.. Era mais especial que pra amigo, pq quando vc diz q ama uma mulher, foi pq ela realmente te conquistou pelo menos na minha cabeça é assim... jkkkk mt romântico, de fato... um amigo vc normalmente cresce com ele... é basicamente da família, come na sua casa e os krajo. meus 2 melhores amigos eu conheço desde os 4 anos de idade já uma mulher q vc conhece, e bate papo e em 2 semanas ta dizendo q ama, tem q ter muita conexão, tem q fazer sua vida girar em torno dela, praticamente eu sou uma pessoa intensa sobre sentimento... se eu digo q amo, eu vou até o fim dizendo q amo, mesmo se terminar o namoro, possivelmente eu vou continuar amando... e isso é ruim pra uma pessoa com essa cabeça merda minha imagine vc amar alguém, mas terminou e não conversa mais, e essa pessoa não demonstra nada por vc? A cabeça morre e esse ano minha cabeça acabou comigo tinha dia q eu tava de boa, feliz, mas minha cabeça não queria q eu ficasse feliz a cabeça queria pensar merda, queria q eu pensasse em coisas sem sentido e a minha boca queria falar, mesmo eu não querendo... e ela falava, acabou com meu relacionamento... acabou com amizades, com tudo terminei na minha cama imagine ficar deitado o dia todo, nesse calor... 30graus+ kkkk é engraçado... mas eu não conseguia levantar meu corpo tinha 2 toneladas, não conseguia tomar banho não conseguia comer, não sabia se o céu tava nublado não abria a janela, não fazia literalmente nada via as mesmas coisas no youtube todos os dias parecia q eu tava vivendo o mesmo dia a semana toda só conseguia pensar nas merdas que fiz errado até hoje é torturante demais... e eu sou torturado por isso há mais de 8 anos mas depois dos 20, quando eu deveria ser o adulto... q contribuísse cm a sociedade de algum modo, o que creio q eu nunca fiz... foi mais ou menos nesse momento q começou a intensificar essa merda de depre hoje eu to com 24, então basicamente 4

anos com esse intenso sentimento de q nada dará certa completa frustração, namoro, trabalho, amigos, tudo... não consigo fazer nada não consigo me esforçar em nada, não consigo superar nada sempre achei q eu tava sozinho no mundo q eu era o monstro de bird box, ngm queria me ver kkkkkk top 10 piadas antes de se matar era um npc, que só respondia o que perguntavam eu já tava pensando em quitar desse joguinho merda hámt tempo mas não conseguia deixar meus avós sozinhos... dia 31/01 eu joguei na mega, olhei no espelho e falei pra mim msm q não faria diferença se eu ganhasse não tem nada a ver com dinheiro, ou bens.. é uma briga pessoal e eu sempre apanhei hoje infelizmente eu apanhei demais dia 01, olhei pro céu e não consegui prometer nada, pq eu não tenho nada pra viver entre ficar na minha cama o dia todo e não estar mais por aqui, eu prefiro ir embora sei que alguns ficarão tristes, mas por favor, lembrem-se das minhas piadas aquelas em momentos inoportunos de risada quando zuarem a minha morte, afinal eu sempre zoei com tudo, não vai ser morto q vou reclamar odeio politicamente correto, eu sempre achei q seria um cara do stand-up fazer o que, se eu não consigo lidar comigo msm, imagine com uma plateia? aliás, eu acho que setembro amarelo é uma piada... não importa o que vc fale, se eu quiser me matar... eu vou...pode guardar essa fitinha, vcs não se importam com quem tem depressão empatia praticamente não existe a pessoa tem q nascer de um anjo pra perceber q as vezes o próximo precisa de ajuda felizmente as pessoas não morrem só de velhice imagine ficar tão triste como eu to agora, mas não poder morrer pq minha expectativa de vida é de 80 anos? E eu tenho q cumprir os fodendo 80 anos? pqp dá até vontade de virar o João de deus pra q viver até os 80?... Só pra fuder a fila do banco e os assentos do busão? Nem, vlw e po Bolsonaro... não vivi o suficiente pra tomar um tiro taokei? Se bem q eu votei no daciolo graças a deus e tbm não vivi pra ver o lula sair da cadeia nem fodendo q eu ia guentar mais 10 anos nessa porra não sei, eu vivi como um adolescente, mesmo tendo 24 mas eu acho q essa decisão mostra que eu cresci o suficiente decidir q não quer mais viver é algo totalmente adulto, se é meu corpo minhas regras, tem q ser pra tudo, não só pra enfiar um shortinhos no cu uns amigos tentaram conversar comigo... eu disse q tava tudo bem q eu ia superar essa tristeza e seguir em frente... mas eu não consegui, fui fraco e se alguém q estiver lendo isso e estiver com o mesmo sentimento pense 2 vezes se vc estiver em dúvida, continue vivendo, nunca se sabe o dia de amanhã vc pode ser feliz, eu poderia ser feliz infelizmente, eu sempre respiro fundo, olho pro teto, e a única coisa q passa na minha cabeça é a corda e cadeira eu sou preguiçoso, vai dar muito

DOS ANÉIS melhor trilogia/filme TWISTED FATE melhor champ do lol coloquem Losingmyreligion do R.E.M pra trocar, é minha música favorita então, como eu disse pra um amigo, a internet criou a depressão e vcs não conseguem sair disso, vcs vão ficar tristes pra sempre pq isso aqui é a primeira e última coisa q vcs fazem no diameu sonho era morar no meio do mato, andar de pau de fora e não falar nenhuma língua conhecida a chance de eu chorar antes de dormir é provavelmente 0 mas não, antes de dormir vc olha o post dela, ou dele.. um desenho com uma frase E VC CHORA kkkkkkkkk a vida moderna é uma merda, felizmente estou me retirando então, flw, vou indo lá E pra vcs, vida que segue.

ANEXO C – CARTA DE SD3

Não chorem, não sofram, eu estou ABSOLUTAMENTE FELIZ!!! Era tudo o que eu queria: ter paz eterna com meu Deus e, se possível, com minha mãe.

Eu não me suicidei, eu parti para junto de Deus. Fiquem cientes que não bebo e não uso drogas, eu decidi que já fiz tudo que podia fazer nessa vida. Tive uma vida linda, conheci o mundo, vivi em cidades maravilhosas, tive uma família digna e conceituada em Esteio, brilhei na minha carreira, ganhei muito dinheiro e ajudei muita gente com ele. Realmente não soube administrá-lo e fui iludibriada (sic) por pessoas de má fé várias vezes, mas sempre renasci como uma fênix que sou e sempre fiquei bem de novo. Aliás, eu nunca me importei com o ter.

Bom, tem muito mais sobre a minha vida, isso é só para verem como não sou covarde não, fui uma guerreira, mas cansei. É preciso coragem para deixar esta vida. Saibam todos que tiverem conhecimento desse documento que não estou desistindo da vida, estou em busca de Deus. Não é por falta de dinheiro, pois com o que tenho posso morar aqui, em Floripa ou no Sul. Mas acontece que eu não quero mais morar em lugar nenhum. Eu não quero envelhecer e sofrer. Eu vi minha mãe sofrer até a morte e não quero isso para mim. Eu quero paz! Estou cansada, cansada de cabeça! Não aguento mais pensar, pagar contas, resolver problemas... Vocês dirão: Todos vivem!!! Mas eu decidi que posso parar com isso, ser feliz, porque sei que Deus me perdoará e me aceitará como uma filha bondosa e generosa que sempre fui.

Aos meus fãs verdadeiros; aos jornalistas imparciais; ao Walter Negrão e sua esposa Orphilia; a LBV; ao Eduardo Gomes; ao prefeito de Itu, Herculano Neto e toda a sua equipe e ao meu amigo Zé meu muito obrigado. Às emissoras que trabalhei, obrigada. E aos colegas maravilhosos, muita luz! A todos os sites dignos que acompanharam a minha vida, SUCESSO!!! Ego, Esther Rocha, Thiago, Odair Del Pozzo, Felipe Campos, não se sintam esquecidos. Não posso citar nomes de amigas, pois aí seria um livro, mas Sueli você é a irmã que eu não tive. Márcia, seja sempre feliz amiga. Magrid, obrigada por tudo! Andréia, do TV Fama, beijo amiga. Tadeu (di Pietro) cadê você??? Desculpe a quem eu esqueci, a vida foi muito mais maravilhosa do que sofrida para mim. Obrigado Jesus, Nossa Senhora e meu Deus, perdoem-me (sic) e recebam-me (sic) como a filha honesta e bondosa que sempre procurei ser! Fiquem com Deus, todos! Se existe sentimento maior que o amor, eu desconheço!